CAMILO CASTELO BRANCO

O ASSASSINO DE MACÁRIO

- TEATRO -



O ASSASSINO DE MACÁRIO

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

PERSONAGENS

A cena é no Porto.

ACTO PRIMEIRO

Sala elegante. Porta ao fundo. Portas laterais no segundo plano. Janela à esquerda, no terceiro plano. Piano encostado à parede direita, no primeiro plano. Canapé à esquerda. Dois contadores pequenos à esquerda e direita. Sofás, cadeiras, e tamborete de piano. Sobre o contador da esquerda utensílios de barbear e espelho. No outro um relógio.

Barnabé, (só)

(Entra pela esquerda, trajo da manhã, traz na mão uma chocolateira e toalha. Chama:)

Sebastiana!... Isto é que foi dormir alarvemente! (Olhando para o relógio)

Já dez horas... e eu sem fazer a barba! (chamando)

Sebastiana! Esta criada é uma calaceira!... Não há doutras... Tive um sonho... Isto de sonhos é uma tolice... Sonhei que estava pescando à cana... numa casinha campestre, com transparentes verdes... e um repuxo!... Ah! O meu sonho de ouro!... Logo que eu casar a filha... Um repuxo... (chamando)

Sebastiana! Com efeito! (Vai à porta do fundo)

Sebastiana! Sebas...

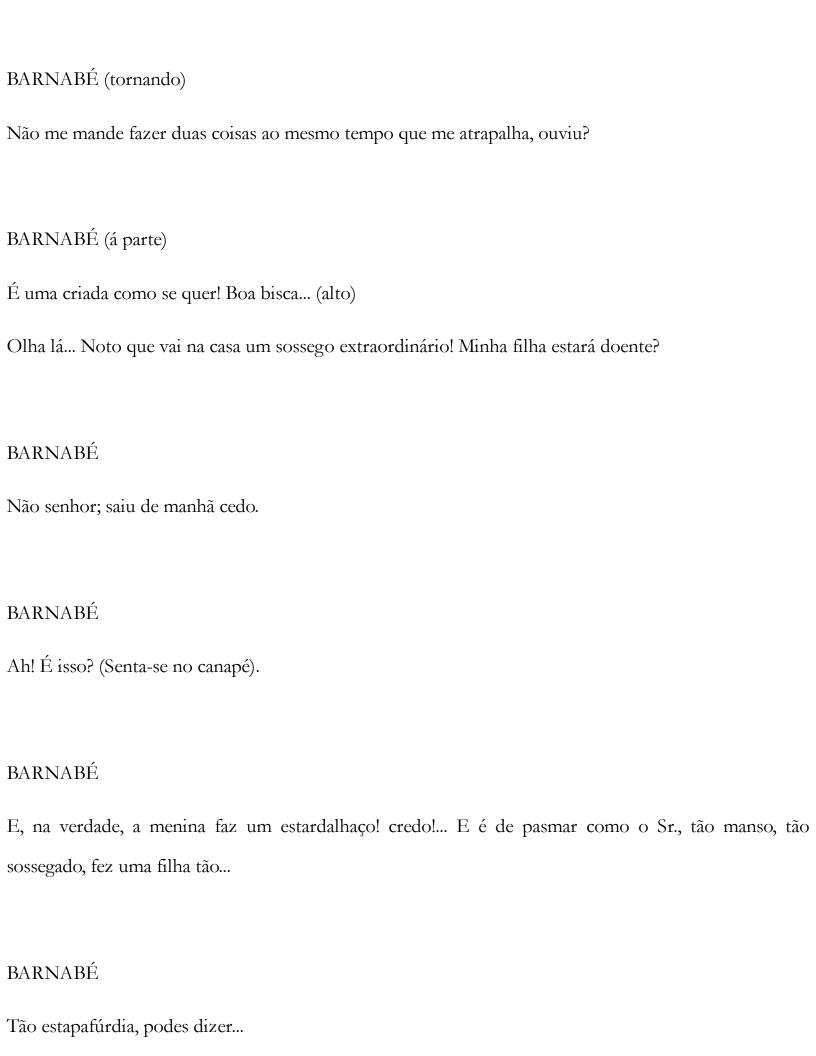
CENA II

Sebastiana e Barnabé

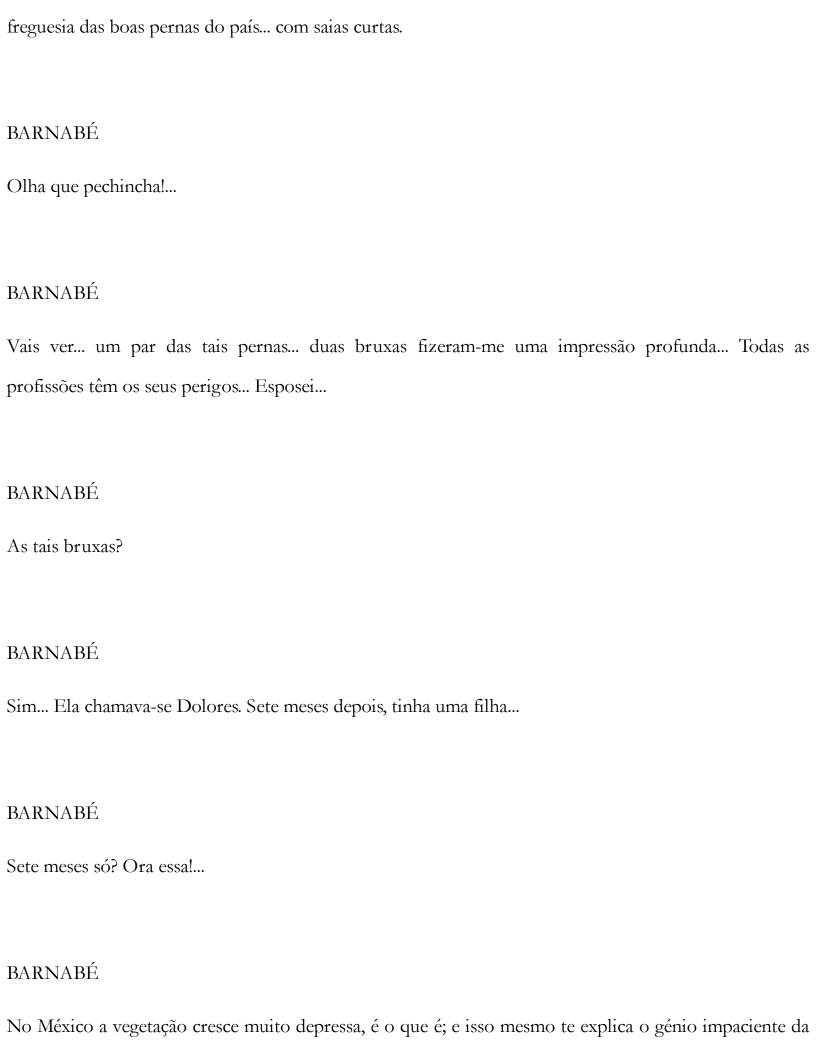
BARNABÉ (entrando pelo fundo)
Aqui estou, senhor!
BARNABÉ
Não me tinhas ouvido?
BARNABÉ
Perfeitamente. O senhor chamou-me quatro vezes.
BARNABÉ
Então porque não vieste logo?
BARNABÉ
Estava a almoçar. Acho que o senhor não pretende que os criados não comam.

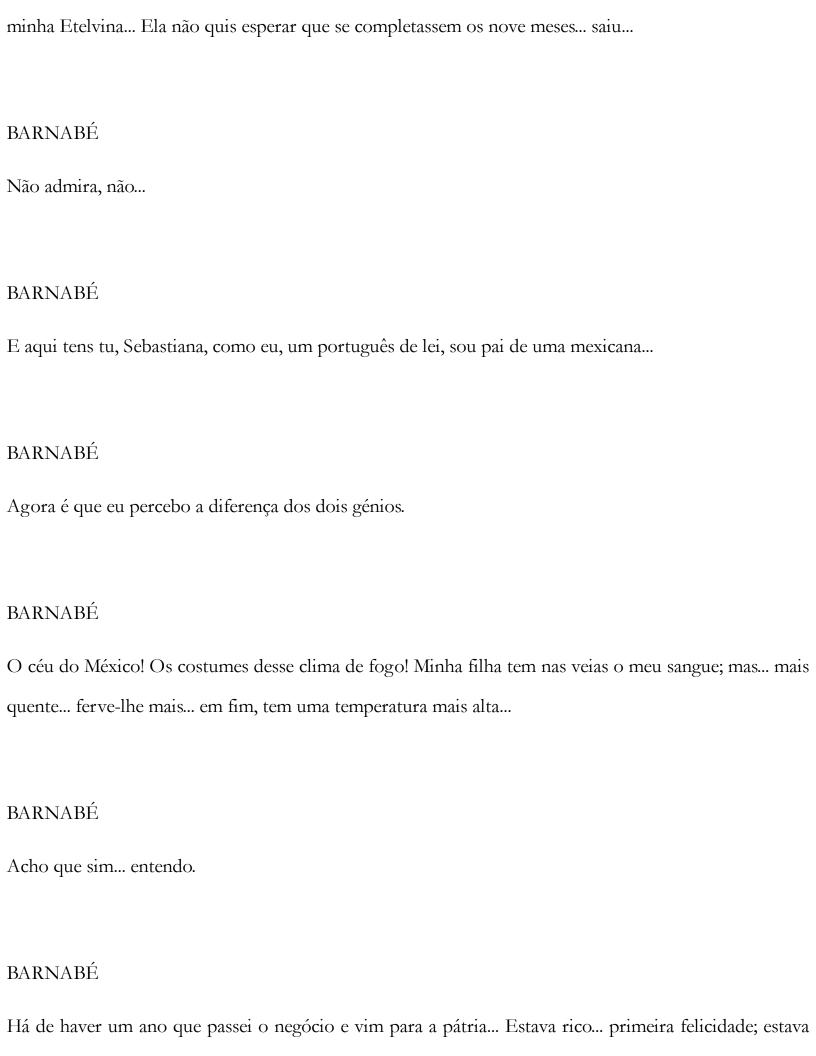
BARNABÉ

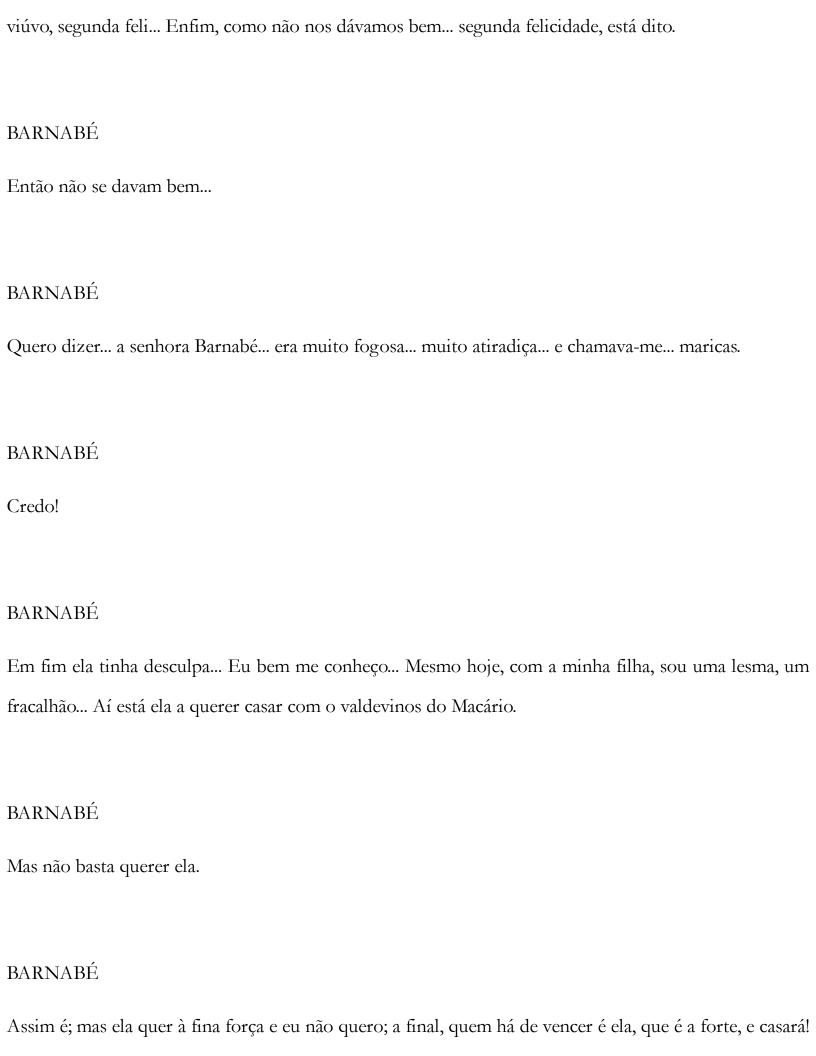
Não
BARNABÉ
Além disso, eu sei que o senhor é pachorrento, um paz de alma
BARNABÉ
Abusas um pouco do meu temperamento.
BARNABÉ
Está enganado eu pelo senhor era capaz de me atirar ao lume
BARNABÉ
Pois bem, vai atirar ao lume esta chocolateira Quero barbear-me. (Dá-lha)
BARNABÉ
Dentro de 15 minutos aqui estou. (Vai sair).
BARNABÉ (chamando)
Olha, Sebastiana

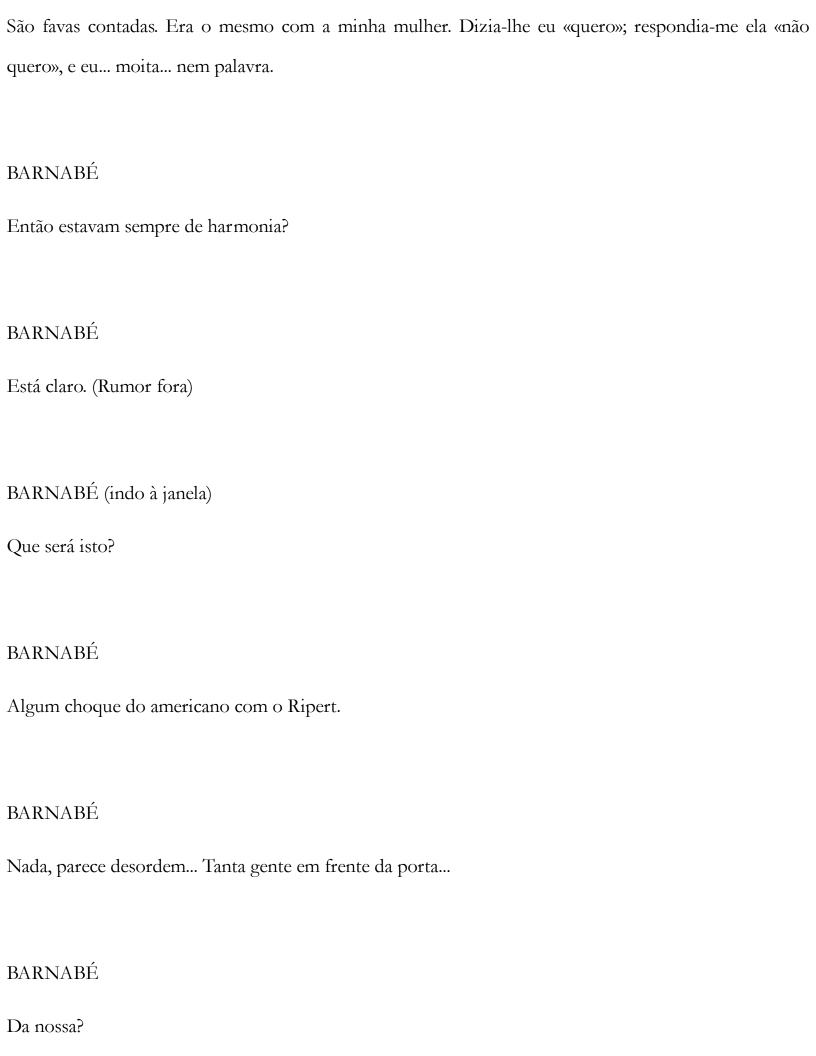


BARNABÉ
É isso, estapafúrdia é uma trovoada Credo!
BARNABÉ
Tu que queres? A natureza tem desconcertos Olha, Sebastiana, eu nem sempre vivi dos meus
rendimentos.
BARNABÉ
Pois sim, sim
BARNABÉ
Tive uma fábrica de ligas em Fradelos.
BARNABÉ
De ligas? Ora vejam
BARNABÉ
Fazia pouco negócio Resolvi ir para o México, porque num país, num país quente, bem percebes,
mostra-se mais a barriga das pernas Fundei o meu estabelecimento no México, e granjeei logo toda a









BARNABÉ

Sim, Sr. Quer que eu vá saber o que é?

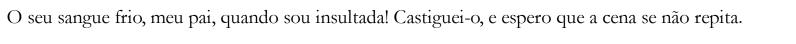
BARNABÉ

Não... que me importa a mim?... Olha se me aqueces a água... anda.

CENA III

Os mesmos e Etelvina (Abre-se com estrondo a porta do fundo. Etelvina entra afogueada e passeia
muito colérica.)
BARNABÉ
Olá! és tu?
ETELVINA
Sim, sou eu. Bom dia.
BARNABÉ
Tu que tens?
ETELVINA
Estou furiosa! (Passa para a direita.)
BARNABÉ
Donde vens?

ETELVINA
De pregar uma bofetada num sujeito.
BARNABÉ
Fizeste isso?
ETELVINA
Num atrevido
BARNABÉ
Talvez imaginasses
ETELVINA
Qual imaginasse! um grosseirão que ousou dizer-me cara a cara: «a menina é encantadora.»
BARNABÉ
E bateste-lhe por isso? Que farias tu se ele te chamasse estafermo?
ETELVINA



BARNABÉ

De te chamar encantadora?... Também me parece que o homem deve ter modificado a sua opinião ao teu respeito... (A Sebastiana)

Que fazes tu aí? a minha água quente?

BARNABÉ

Lá vou já, Sr. Barnabé. (Á parte)

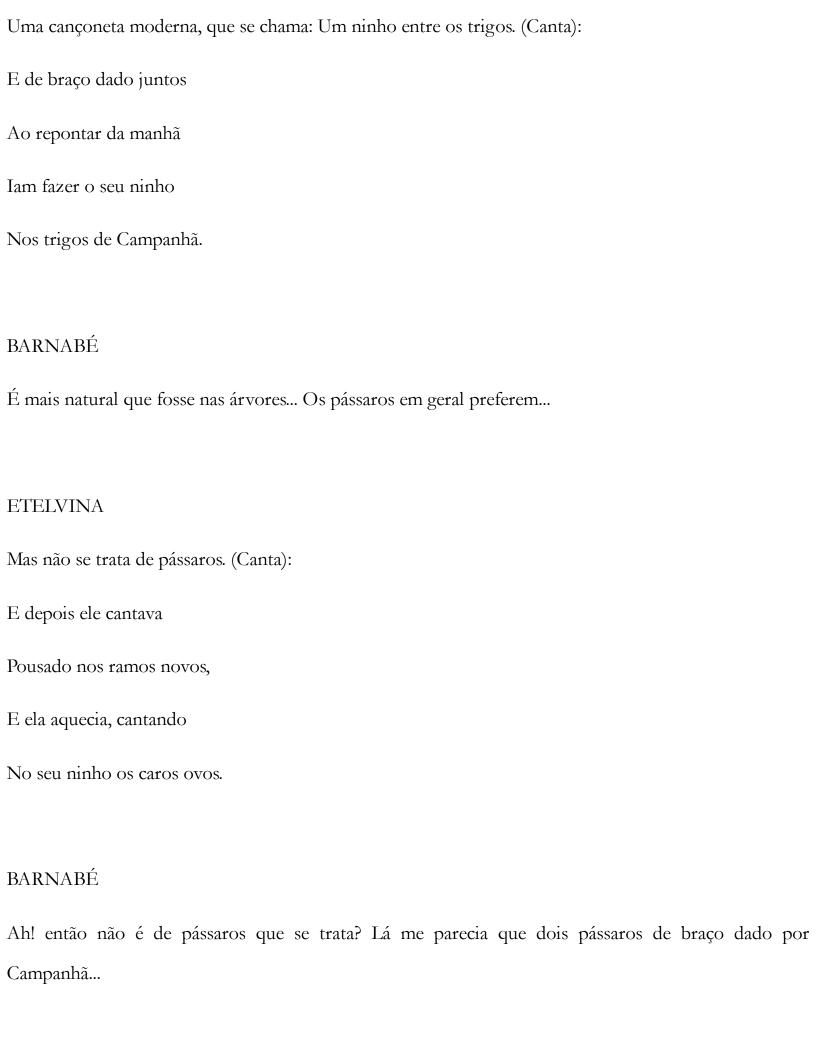
Muito atolambada é esta menina! (Sai pelo fundo).

CENA IV

Barnabé, Etelvina, e depois Sebastiana

ETELVINA (depondo o chapéu e o xaile, vai sentar-se ao piano e canta)
Trai la ri, trai la ri, trai la ró.
BARNABÉ
Isso é um bota a baixo! Agora é o piano que leva a sua conta
ETELVINA (Cantando)
«Na primavera da vida
Ambos e dois muito amigos
Suspiravam por um ninho,
Por um ninho entre os trigos.»
BARNABÉ
Que é isso que tu cantas?

ETELVINA



ETELVINA

É uma menina e um rapaz.

BARNABÉ (pegando na cançoneta com arremesso).

Basta! Deixa ver. (Lê alto as três quadras que ela cantou). E chama a isto um ninho o tratante do cançoneteiro! Quem diabo fez esta coisa?

ETELVINA

Foi um poeta inspirado. Dê-me cá a música, ande!

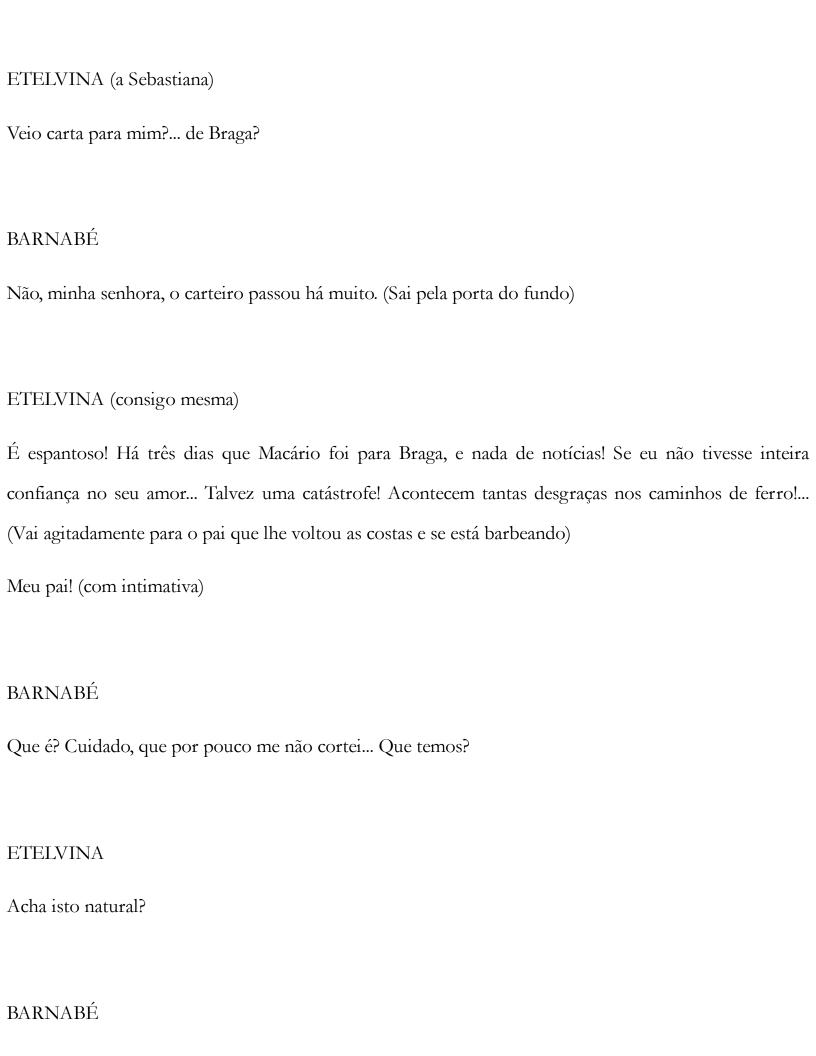
BARNABÉ

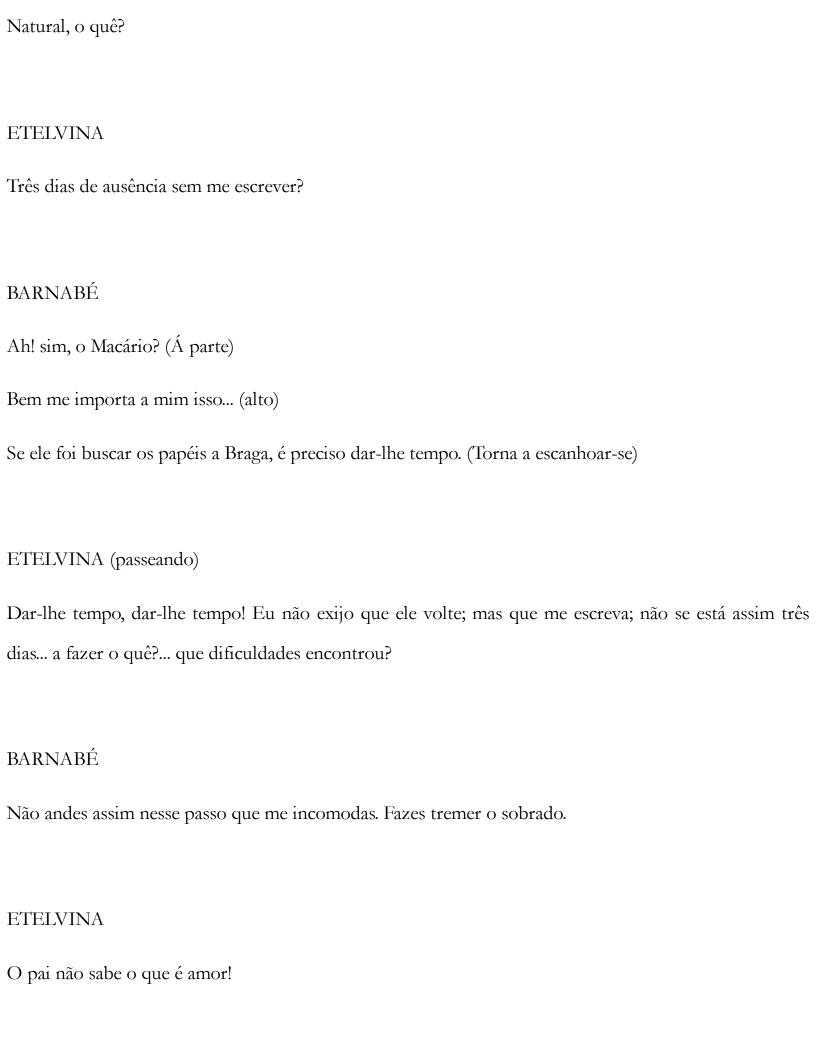
Empresto-ta para a estudares, de tarde, quando eu estiver a dormir a sesta... (Á parte). Mandem lá ensinar piano ás raparigas numa terra em que os poetas inspirados dizem ás meninas que se fazem ninhos nos trigos de Campanhã!... e que se aquecem os ovos... O Porto está pior que o México a respeito de ovos e de ninhos...

BARNABÉ (entrando pelo fundo). Ainda havia água quente. Ela aqui está (Dá-lhe a chocolateira).

BARNABÉ

Bem, vou para o meu quarto (Mudando de ideia). Mas, se estiveres quieta... Um pai pode escanhoar-se na presença da filha (Arranja os utensílios, e remexe o pincel na vasilha do sabonete).





BARNABÉ Soube-o primeiro que tu, e dou-te a minha palavra que depois que a gente sabe o que isso é, e pensa a sangue frio... não vale um caracol o amor... Tu o saberás... **ETELVINA** Há três meses que conheço Macário, e a toda a hora maldigo as formalidades portuguesas, e pergunto de que servem para a gente se casar, papeis, banhos, tabelião, padre, sacristão... BARNABÉ Há pessoas que dispensam tudo isso... mas (com energia) fazem mal... fazem muito mal... Sem tabelião, e banhos, e padre e sacristão não há honra.

Finalmente, logo que Macário chegar com os papéis, não haverá impedimentos...

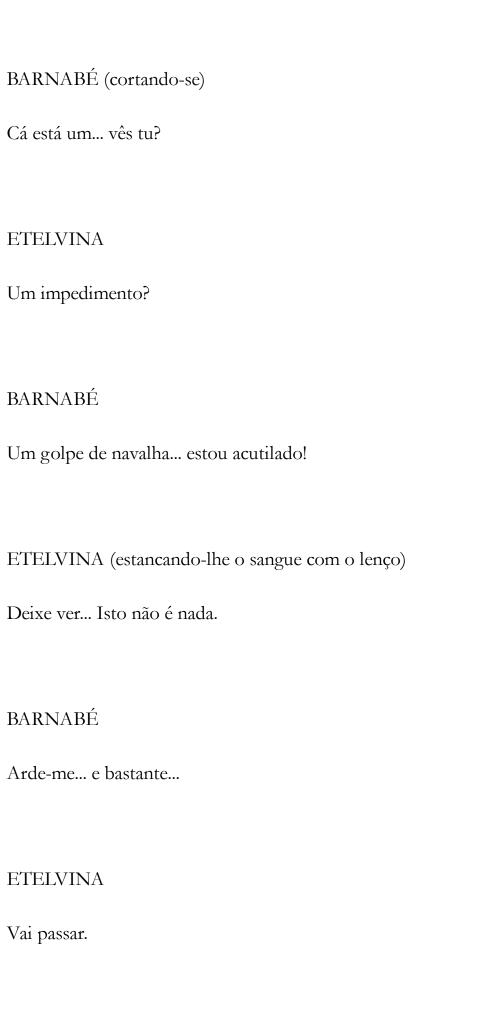
ETELVINA

BARNABÉ

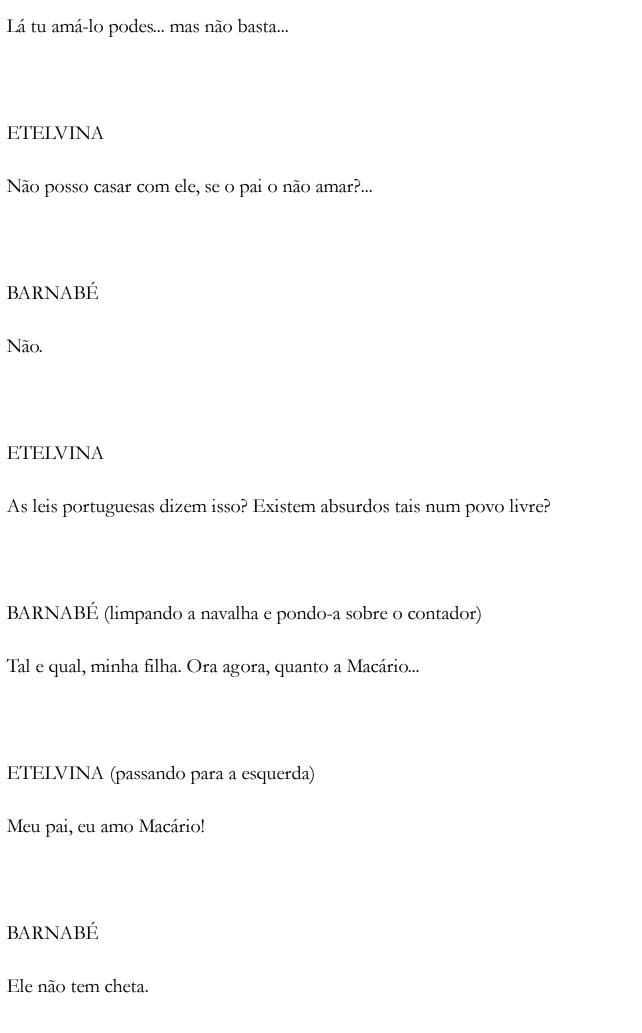
Haverá alguns? diga...

Isso lá de impedimentos... veremos.

ETELVINA (derrubando uma cadeira, e indo direita ao pai)



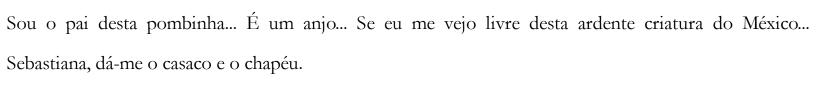
BARNABÉ
Fala-me, se queres, mas lá de longe Eu só de longe é que ouço bem.
ETELVINA (afastando-se e levantando a cadeira)
Faço-lhe a vontade; mas o pai falou de um impedimento desejo conhecê-lo.
BARNABÉ
É o meu consentimento.
ETELVINA
O seu consentimento?
BARNABÉ
Está claro; tu não podes casar sem eu consentir A lei é positiva.
ETELVINA
Que arrelia! Isso quer dizer que, se o pai não ama Macário, também eu não posso amá-lo
BARNABÉ



ETELVINA
Amo Macário!
BARNABÉ
Passa a vida nos bilhares e nas cervejarias.
ETELVINA
Mas eu amo-o.
BARNABÉ
Serás desgraçada com ele.
ETELVINA
Acabemos com isto. Amo Macário!
BARNABÉ
«Amo Macário, amo Macáriol» Estás-me cantando o 1.º acto da Favorita. «Eu o amo, eu o amo!»

ETELVINA
Dá ou não dá o consentimento?
BARNABÉ
Não.
ETELVINA
Não? (Pega da navalha)
O pai é implacável, hein?
BARNABÉ
Que é o que ela tem na mão? Ceus! a minha navalha!
ETELVINA (caminhando e brandindo a navalha e o pai a segui-la)
Trato de me evadir ás leis infames deste país. Suicido-me.
BARNABÉ
Larga a navalha.

ETELVINA
Ultima vez: consente?
BARNABÉ
Consinto: casa com ele.
ETELVINA (largando a navalha e abraçando-o)
Obrigada, meu pai, obrigada!
BARNABÉ
Agora, asfixias-me (Passa para a direita, levanta a navalha e coloca-a sobre o contador)
Cruzes!
ETELVINA
Mas o silêncio dele assusta-me, meu pai! Três dias sem notícias! Vou escrever a Macário; e, se me não
responder, amanhã parto para Braga. Se lhe tivesse acontecido algum revés! (A Sebastiana, que entra
pelo fundo)
Sebastiana, não estou em casa para ninguém, absolutamente para ninguém (Entra pela direita)
BARNABÉ
MIII WINI



BARNABÉ

Sim, senhor. (Sai pela esquerda)

BARNABÉ (só)

Deixá-la casar com o Macário! O que eu quero, sobre tudo, é paz e sossego... O casamento favorece os meus projetos... Falaram-me de uma quinta que se vende em S. Mamede de Infesta. O dono mora perto daqui; vou tratar com ele; e, se não for muito cara, o meu sonho desta noite realiza-se... O repuxo! Ah! o repuxo!

BARNABÉ (entrando com o casaco e o chapéu)

Aqui estão as coisas.

BARNABÉ (despindo o rob-de-chambre)

Obrigado... Ajuda-me... (Vestindo-se)

Irei viver sozinho em paz e sossego.

BARNABÉ

O senhor vem jantar?

BARNABÉ

Sim, mas há de ser tarde. (Sai pelo fundo repetindo)

Em paz e sossego...

BARNABÉ (só)

Muito bom sujeito! (arruma); mas a filha... Ah! tenho pena do tal Macário, se casar com ela! Credo! se eu fosse homem, e topasse uma criatura assim... ó senhores!... Enfim, isto de homens gostam assim das mulheres que puxem por eles... Mas esta ida a Braga... Quem sabe se o tal Macário... an, an... (Toque fora)

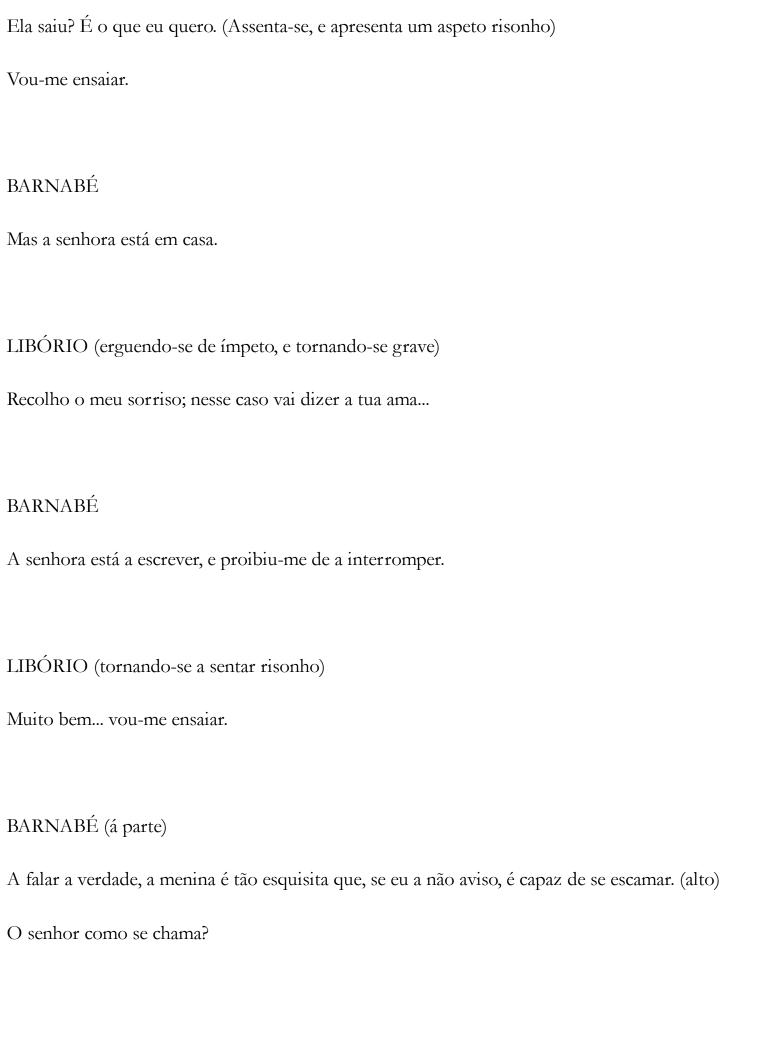
Quem sabe se é ele? (Libório entra pelo fundo)

CENA VI

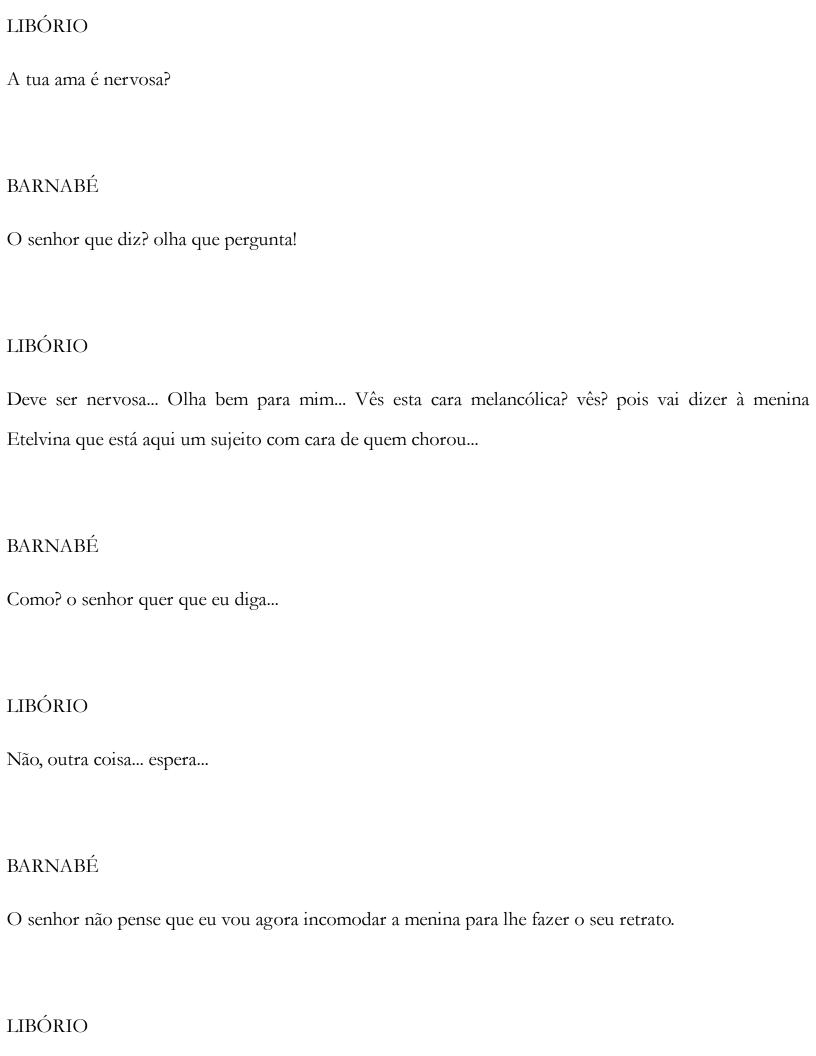
Sebastiana e Libório

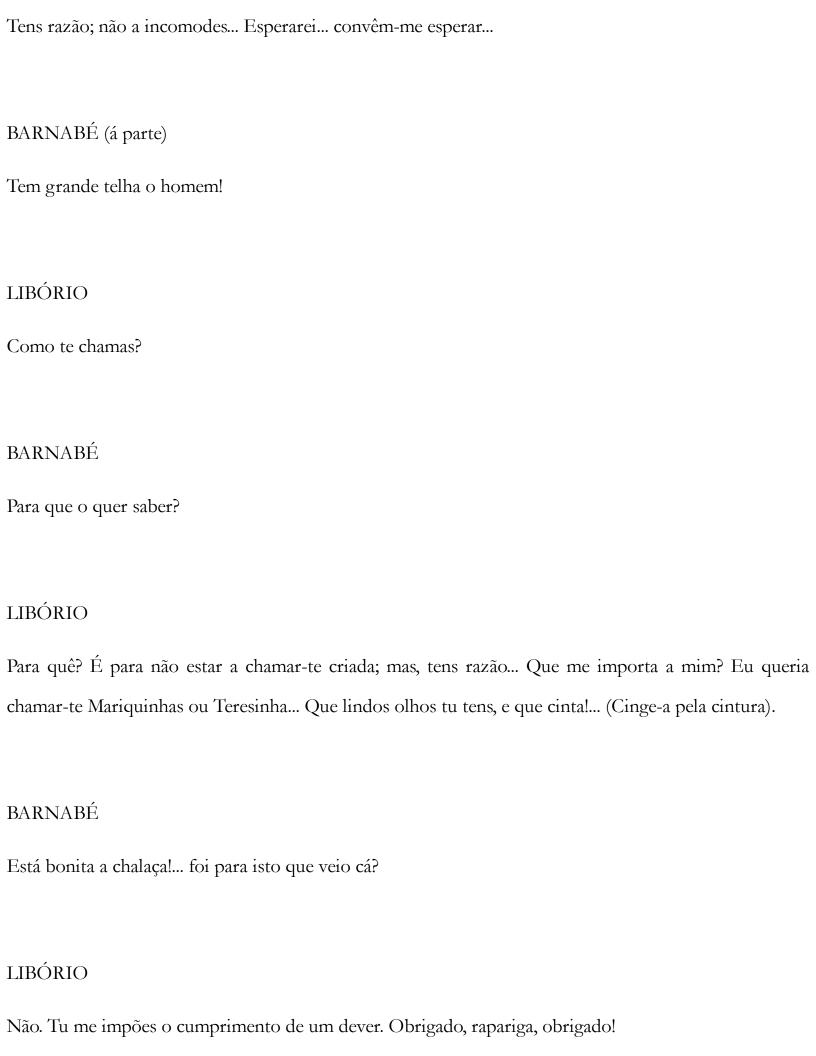
BARNABÉ
Ai! não é ele!
LIBÓRIO
Não é ele: sou eu.
BARNABÉ
O senhor que quer?
LIBÓRIO
A Sr.ª D. Etelvina Barnabé, uma mexicana de raça portuguesa
BARNABÉ
É aqui; mas

LIBÓRIO



LIBÓRIO
Como me chamo?
BARNABÉ
Sim vou avisar a senhora. Quem direi que a procura?
LIBÓRIO
Anuncia-lhe um desgraçado! (passa para a esquerda).
BARNABÉ
Um desgraçado?!
LIBÓRIO
Não (á parte)
Seria parlapatice de mais
BARNABÉ
Então que decide?





BARNABÉ (á parte)

Ele é doido; mas aparelha bem com a minha ama... Cá se avenham, que eu vou para a cozinha. (Sai pelo fundo, levando o rob-de-chambre de Barnabé, e os utensílios de barbear.)

CENA VII

Libório

(só, arrumando à esquerda o chapéu e a bengala)

Eis-me a braços, com a minha missão!... Aquele diabo do Macário!... Acabou-se... Não há remedio... Ontem à noite, entrei no café Lisbonense, e estava lá o Macário a apostar ao bilhar. Assim que me avistou, veio direito a mim, e disse-me: «Libório, és meu amigo?» Eu conhecia-o de ter estado com ele no colégio do Six, onde tínhamos rilhado de parceiros algumas raízes de latinidade. Respondi-lhe: «Sim, sou teu amigo para a vida e para a morte.» - «Para a morte? exclamou ele. É o que eu exijo da tua amizade. Se me amas, vais matar-mel» E em poucas palavras contou-me os seus amores com uma mexicana a quem prometera casamento. «Esta neta de Montezuma, disse ele, não pega como uma obreia - agarra-se à gente como cola forte: é um betume. Quer por força pregar comigo na igreja. Se eu não casar com ela, matame; e eu prefiro antes morrer ás tuas mãos que ás dela.» Falou-me então de uma fantástica saída para Braga, e encarregou-me da missão que venho cumprir... Confesso que não me encarregaria disto sem umas certas intenções... O retrato que ele me fez dessa Etelvina realiza os meus ideais. Uma rapariga selvagem é ave rara no Porto!... Uma mulher que tem nas veias sangue dos Incas!... alto lá com ela! Está no meu gosto. Resolvi, por tanto, relacionar-me com a pequena; e, se me agradar, tratarei de lhe dar algum alívio, e passo a empreender a conquista do México. (Olha para o lado direito)

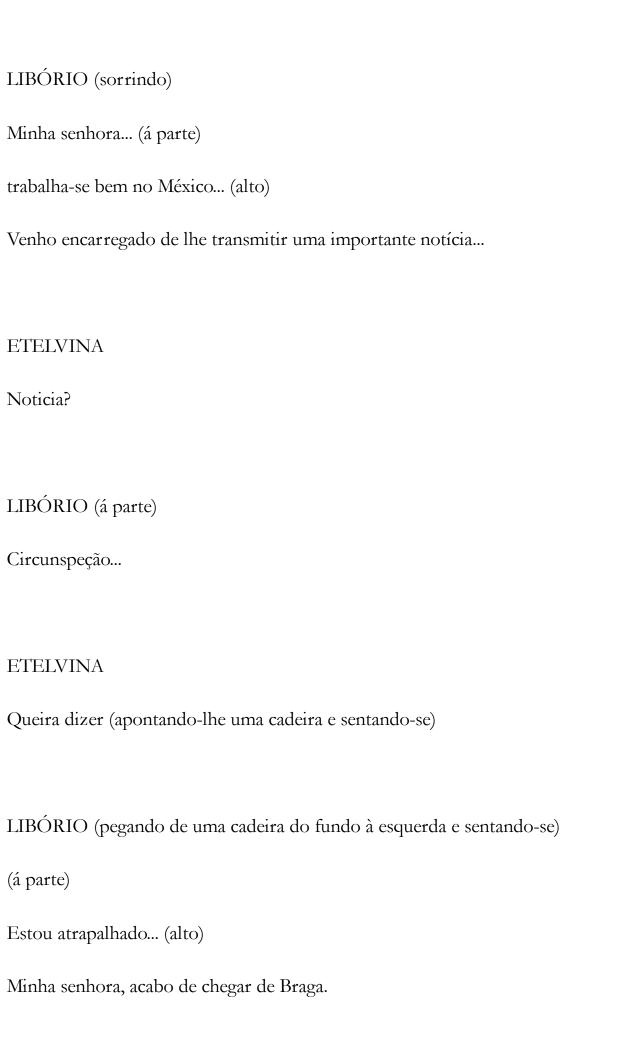
Abre-se uma porta... é talvez a pequena... Agora é que são elas... Firmel...

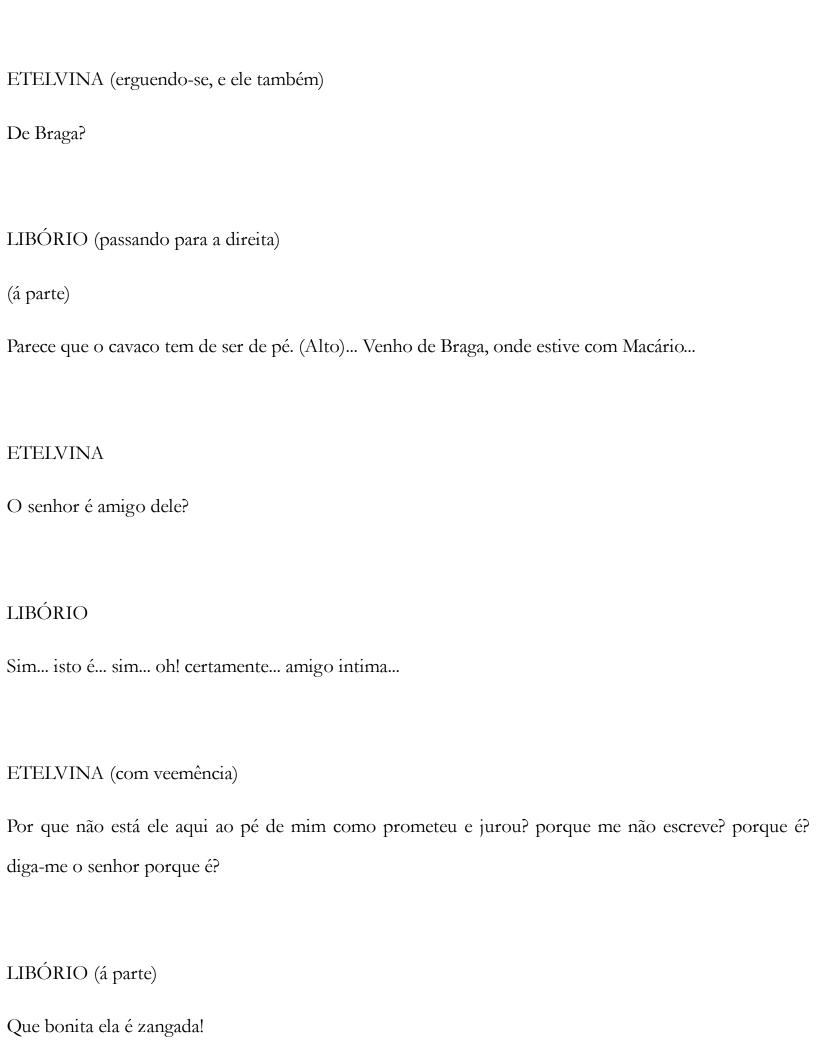
CENA VIII

Libório, Etelvina (entrando pela direita)

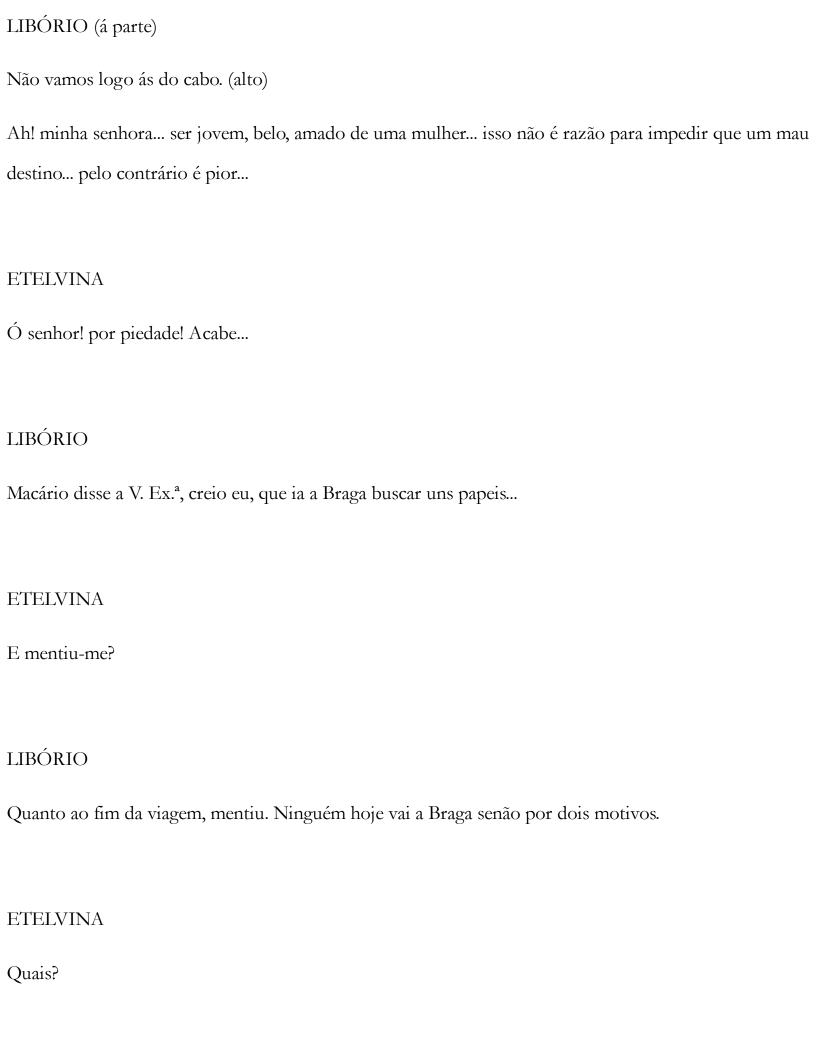
ETELVINA (com uma carta na mão)
Está feita a carta já pro correio (avistando Libório)
Um homem!
LIBÓRIO (cumprimentando)
Minha senhora (á parte)
Fatia! rica natureza!
ETELVINA
O senhor quem procura?
LIBÓRIO
A Sr. ^a D. Etelvina Barnabé.
ETELVINA

Sou eu.

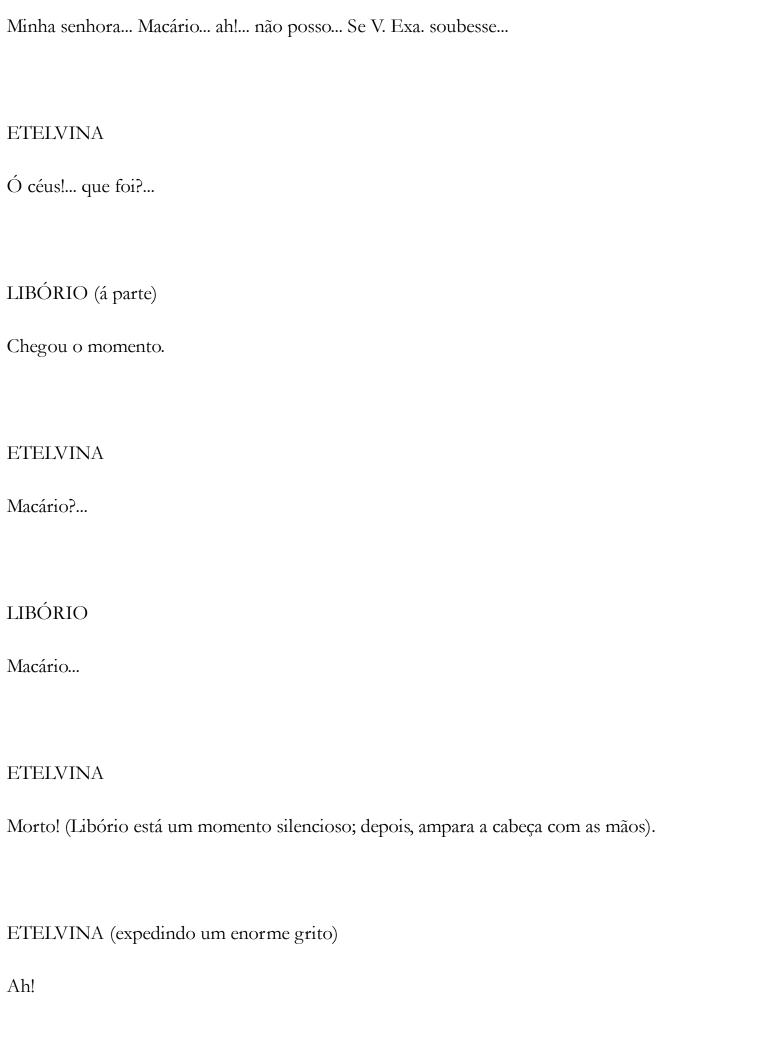




ETELVINA
O senhor não responde?
LIBÓRIO
Responderei. (á parte)
Circunspeção! (alto)
Macário ficou em Braga e encarregou-me de comunicar a V. Exa. as razões que o prendem lá.
ETELVINA
Mas acabe com isso vamos direitos à questão Nada de delongas
LIBÓRIO (á parte)
Também não é feia na impaciência! (alto)
Minha senhora, o imprevisto é o maquinista da existência O acaso arranja uns cenários, umas tramoias
que parecem de peça magica
ETELVINA
Que mais?



LIBÓRIO
Ou se vai ao Bom Jesus ver os judeus e comer frigideiras, ou terçar no campo da honra dois floretes
desde que os duelos no Porto, por muito repetidos, têm a polícia numa constante vigilância.
ETELVINA
Um duelo!?
LIBÓRIO
Um conflito de honra
ETELVINA
Ele foi bater-se? Ficou ferido?
LIBÓRIO
Minha senhora
ETELVINA
Ligeiramente ferido, sim? quase nada? Oh! diga-me que não é nada!
LIBÓRIO





Minha senhora...

ETELVINA

Morto! assassinado... ele!... ah! (Roda sobre si mesma duas vezes e vai desmaiar no canapé).

LIBÓRIO

Hein! ela desmaia!... ora esta! Não a julgava capaz desta tolice! (vai junto dela)

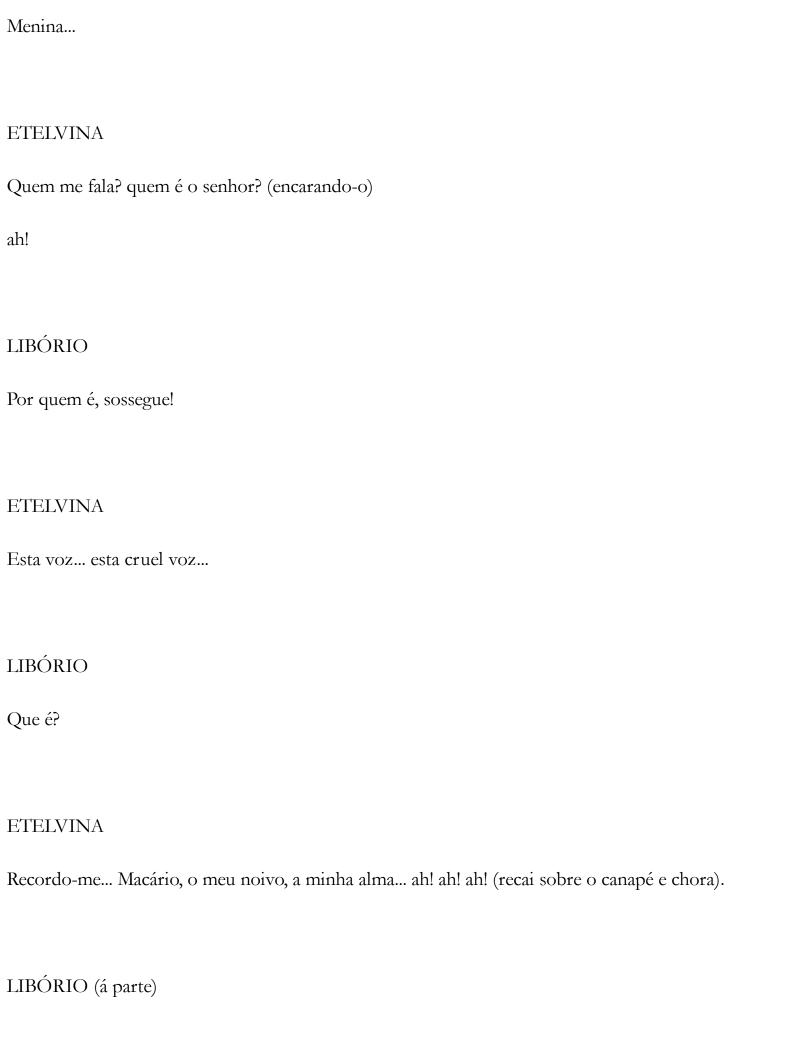
Menina... Acho que chamo alguém... Mas que historietas se vão arranjar com este caso!... Menina, peçolhe que recupere os sentidos... Se eu a despertasse... Mas é preciso mexer-lhe nos colchetes... Não, não me atrevo a fazer tanto... O coração bate-lhe... Estou mais sossegado... É gentil!... é mais que gentil, é formosa! Isto é bom a valer!... E aquele parvo do Macário a desdenhar... Ela está ganhando cores... já lhe tremem as azas do nariz... e pestaneja. Volta à vida... Se eu me safasse agora... (Vai a querer sair e retrocede)

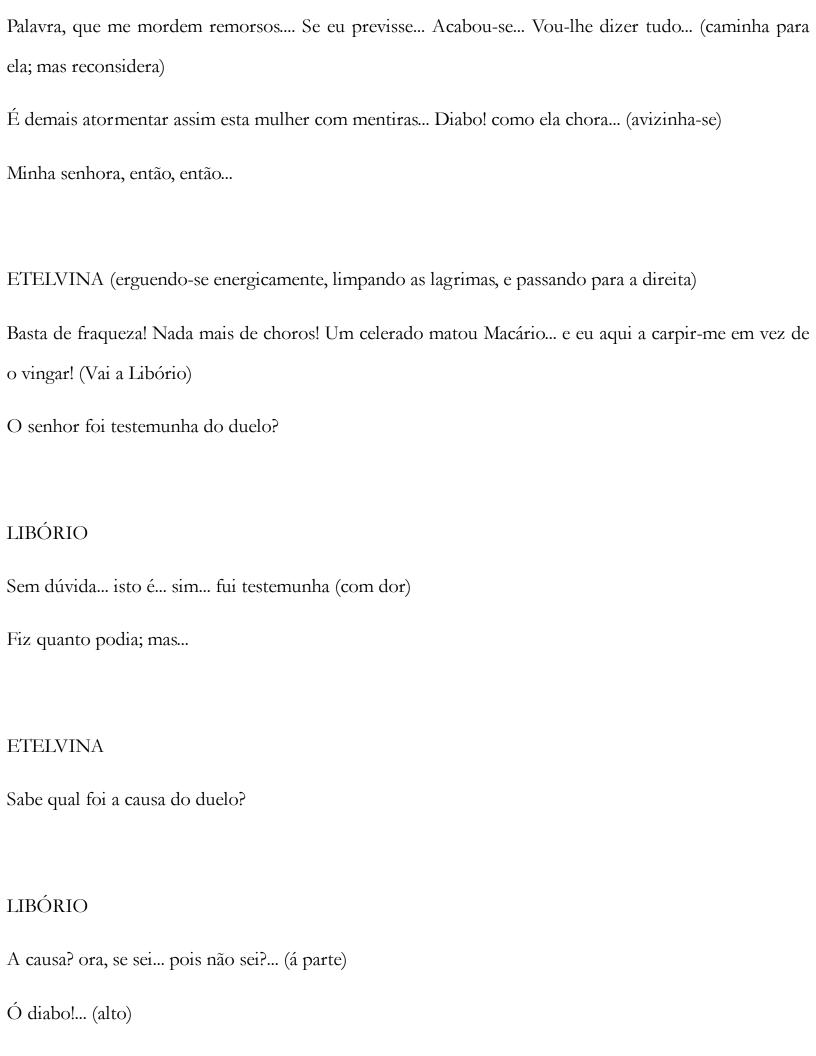
Não: já agora fico, suceda o que suceder.

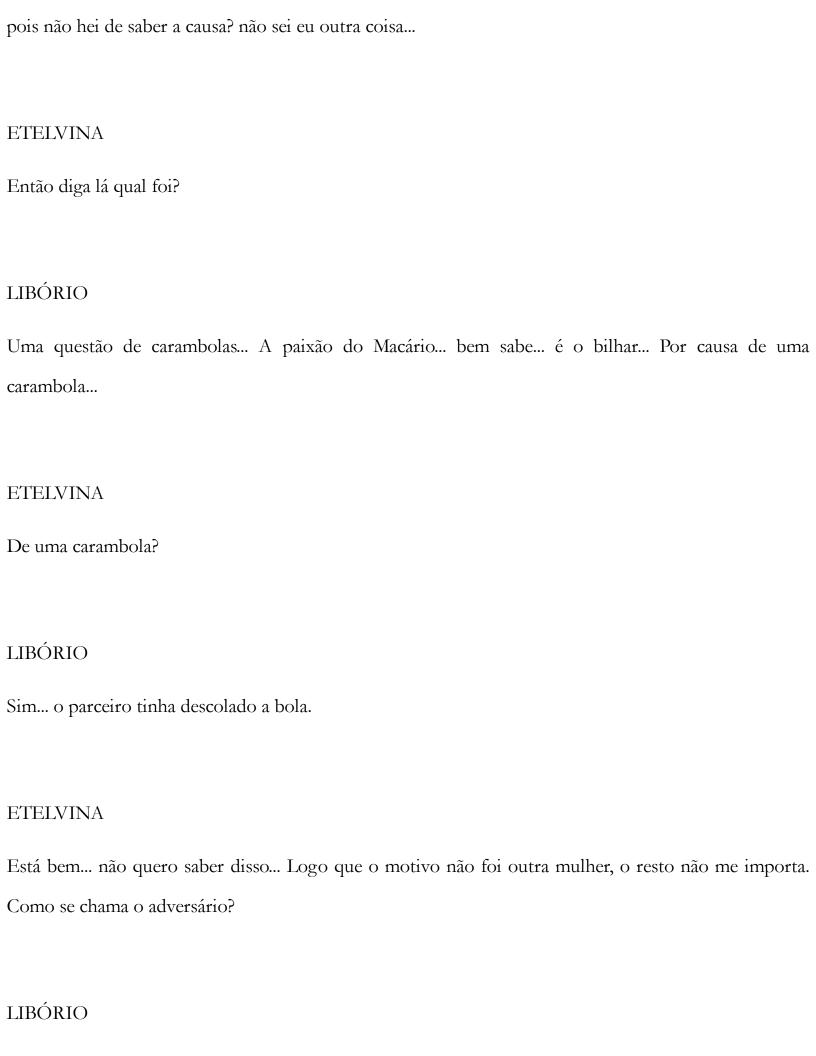
ETELVINA

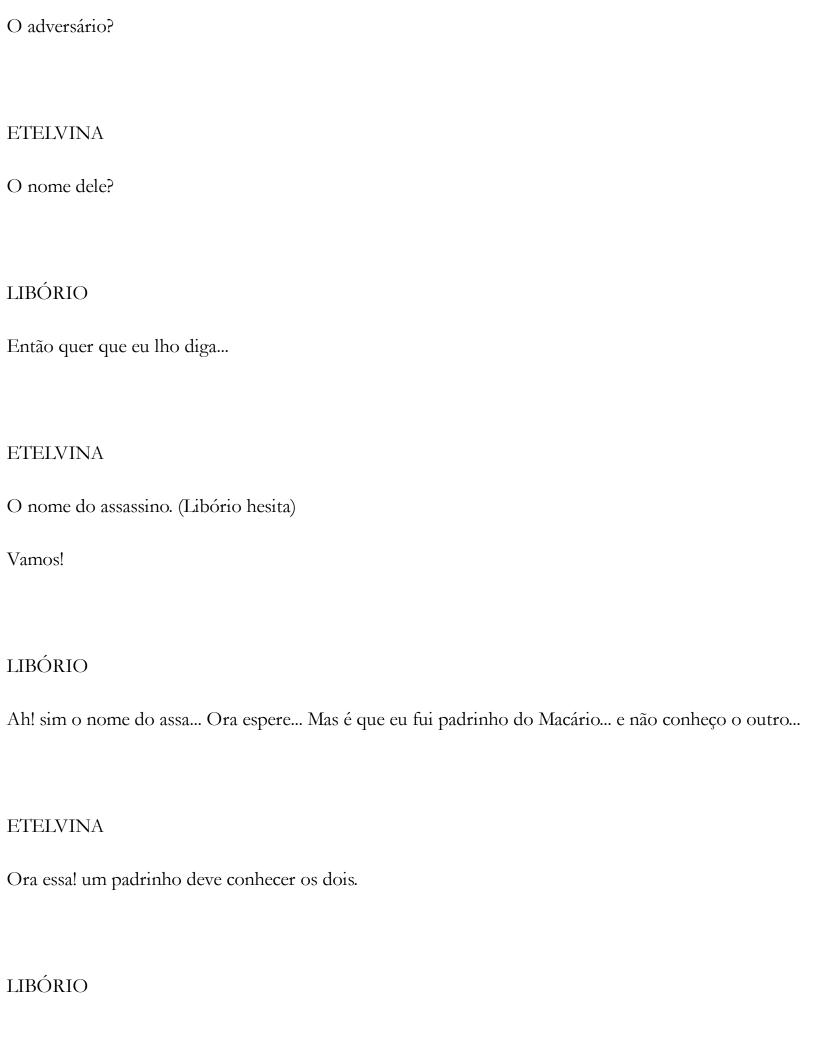
Onde estou?

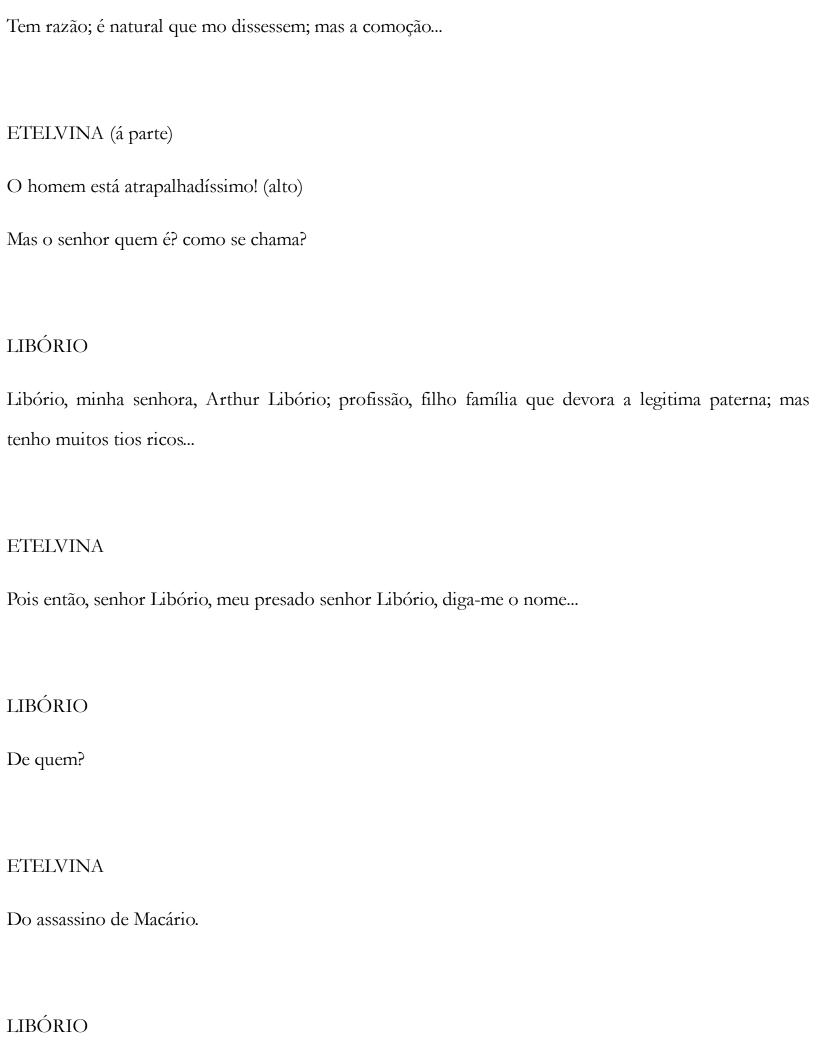
LIBÓRIO

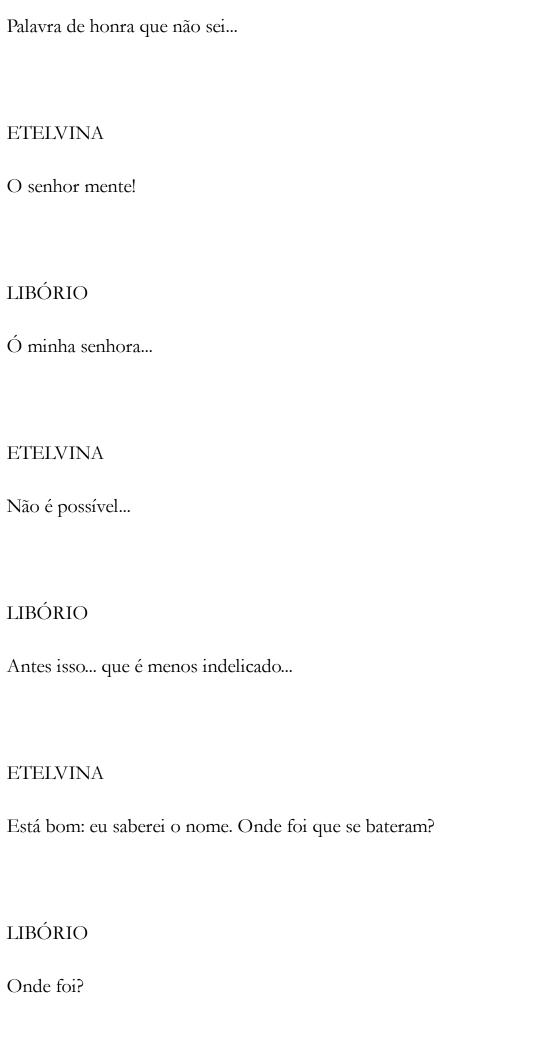




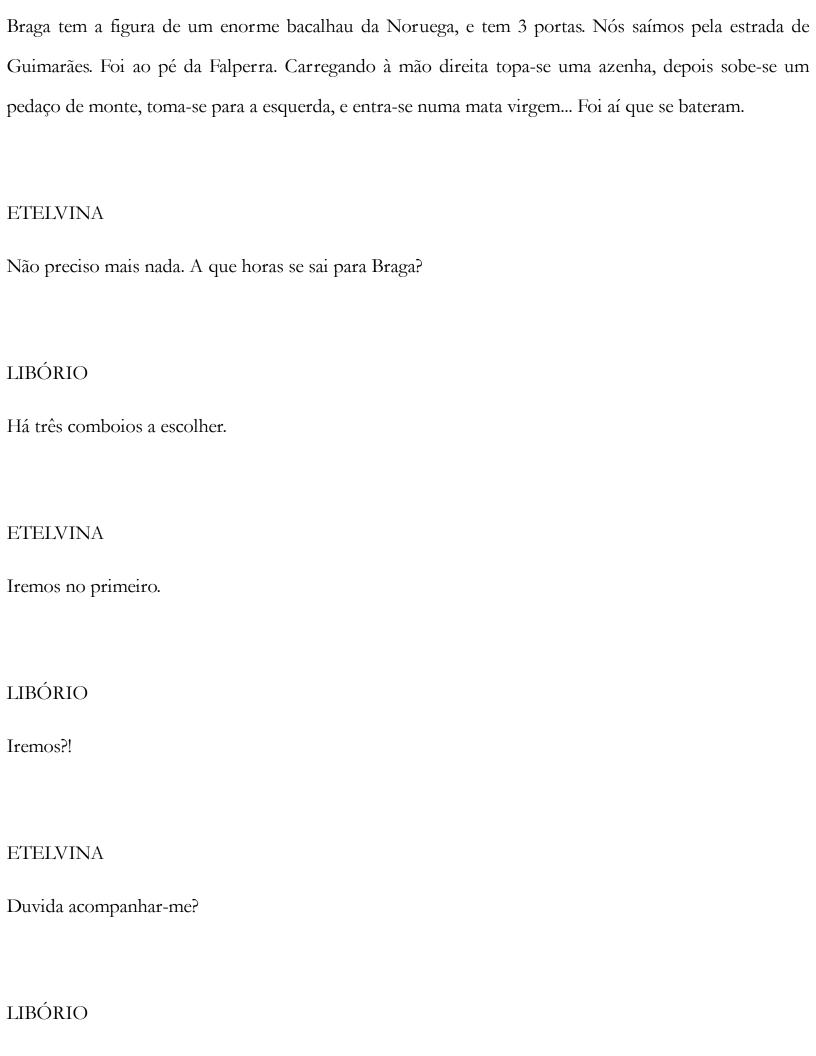








ETELVINA
Também não sabe?
LIBÓRIO
Não sei eu outra coisa! mas essas miudezas (á parte)
ela embrulha-me!
ETELVINA (á parte)
Outra vez atrapalhado!
LIBÓRIO
Foi numa carvalheira A Sr.ª D. Etelvina conhece Braga?
ETELVINA
Nada.
LIBÓRIO (á parte)
Ainda bem! (alto)



Eu?
ETELVINA
Ir mostrar-me a fatal mata virgem, e auxiliar-me nas minhas pesquizas até descobrir o assassino de Macário?
LIBÓRIO
Mas, minha senhora
ETELVINA
Não vai?
LIBÓRIO
Irei; mas
ETELVINA
Vou escrever ao meu pai, preparar a maleta e vamos (vai para a direita)
LIBÓRIO
Sozinhos?

ETELVINA
Com meu pai Jura que me espera?
LIBÓRIO
Faça favor de refletir A minha senhora
ETELVINA
Jura?
LIBÓRIO
Sobre os manes de Macário! juro!
ETELVINA
Obrigada! venho já. Oh! sim! a Braga, no expresso! (sai velozmente pela direita).
LIBÓRIO (só, cobrindo-se)
Toca a safar! É uma canalhice faltar ao juramento mas basta de asneiras Onde esta o meu chapéu? A
rapariga é bonita, é adorável; mas leva-la a Braga e mais o pai, e continuar esta tramoia absurda onde
poria eu o chapéu? - que eu vim representar no seio desta família (Põe a mão na cabeça)



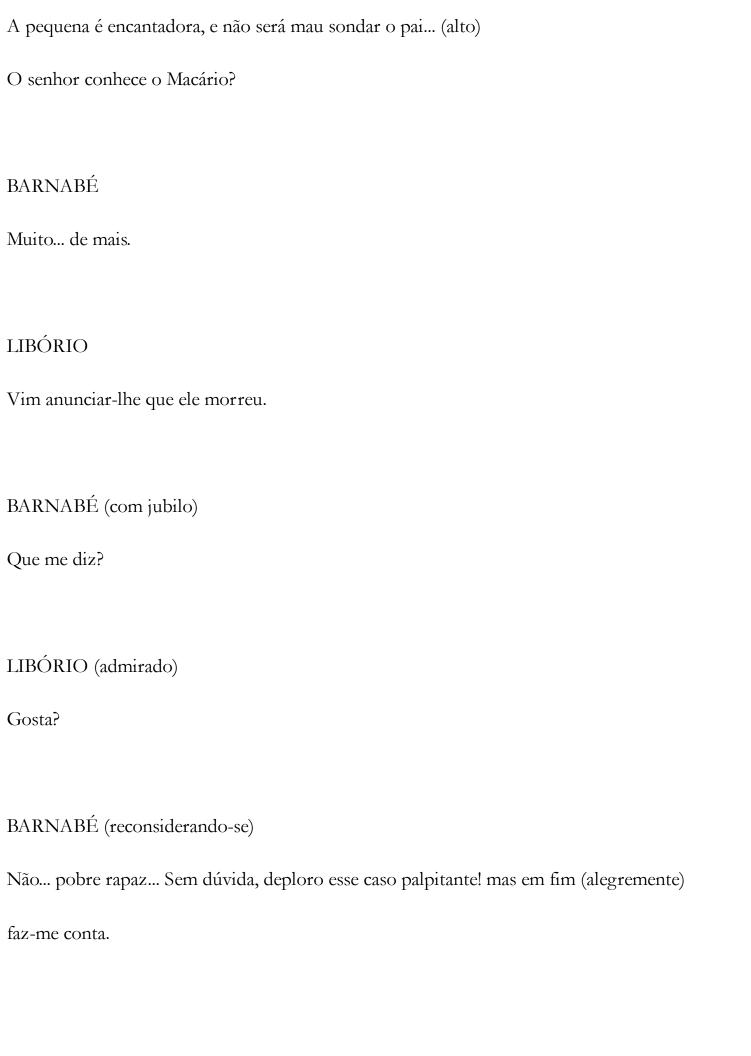
CENA IX

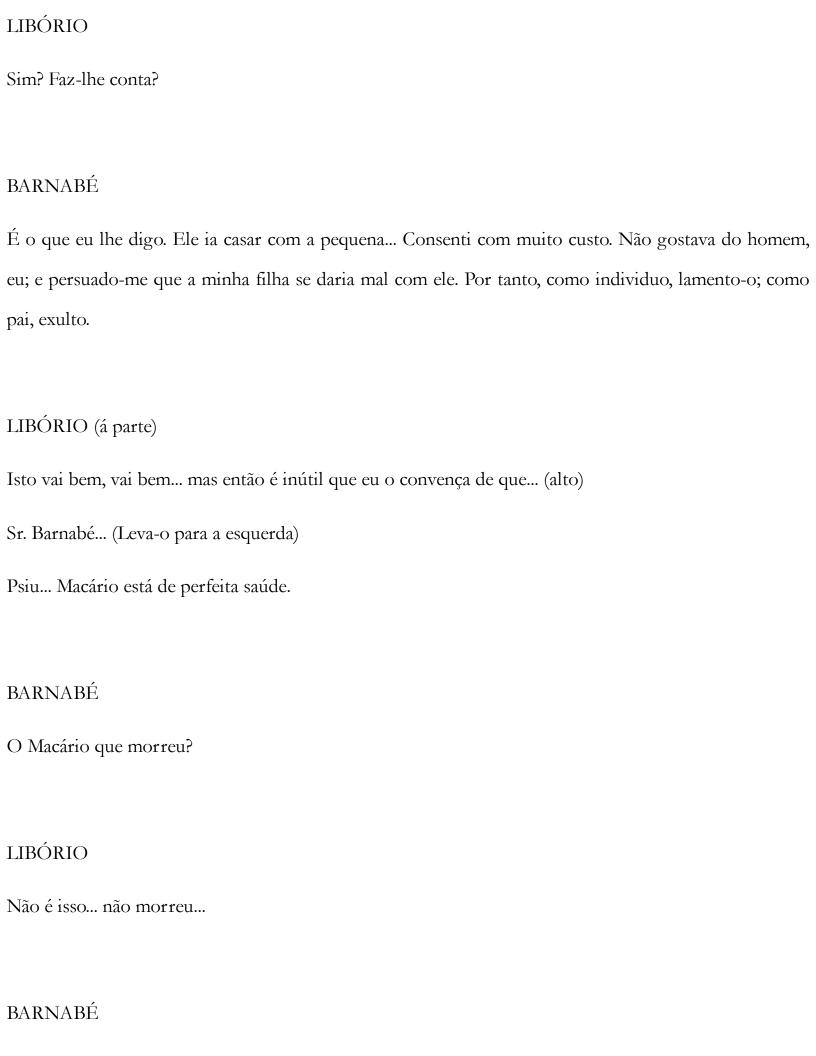
Barnabé e Libório

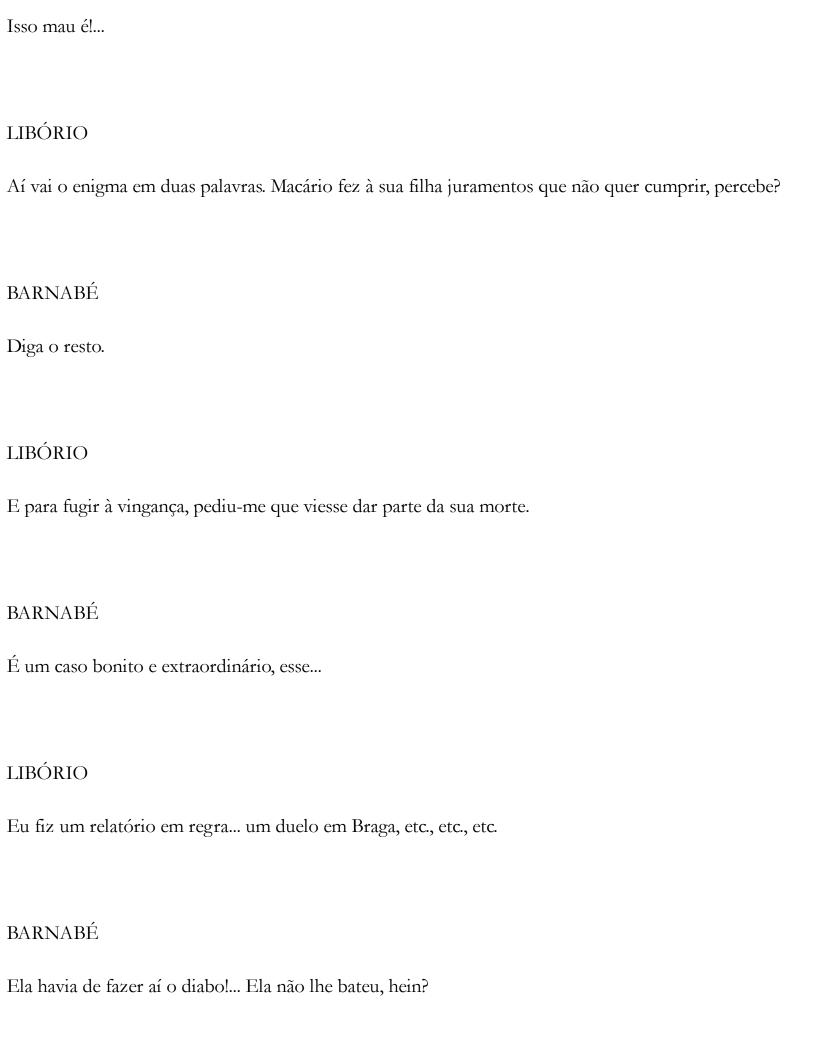
BARNABÉ (vendo Libório)
Olha o Libório! (á parte)
que veio aqui fazer este tipo?
LIBÓRIO
O meu parceiro do quino!
BARNABÉ
O grande pandego por aqui?
LIBÓRIO (á parte)
E eu que ainda ontem estive a jogar com ele Isto vai transtornar a patranha
BARNABÉ

Então que feliz acaso o trouxe aqui a minha casa?

LIBÓRIO
A sua casa? É célebre coisa! Eu não sabia que o amigo Barnabé era o pai da menina Muito gosto em o conhecer
BARNABÉ
Ainda me não explicou o mais importante.
LIBÓRIO
Acabo de ter o prazer de comunicar a sua filha uma tristíssima notícia
BARNABÉ
Sim? então que foi?
LIBÓRIO (querendo sair)
Não Já bastará dispenso o bis Ela cá lho contará
BARNABÉ (sustendo-o)
Sr. Libório, eu sou pai ouviu?
LIBÓRIO (á parte)







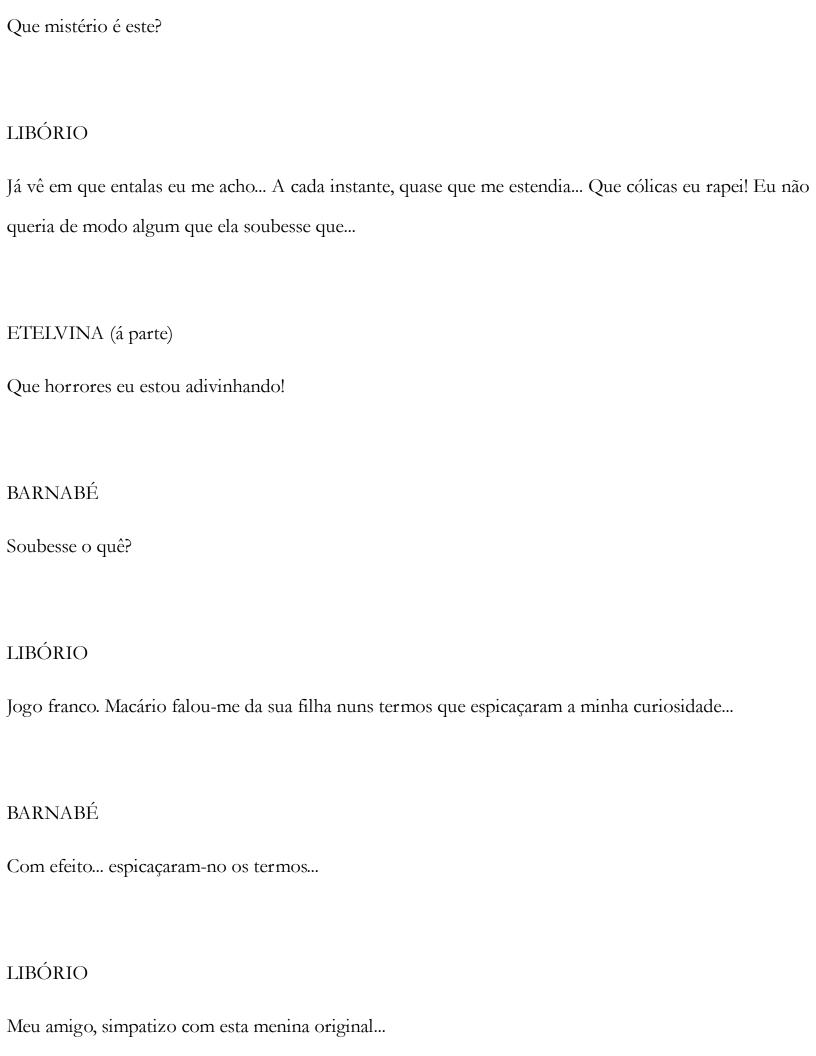
LIBÓRIO
Não; mas soluçou, desmaiou, escabujou Oh! soberba criatura na sua angústia!
BARNABÉ
Está ali uma linda viúva, não acha?
LIBÓRIO
A final quer que eu vá com ela a Braga.
BARNABÉ
O senhor?
LIBÓRIO
Eu e mais o senhor. Quer que vamos os três.
BARNABÉ
Então desconfia da peta?

LIBÓRIO
Não, senhor. Quer ir vingar a morte do noivo.
BARNABÉ
Toma!
LIBÓRIO
E exige que eu lhe diga o nome do assassino; e como até esta data o único assassino de Macário sou eu

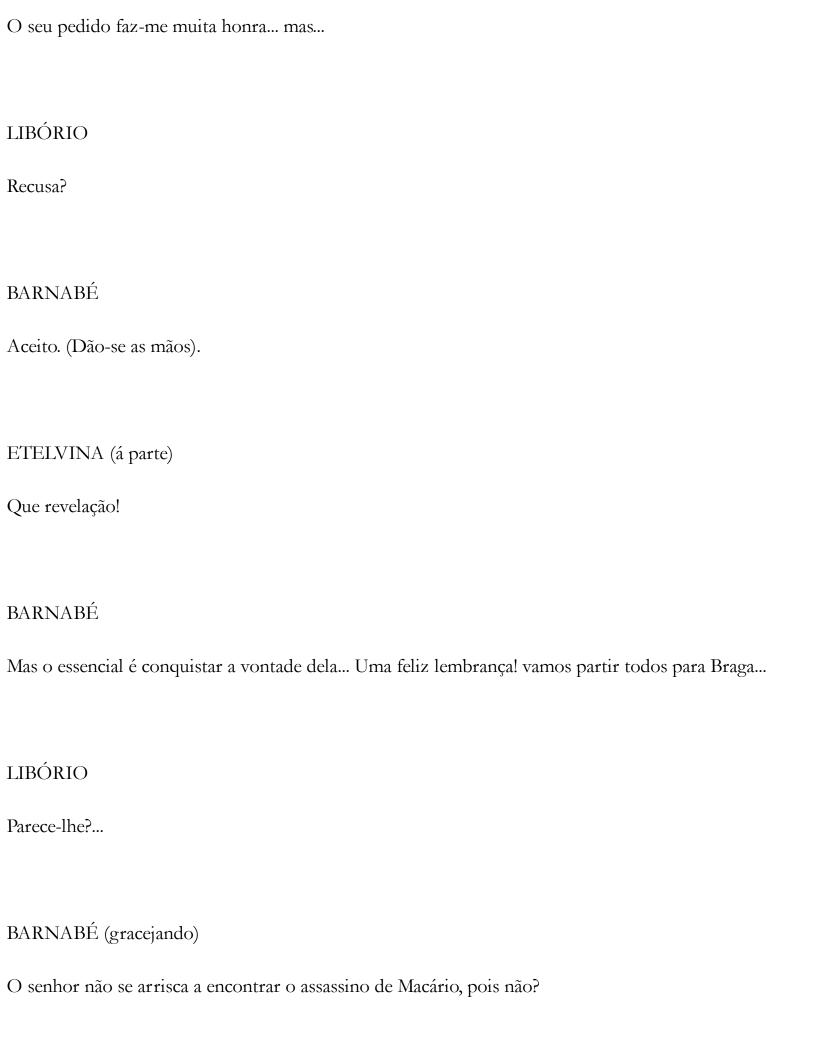
CENA X

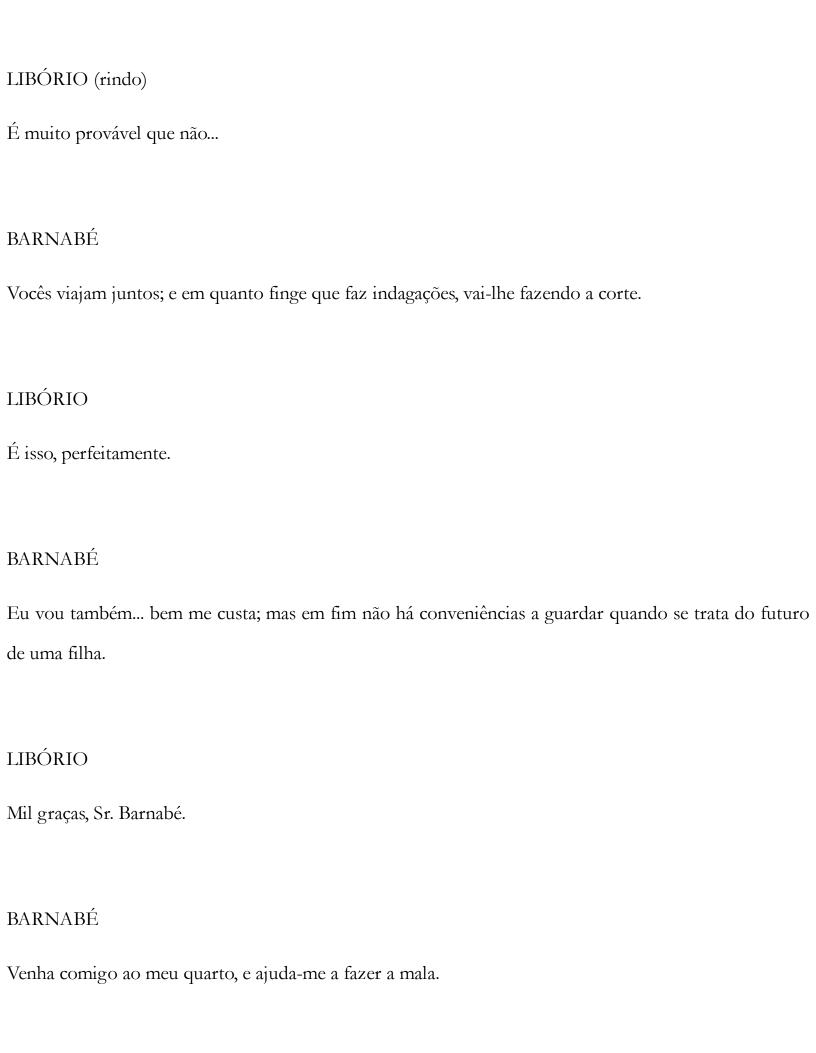
Os mesmos e Etelvina, que vinha entrando pela direita, e, ao ouvir a ultima frase, se esconde.
ETELVINA (á parte)
Que disse ele?
LIBÓRIO
Agora, já o meu amigo entende a minha atrapalhação
ETELVINA (á parte)
A sua atrapalhação!
BARNABÉ
Porque lhe não disse um nome qualquer?
LIBÓRIO
Não me ocorreu essa ideia

ETELVINA (á parte)



ETELVINA (á parte)
Hein?
LIBÓRIO
É o que lhe digo Amo as plantas exóticas Gosto destes licores capitosos de fábrica estrangeira, e rejeito os xaropes amelaçados da fábrica nacional.
BARNABÉ
Em suma, o senhor gosta da minha filha
LIBÓRIO
Deveras.
ETELVINA (á parte)
Ele ama-me! que horror!
BARNABÉ
Querido Libório! (á parte)
Ele é rico (alto)





Entram pela

Etelvina

(só)

Ele! foi ele o assassino de Macário! e o meu pai sabia-o! e ambos eles querem que eu case!... Mas que país é este... este Portugal... este mundo onde o assassino cobiça a noiva da vítima! E pude conter-me! E não avancei para ele como uma leoa, como a pantera ferida! Oh! mas ele volta, e então... Não, não é com um golpe de punhal que ele morrer! Para crimes monstruosos é necessário vinganças excecionais! Há de morrer não a golpes de punhal, mas a picadelas de alfinete! Ele ama-me!... ama-me!... quer esposar-me!... porque não? Pois não é justo que o seu nome e a sua honra me pertençam? (irónica)

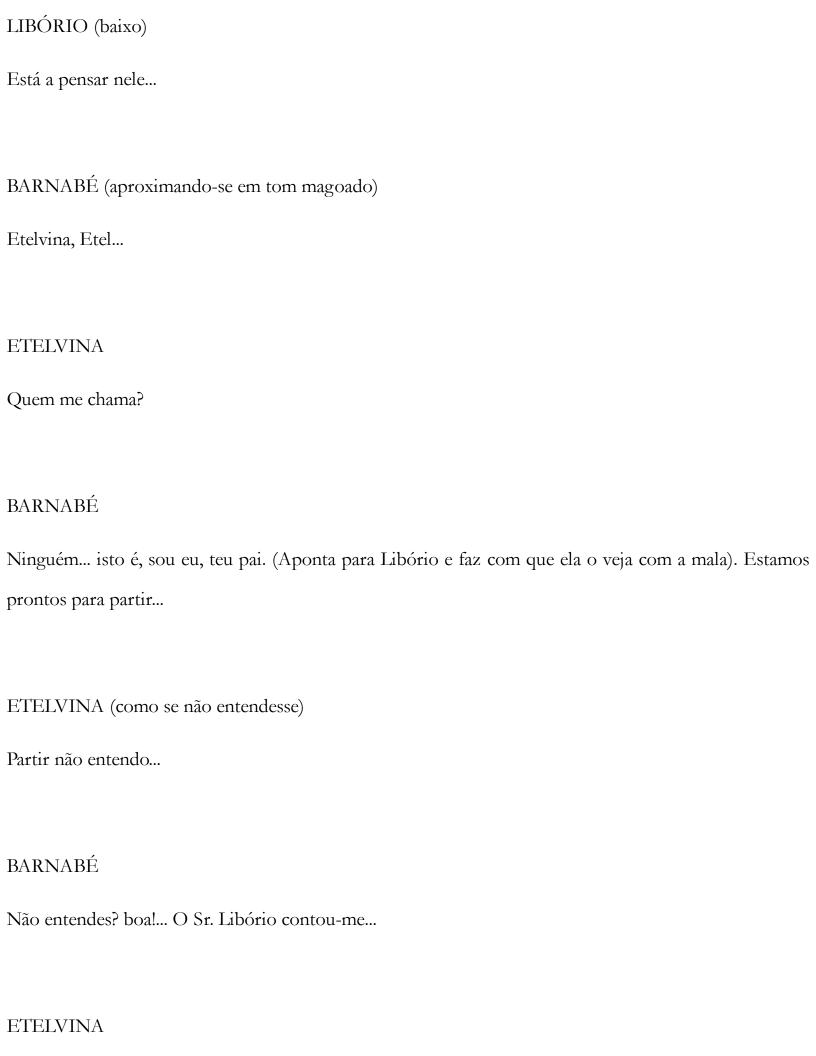
Ah! com que jubilo eu não proferirei diante do sacerdote, o ditoso sim, a doce renúncia de mim toda! Nunca uma noiva apaixonada, mais ternamente, nunca uma solteirona de 35 anos terá proferido esse sim com maior exultação! Ah! parece-me que me estou vendo e ouvindo quando o padre me disser: «Recebe como esposo o Sr. Libório?» e eu com a coroa de virgem na cara e a raiva no coração e a injúria nos lábios e os olhos em terra, responderei «sim, sim, sim!» Ó meu Macário, conta com uma vingança desconhecida na Europa! uma vingança mexicana! Ah! lá da mansão celeste, tua derradeira morada, verme-ás com ufania!... Vem gente... é ele!... Cala-te, meu coração!... Sorride meus lábios! Silencio, minhas saudades! É forçoso! é forçoso!... (Senta-se junto ao piano).

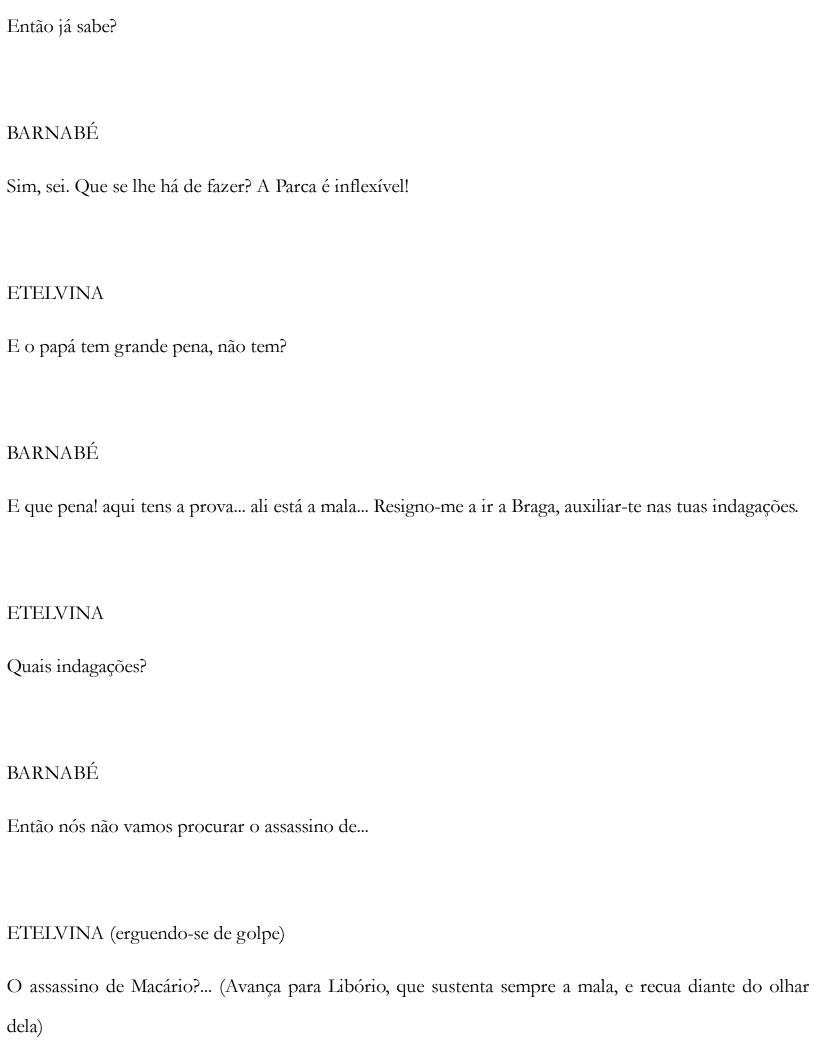
CENA XII

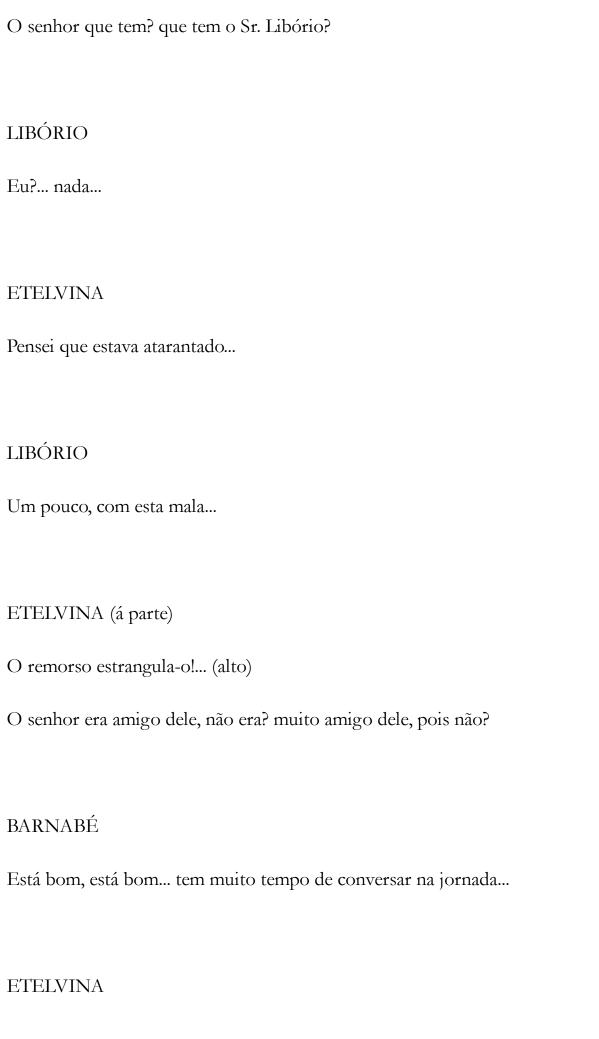
Libório, Barnabé, Etelvina

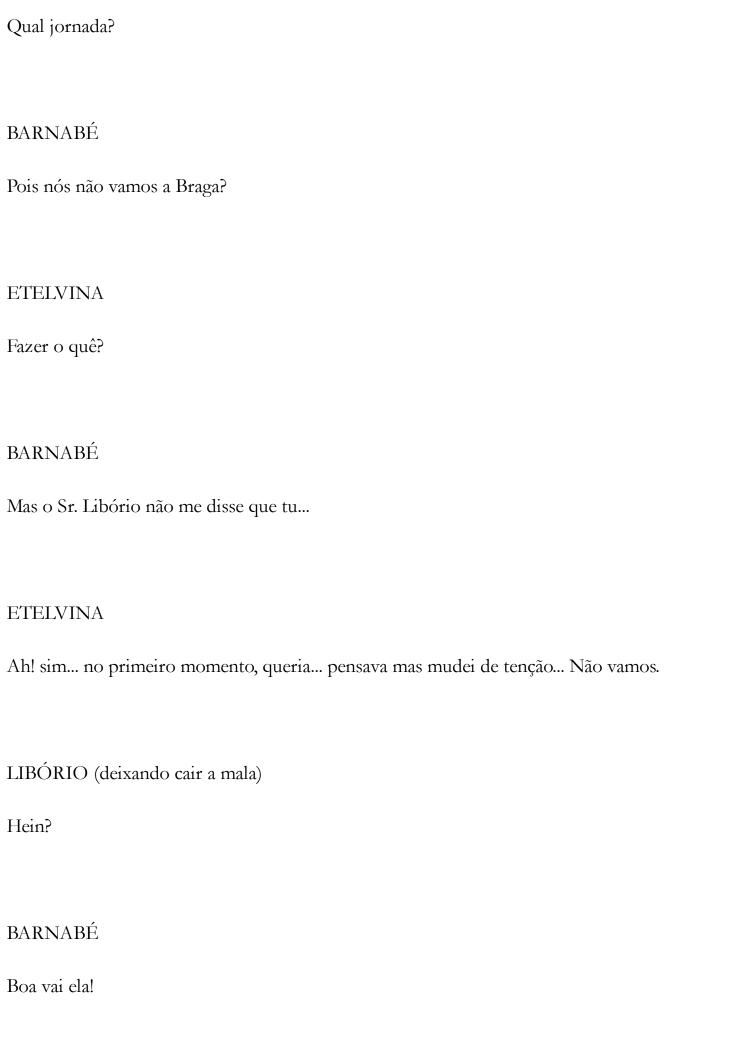
BARNABÉ (fora)
Confio-lha; mas não lhe dê grandes abalos. (Entra pela esquerda com Libório).
LIBÓRIO (com uma grande mala)
Pesa que tem diabo!
BARNABÉ
Pesa, pesa Obrigado Eu é que já não posso com isso.
LIBÓRIO (vendo Etelvina, baixo a Barnabé)
Cá está ela Alerta!
BARNABÉ
Justo Façamos caras dolorosas. (Avança e pára)

Cuidei que ela estava arranjando as malas...









ETELVINA

De que serve procurar esse feliz contendor... O duelo é um jogo de azar... e a minha vingança não se submete ao acaso... (Passa para a direita)

BARNABÉ

Apoiada! tens muita razão! isso é que é ter juízo! (A Libório)

Está aplacada!... Bravo!

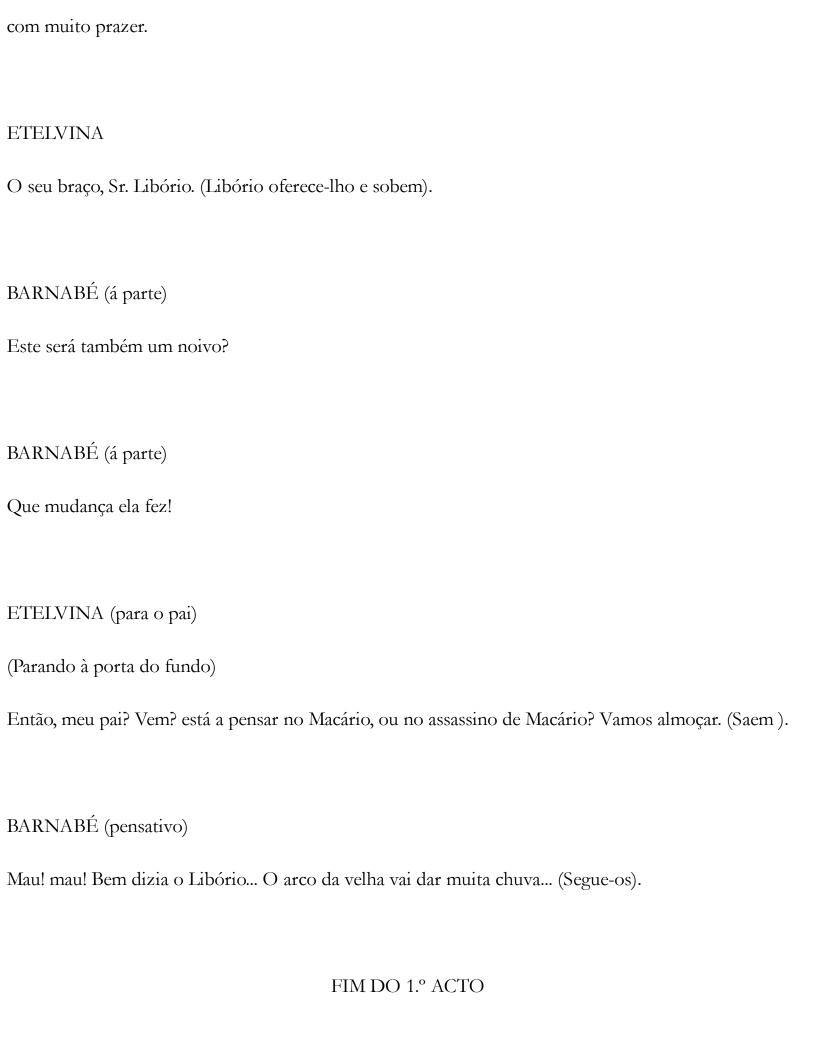
LIBÓRIO (á parte)

É o arco da velha a anunciar trovoada.

CENA XIII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo)
Está o almoço na mesa.
ETELVINA
ETELVINA
Põe mais um talher.
BARNABÉ
Três talheres?
ETELVINA
Pois então, meu pai! não há nada mais natural O Sr. Libório, que chegou de Braga, e que veio prestar
nos um serviço, não duvidará aceitar
LIBÓRIO
Eu mas (á parte)
Bem disse eu que era o arco da velha (alto)



ACTO SEGUNDO

Quarto de dormir. Ao fundo, um leito cujos cortinados, pendentes de um dossel, estão meio-cerrados. Um pouco aquém uma porta que abre para um gabinete de toilete. À direita, no primeiro plano, uma janela fechada com cortinas e store. No fundo, à direita do leito, a porta da entrada. À direita, no 3.º plano, uma porta de comunicação para o quarto de Etelvina. À direita, na frente, uma mesa. À esquerda uma jardineira sobre a qual está uma caixa de charutos, fósforos, e um barrete de veludo. Ao pé da jardineira, sobre uma cadeira, uma camisola. À direita, uma cadeira de estofo sobre a qual estão as calças de Libório. Ao pé uma bota e um chinelo. À cabeceira do leito, uma bispoteira. Cadeiras de estofo, quadros, etc. Uma lanterna de furta-fogo sobre a jardineira.

CENA I

Etelvina, (só)

Libório, (no leito meio oculto)

(Ao correr do pano, a cena está iluminada pela lanterna, deixando na penumbra o leito. Quando corre o pano, Etelvina, erguida ao fundo sobre uma cadeira, pendura uma das botas de Libório num painel; depois desce, pega da lanterna, examina a bota, e diz:)

Bem... está como se quer... de um belo efeito! Mas, se ele não visse... Ah! tenho aqui linha... (Põe a lanterna sobre a mesa, e sacando da algibeira um novelo de linha volta a subir à cadeira, prende a extremidade da linha à bota; e descendo, traça com o fio no tabuado uma linha que vai até à mesa sobre a qual põe o novelo; aí pega de um bocado de giz, senta-se e escreve sobre a mesa, falando em voz alta.)

«Seguir o fio». (Ergue-se, e vai ao pé do leito). Acordaria ele?... não. (Ouve-se ressonar ao fundo)

Ele ressona, o miserável ressona! Condenei-o a passar as oito primeiras noites de casado num a completa solidão, e ele ressona indiferente à minha ausência! Antes assim!... Hoje entramos na nova crise, a crise das pequenas misérias, as picadelas dos alfinetes antes das punhaladas... Vejamos se me lembrou tudo. (Senta-se à mesa, e lê num a carteira à luz da lanterna). «Despregar por três lados os cortinados do leito para que lhe caiam sobre o nariz.» Isso está feito e bem me custou...(Lendo:)

«Furar os charutos». Já furei. «Polvilhar de pimenta o bonet.» Já tem. «Coser os lenços ás algibeiras». Estão cosidos. «Esconder um dos chinelos e uma das botas; adiantar a pendula e atrasar o relógio; deixar-lhe só um tostão no porte-monaie, e cortar os elásticos dos suspensórios». Está tudo feito. (Lendo:)

Acorda-lo de sobressalto para lhe causar um grande estonteamento». É o que se vai fazer. (Ergue-se e dirige-se com a lanterna para a porta da direita). Ah! Libório, assassino de Macário, o céu é justo, e a



Libório

(só)

Ui! isto que foi? Que é isto? (Espreita por entre as cortinas). Entre quem é! Quem está aí? Não é ninguém... quem foi que me acordou? Parece que ouvi um tiro ou um espirro enorme, não sei bem o que foi... Estaria eu a sonhar? Ninguém aqui vem espirrar de noite no meu quarto, e mais sou casado, casado há oito dias! Tudo está em repouso, exceto a minha imaginação. Isto que horas serão? As cortinas estão fechadas... não se vê boia... escuro como um prego... Felizmente o meu relógio é de repetição (Toca na mola do relógio pendurado no espaldar do leito, e ouve 4 horas). Quatro horas! ainda quatro horas! Ah! as noites solitárias!... como são eternas! Vamos ver se se adormece... (Deita-se, a pendula dá horas, e ele conta-as em voz alta, erguendo a cabeça a cada nova pancada). Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... Dez horas! Como dez horas! E o meu relógio que só dá quatro... (Assenta-se na cama)

E são ambos do mesmo relojoeiro! Mas, se já fossem dez horas, eu devia estar a pé. Principiemos por abrir os cortinados. (Puxa pelas cortinas que caem e o embrulham)

Que é isto, com dez raios de diabos... Larguem-me, larguem-me!... Larguem-me o quê?! Grande besta que eu sou! Ninguém me prende... são os cortinados que eu agarro... que me agarram a mim. (Ao desembaraçar-se das cortinas cai da cama ao chão)

Que trapalhada é esta! o dia principia mal... Vou correr as cortinas e os stores. Não gosto da escuridão. (Abre: é dia claro)

É dia claro! A pendula tinha razão. Toca a vestir depressa. (Pega das calças e vai vesti-las atrás do fauteuil; calça um chinelo e procura o outro)

Onde estará o outro sapato? Não me aparece senão este... Parece-me obra do diabo isto! Vou calçar as botas. (Depois de calçar uma)

Onde está a outra? Como é isto de achar só um chinelo e uma bota? Seria a Sebastiana? Ela ficou de me chamar ás nove horas, e entraria sem eu dar fé... mas para que fim me levaria só uma bota? (Trata de cruzar um suspensório que quebra)

Irra! agora são os suspensórios! (Aperta o outro, enraivado)

Que inferno este! (Quebra o outro)

Lá vão ambos! (Atira-os ao chão)

A fivela estará direita? está... segura-se... Valha-nos isso. (Procurando)

O meu bonet? Está acolá... (cobre-se)

A camisola? está aqui... (veste-a). Agora, vou procurar... (suspende-se)

Mas se ainda é cedo... (espirra)

que raio de cheiro a pimenta! Se a Sebastiana tivesse vindo, acordava-me como eu lhe ordenei... Não serão ainda nove horas? Receio de ir acordar... Vou fumar um charuto. (Pega de um charuto e fosforo)

O fumar de manhã aclara-me as ideias. Santo Deus, como é incomodo passear com uma bota e um chinelo! (Assenta-se à esquerda do gueridon)

Em quanto Sebastiana não vem, recapitulemos os meus infortúnios fumando um delicioso havano... (espirra)

Que é o que cheira aqui tanto a pimenta? (Pretende acender o charuto)

Era meia noite. Etelvina pertencia-me ao cabo de três meses de cenas esquisitas; ela tinha proferido, de manhã, com uma voz enérgica o sim encantador que me dava sobre ela direitos senhoriais absolutos.

Dançava-se no salão amarelo, e havia uma hora que eu amaldiçoava os relógios (Não podendo acender o charuto atira-o ao fogão e vai buscar outro)

que me pareciam todos parados. Anunciara-se finalmente a última quadrilha, os dançantes começavam a cancanizar-se um pouquito... (espirra)

Donde virá este cheiro a pimenta? Minha mulher dançava com o tabelião, e parecia muito emocionada... Eu atribuía a mim esta emoção que o tabelião não justificava de modo nenhum... Em fim, sôa a meia noite. (Ergue-se). Ouve-se um grito agudíssimo... Corro e exclamo... (Atira fora o segundo charuto)

Que é o que tem estes charutos? (Pega num terceiro)... e exclamo: Céus! minha mulher! Etelvina estava desmaiada. Tinha torcido um pé quando polcava com o tabelião; e eis-me aqui, à meia noite, a primeira das minhas núpcias, à procura de um endireita. Afinal, topo um; e pensado que à meia hora depois da meia noite, tinha direito a examinar o estorcegão do pé da minha esposa, entro com a faculdade algebrista até ao seu leito de dor. (Acende o terceiro charuto)

Baldada esperança! Nega-se-me obstinadamente este primeiro favor, e sou obrigado a esperar num quarto próximo, com o papá Barnabé, a saída do doutor que, depois de um quarto de hora de angustias, veio em fim declarar-nos que uma forte distensão dos ligamentos, uma contração terrível da articulação, reteriam minha mulher quinze dias de cama; e com efeito, depois... Tarrenego, diabo! este charuto está rôto! E os outros? (Examina a caixa)

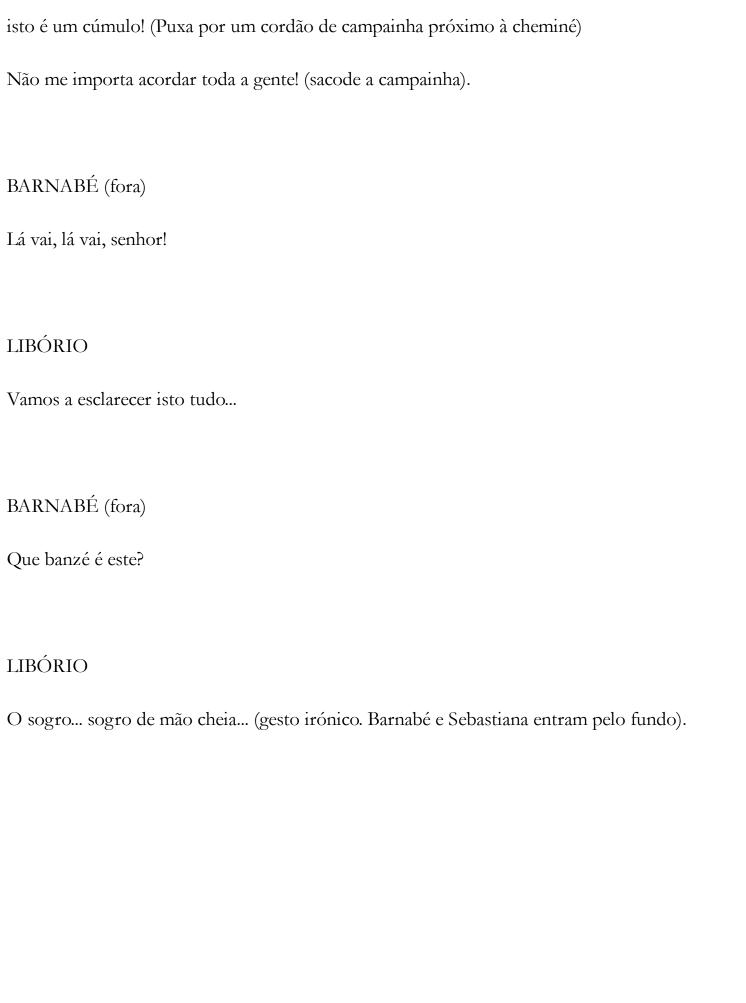
Estão todos estripados! (espirra)

Com toda a certeza, tenho pimenta nas ventas! (Tira o bonet)

Ah! aqui está a pimenteira! É possível!... como é isto? Sebastiana mete a pimenta no meu bonet... (atira-o fora)

para o preservar do bicho... ser isso, mas ela é idiota!... (espirra)

Que é do meu lenço? Está cosido! Cozeram-me o lenço à algibeira, como aos rapazinhos de escola... Ah!

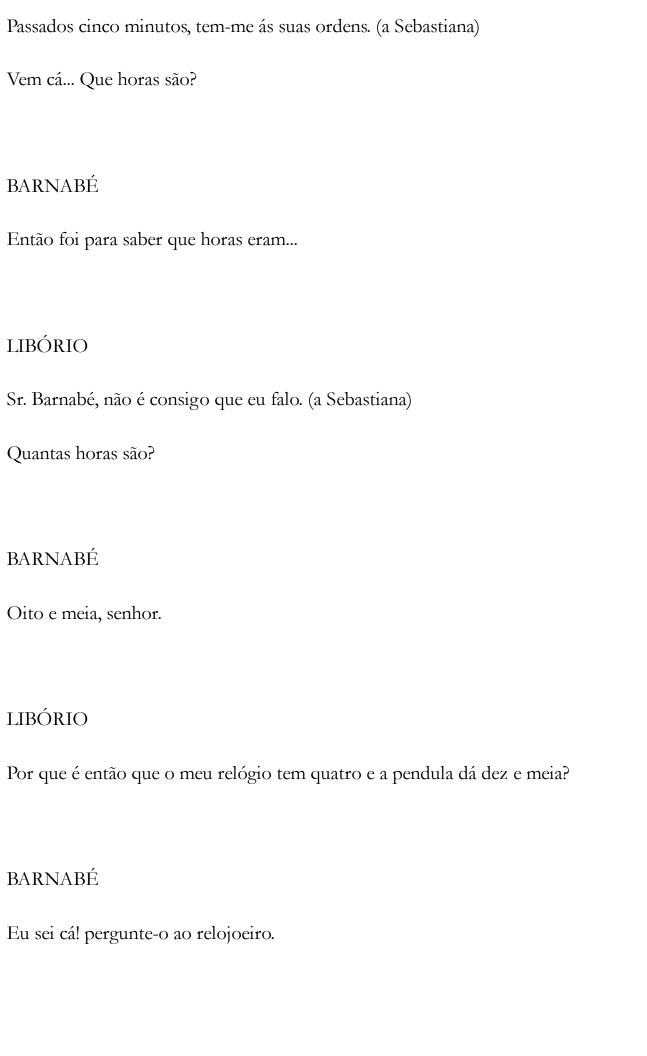


CENA III

Sebastiana, Libório, Barnabé

BARNABÉ
O senhor está doente?
BARNABÉ
Será preciso chamar os bombeiros?
LIBÓRIO (a Sebastiana)
Vem cá e responde.
BARNABÉ
Quem, eu?
BARNABÉ
Que tem o meu genro?

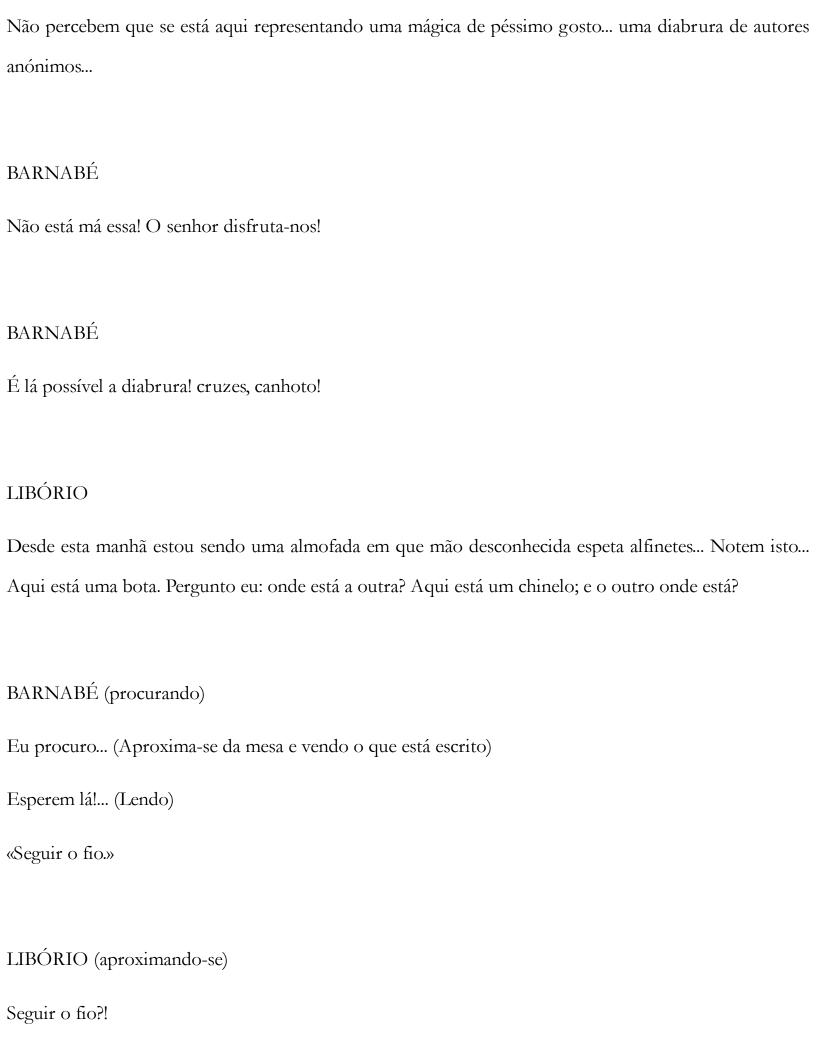
LIBÓRIO



BARNABÉ
Ela tem razão; o seu ofício não é esse. Ela de pendulas não percebe nada.
LIBÓRIO
Espera um pouco. (a Sebastiana)
Por que meteste pimenta no meu bonet?
BARNABÉ
Eu?! que meti eu?
BARNABÉ
Sim isso lá da pimenta é com ela Responde sobre a pimenta, rapariga!
LIBÓRIO
Por que furaste os meus charutos?
BARNABÉ
Eu furei os seus charutos!

BARNABÉ
Ela furou os charutos? Tu furaste (a Sebastiana)
LIBÓRIO
Por que me coseste os lenços ás algibeiras?
BARNABÉ
Olha que espiga!
BARNABÉ
Pois tu coses os lenços?
BARNABÉ
Isso é falso, senhor!
LIBÓRIO (mostrando)
Estão cosidos ou não estão cosidos?
BARNABÉ

Eu cá não fui.
LIBÓRIO
E os cortinados do leito e os chinelos que deviam estar aos pés da cama
BARNABÉ
Nos seus pés, quer dizer o meu genro.
LIBÓRIO
Meu sogro, queira amordaçar o seu espirito que me está arreliando. (a Sebastiana)
Em fim, responde, explica-te.
BARNABÉ
Não percebo patavina.
BARNABÉ
E dois.
LIBÓRIO

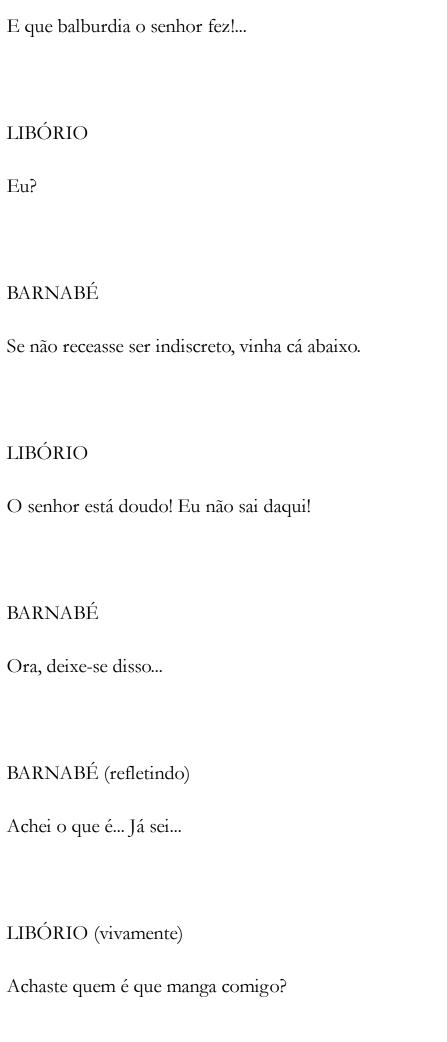


BARNABÉ (o mesmo)
Então sigamos o fio. (Seguem os três o fio da linha. Sebastiana à frente vai enovelando o fio. Barnabé atrás)
Onde vai isto parar? (Vão indo até chegar à parede)
A linha aqui, trepa! (Levantam as cabeças).
BARNABÉ (vendo a bota)
Olha!
BARNABÉ
É ela!
LIBÓRIO
A minha bota!
BARNABÉ
A sua bota!
BARNABÉ

É verdade, a bota!
LIBÓRIO (passando para a direita)
Quem a pendurou acolá?
BARNABÉ (tirando a bota para baixo)
Eu não fui.
BARNABÉ
Menos eu.
LIBÓRIO
Por consequência
BARNABÉ
O Sr. Libório tem estado a gozar connosco Isto é uma chalaça não há que ver
LIBÓRIO
Hein?

BARNABÉ (rindo)
O meu genro ser sempre um pandego
BARNABÉ
Quis-nos impingir esta comédia.
LIBÓRIO
Irra! Foste tu; olha que te ponho no olho da rua!
BARNABÉ
Oh senhor!
BARNABÉ
Como imagina o senhor que esta rapariga
LIBÓRIO
Se não foi ela foi o senhor.

BARNABÉ
Meu genro! ousar desconfiar que um antigo negociante
LIBÓRIO
Tem razão seria espirito de mais para um antigo negociante Mas o certo é que nós aqui não somos senão três. A minha mulher não pode ser, porque está de cama com um pé torcido.
BARNABÉ
A respeito disso, parece que ela está melhor do pé O senhor sabe que ela está melhor do pé
LIBÓRIO Como eu que sei?
BARNABÉ
Eu ouvi o meu genro esta noite abrir a porta do quarto dela.
LIBÓRIO
Eu?
BARNABÉ



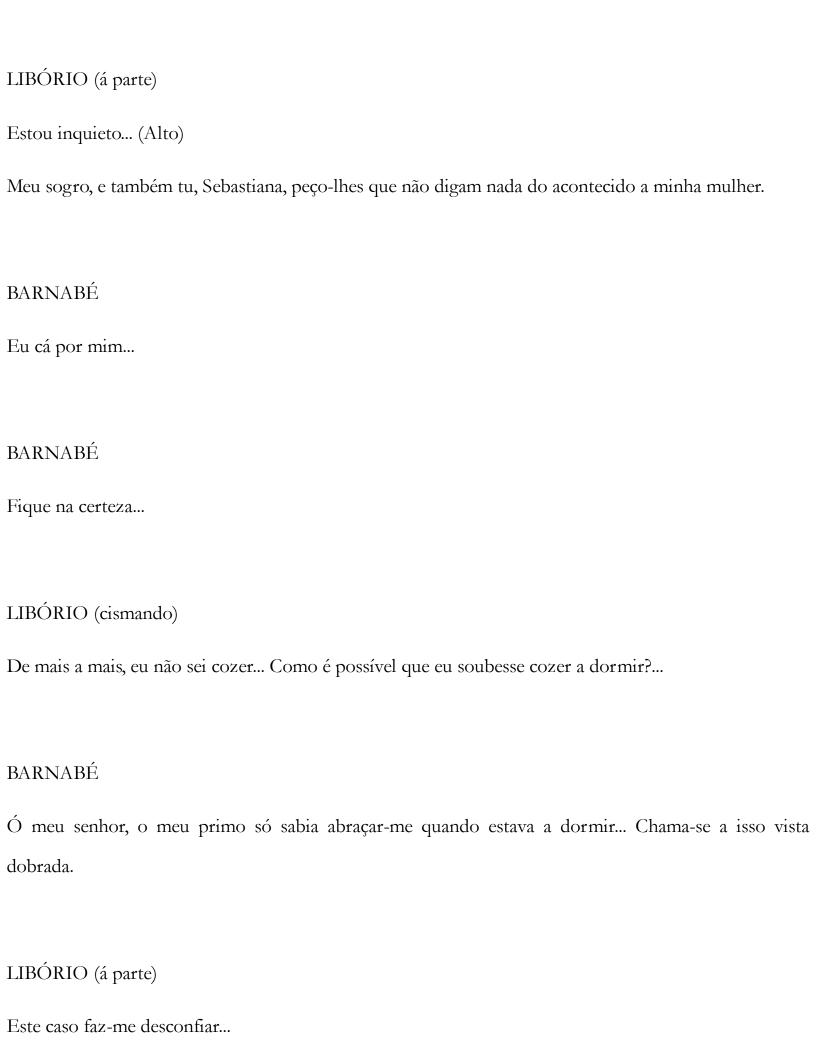
BARNABÉ
É o senhor mesmo.
LIBÓRIO
Eu?
BARNABÉ
Ele? diz lá
BARNABÉ (a Barnabé)
Eu tive um primo que fazia o mesmo levantava-se de noite
BARNABÉ
Um sonâmbulo! Ela tem razão O Sr. Libório é sonâmbulo.
BARNABÉ
É isso, é isso, sonâmbulo

Eu sonâmbulo!... está bem!... fico ciente!... BARNABÉ É que o senhor não se lembra do que fez. Uma noite, meu primo, entrou pelo meu quarto dentro, e abraçou-me; e eu como sabia que é um perigo acordar os sonâmbulos, nada lhe disse, e ele ao outro dia não se lembrava de nada. LIBÓRIO É lá possível que fosse eu!... BARNABÉ Então quem havia de ser? LIBÓRIO É assim... é - está tudo bem explicado... mas será difícil fazer-me crer que eu a dormir rompesse os meus charutos, que deitasse pimenta no meu bonet e cozesse os meus lenços.

Aqui estou eu que fui sonâmbulo quando era pequeno, e escrevia os traslados a dormir...

LIBÓRIO

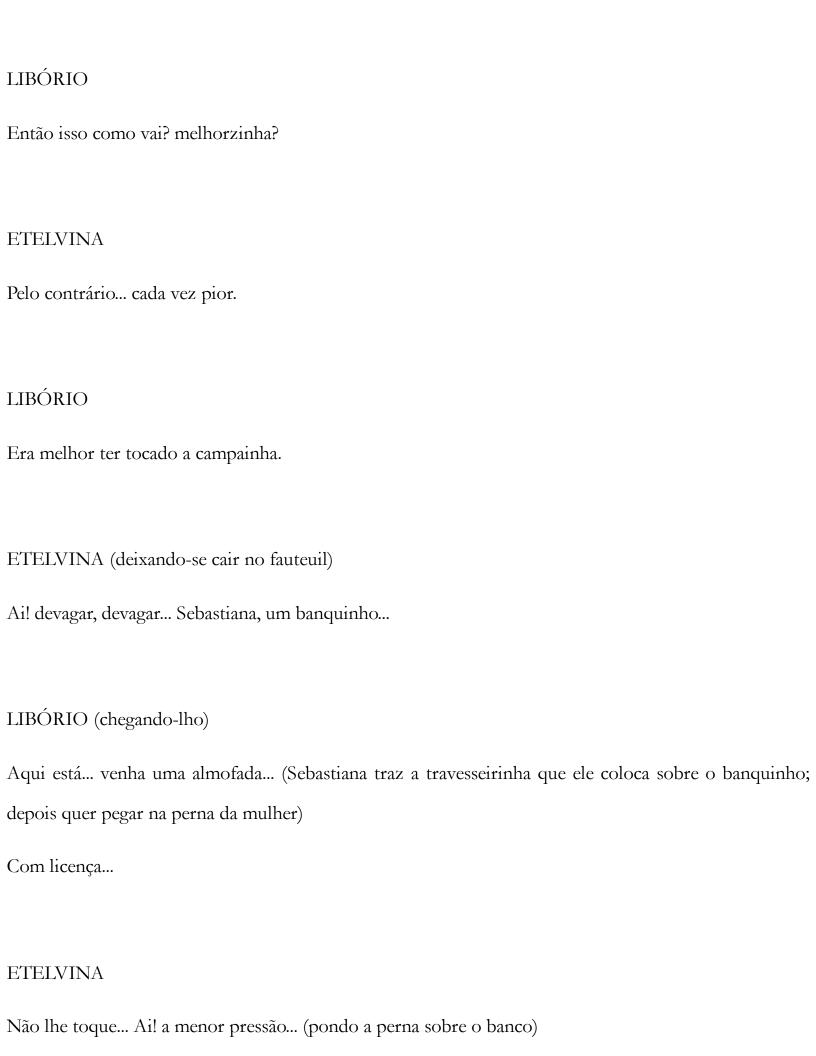
BARNABÉ

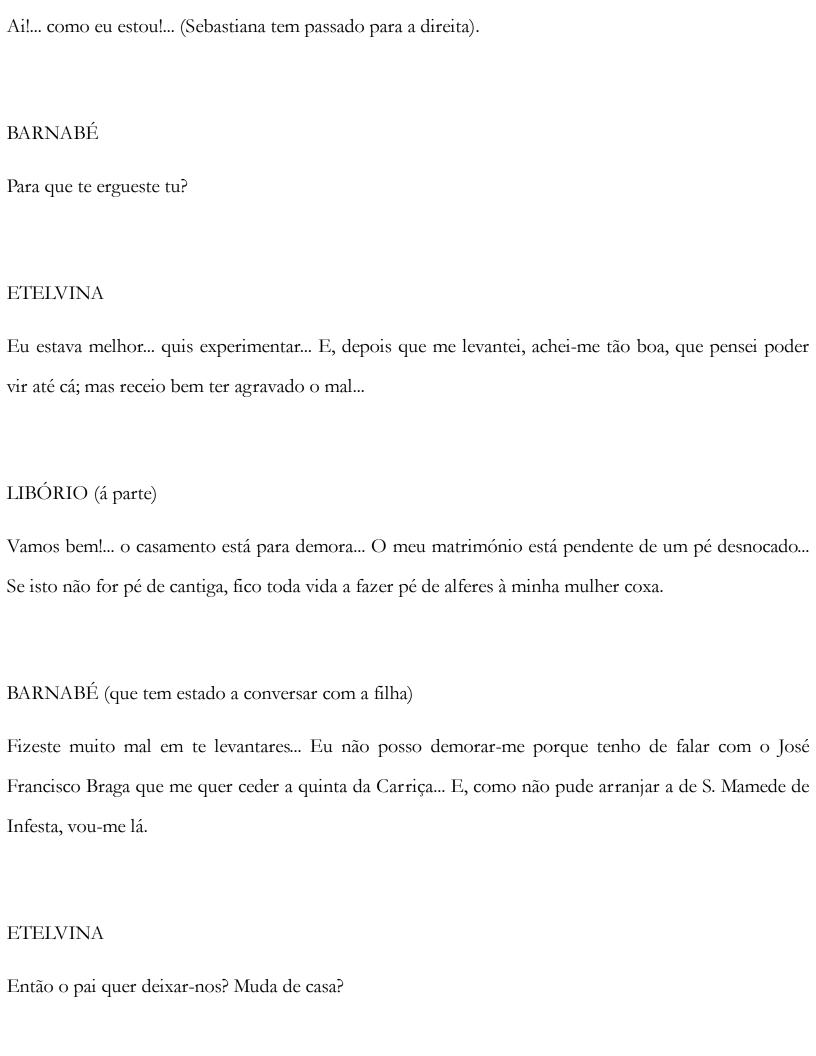


CENA IV

Os mesmos e Etelvina

ETELVINA (fora)
Quem me acode, quem me acode!
BARNABÉ
Minha filha!
BARNABÉ
Senhora! (Todos se dirigem para a porta da direita que se abre para dar passagem a Etelvina que entra
em toilete de noite com a perna direita ligada encostando-se à parede).
ETELVINA
Socorram-me uma cadeira amparem-me (Libório e Barnabé pegam em Etelvina em quanto
Sebastiana puxa a cadeira para o centro da cena).
BARNABÉ
Pois tu ergueste-te?





LIBÓRIO
Ó meu sogro! (á parte)
Não seria mau
BARNABÉ
Sogro precisamente um sogro entre uns casados que se adoram, é incómodo é emprazador
ETELVINA
Ora
LIBÓRIO
Ora (á parte)
Diz muito bem
BARNABÉ
E, nesse caso, resolvi com muito pesar com muita saudade ir viver ossinho o que me custar
muito na aldeia É um sacrifício vou vitimar-me à felicidade dos meus filhos E além disso, está no
meu gosto a meditação divagar solitário no seio da natureza

ETELVINA
Então não o demoramos, meu pai; mas esperamo-lo para o almoço.
BARNABÉ
Não será possível Tenciono almoçar no botequim Não gosto de almoçar de garfo; prefiro o meu café
com leite, uma torrada, e o Primeiro de Janeiro que é tudo leve.
ETELVINA
Plena liberdade
BARNABÉ
Liberdade liberdade! E, se tu agora piorasses
ETELVINA
Não eu sinto-me melhor Sebastiana ficará ao pé de mim, e se for preciso, o Libório vai chamar o
médico.
BARNABÉ

E eu não me demorarei muito tempo... Se o José Francisco lá estiver, antes do meio dia volto a casa...

Vou tratar depressa este negócio... Então é verdade que estás melhorzinha?

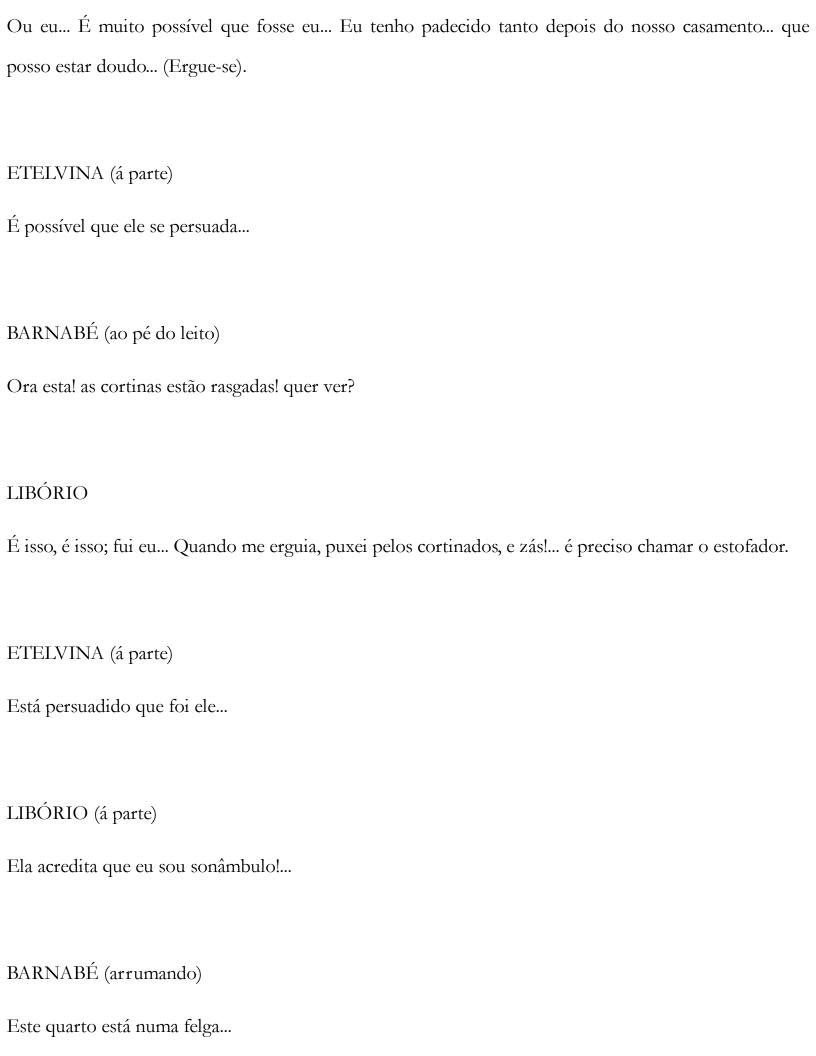
ETELVINA
Sim neste momento quase que não sofro.
BARNABÉ
Então vou acabar com isto O meu genro, aqui lha entrego
LIBÓRIO
Vá descansado, meu sogro.
BARNABÉ (abraçando Etelvina)
Até logo, minha Lili Vou-me já safando, por que, se fosses a pior, teria de ficar, e fazia-me desarranjo.
(Sai pelo fundo).
LIBÓRIO (acompanhando-o)
Arranje lá os seus negócios e não se apresse

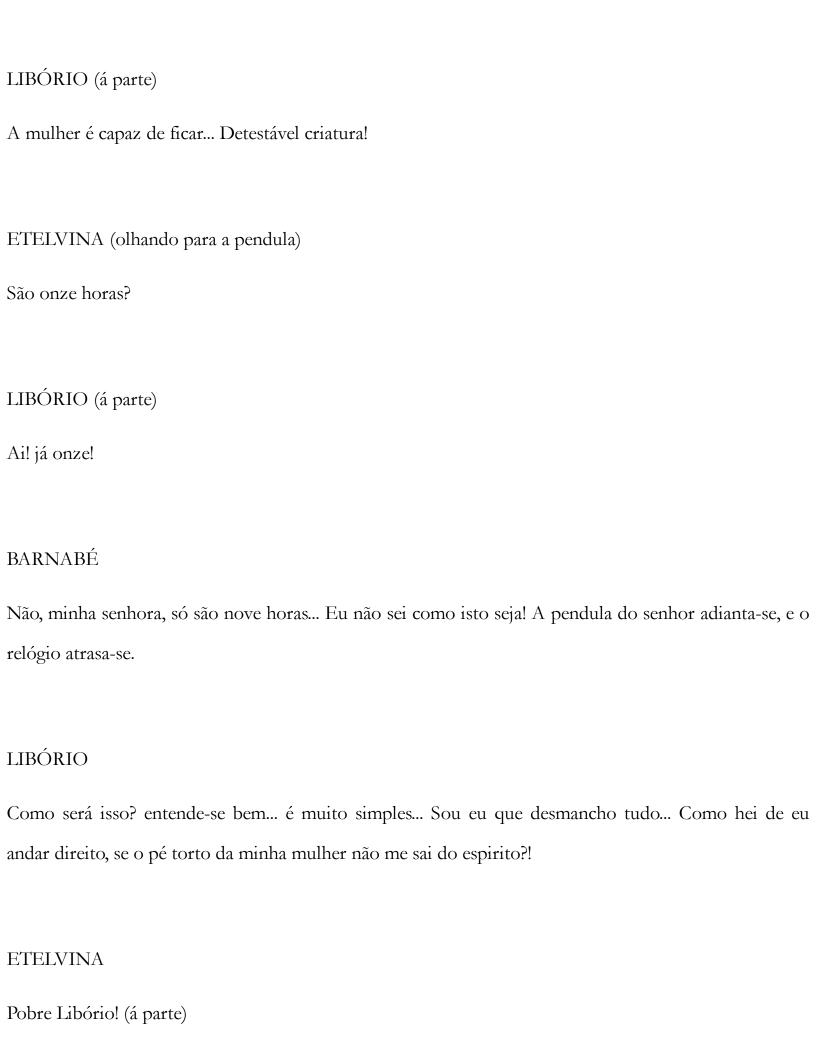
CENA V

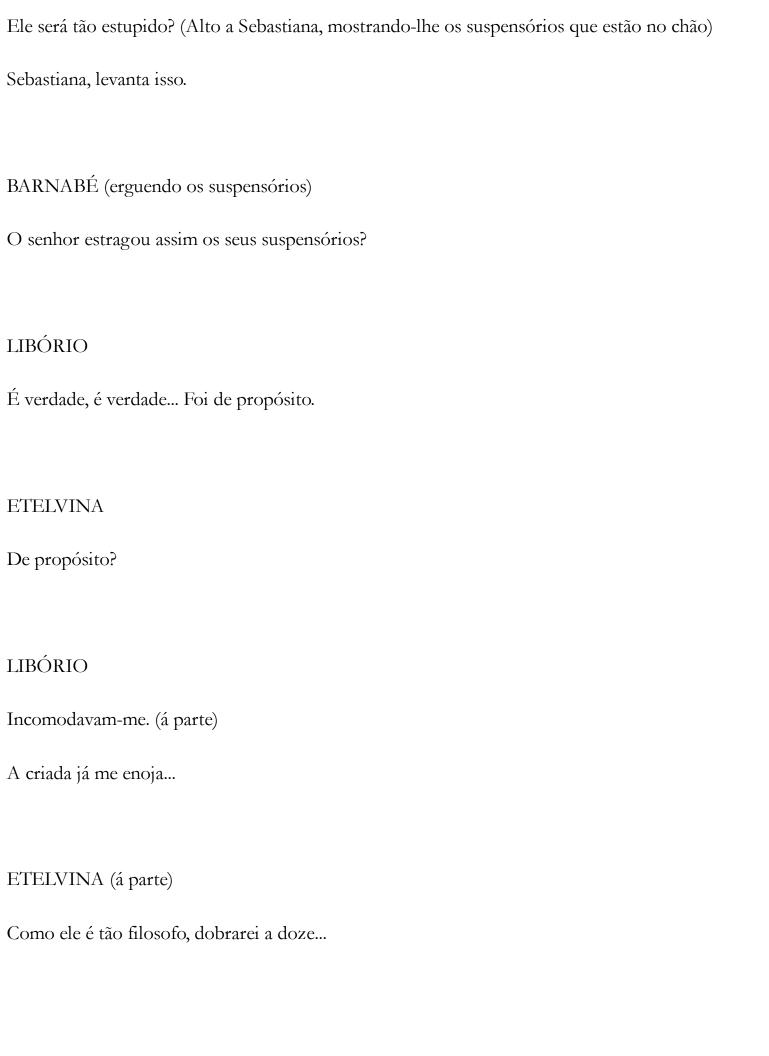
Etelvina, Sebastiana e Libório

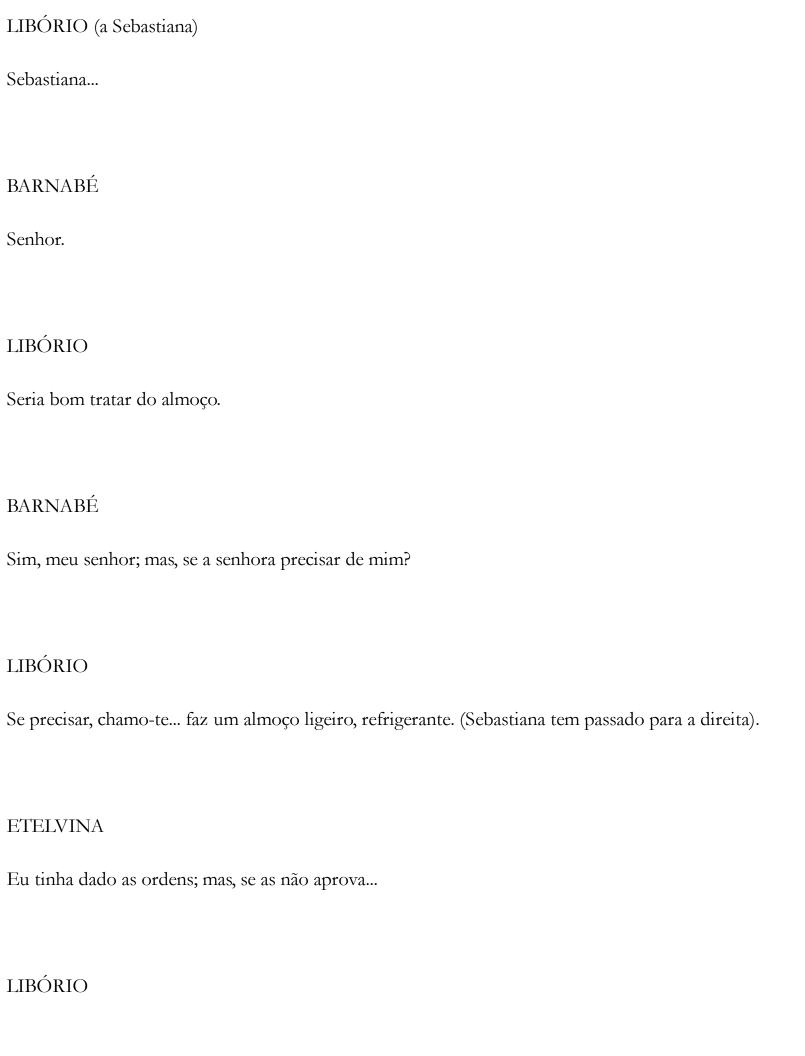
ETELVINA (á parte)
Vou em fim saber o resultado das minhas primeiras picadelas de alfinete.
LIBÓRIO (voltando de bom rosto para junto da sua mulher)
A senhora aqui na minha alcova Que surpresa!
ETELVINA
Ora esta! O senhor traz uma bota e um chinelo?!
LIBÓRIO
Foi a Sebastiana que
BARNABÉ
Eu? E ele a dar-lhe

LIBÓRIO









Eu? tudo o que a minha esposa quiser é o que eu quero... Sebastiana, vai preparar o almoço que a senhora ordenou.

BARNABÉ

Sim, meu senhor. (Sai pelo fundo).

CENA VI

Etelvina e Libório

ETELVINA

Ah! tu queres um tête-à-tête... Vamos a isso...

LIBÓRIO (á parte)

Sozinhos! estamos sozinhos! (com transporte, sentando-se ao lado de Etelvina)

Ah! Etelvina! Minha esposa! querida...

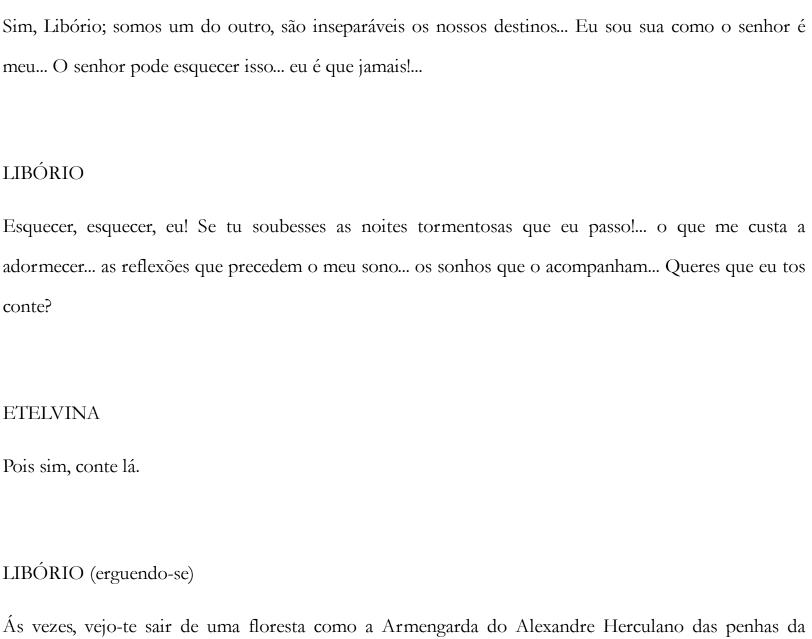
ETELVINA

Que é, meu amigo?

LIBÓRIO

Desculpa a minha perturbação!... esta emoção!... este primeiro tête-à-tête... porque é o primeiro... o primeiro... depois que és minha mulher, e que me pertences, Etelvina!... porque tu és minha, és o meu bem, o meu tesouro, a minha vida...

ETELVINA



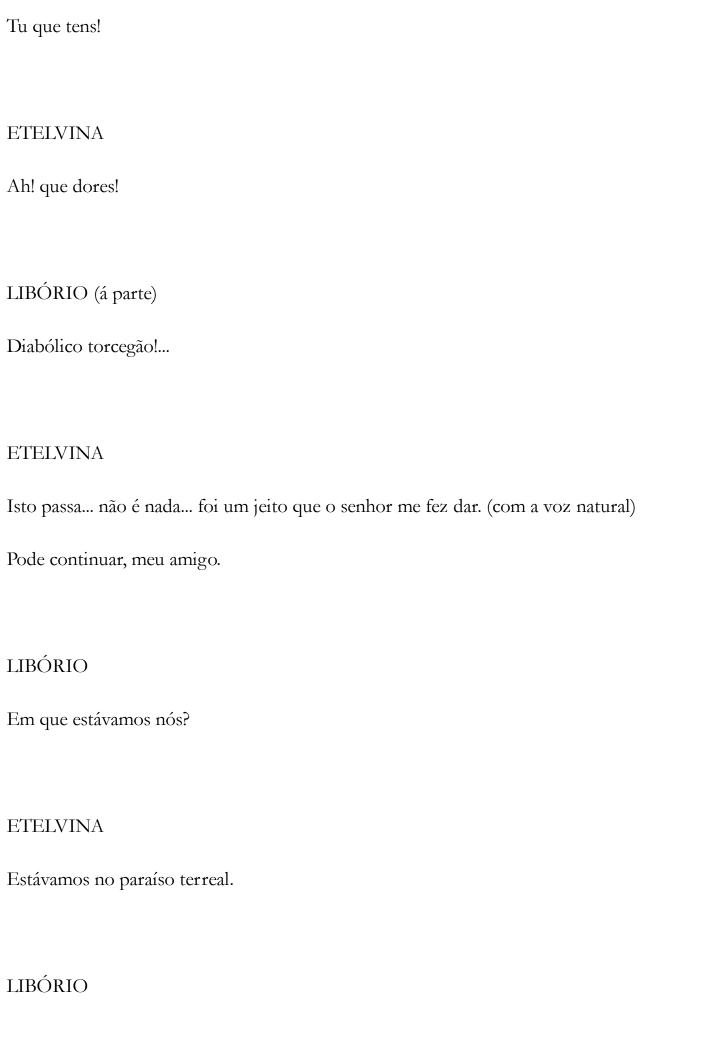
Ás vezes, vejo-te sair de uma floresta como a Armengarda do Alexandre Herculano das penhas da Covadonga; outras vezes estamos os dois num paraíso terreal como Adão e Eva... e eu a apertar-te ao coração (aproxima-se)

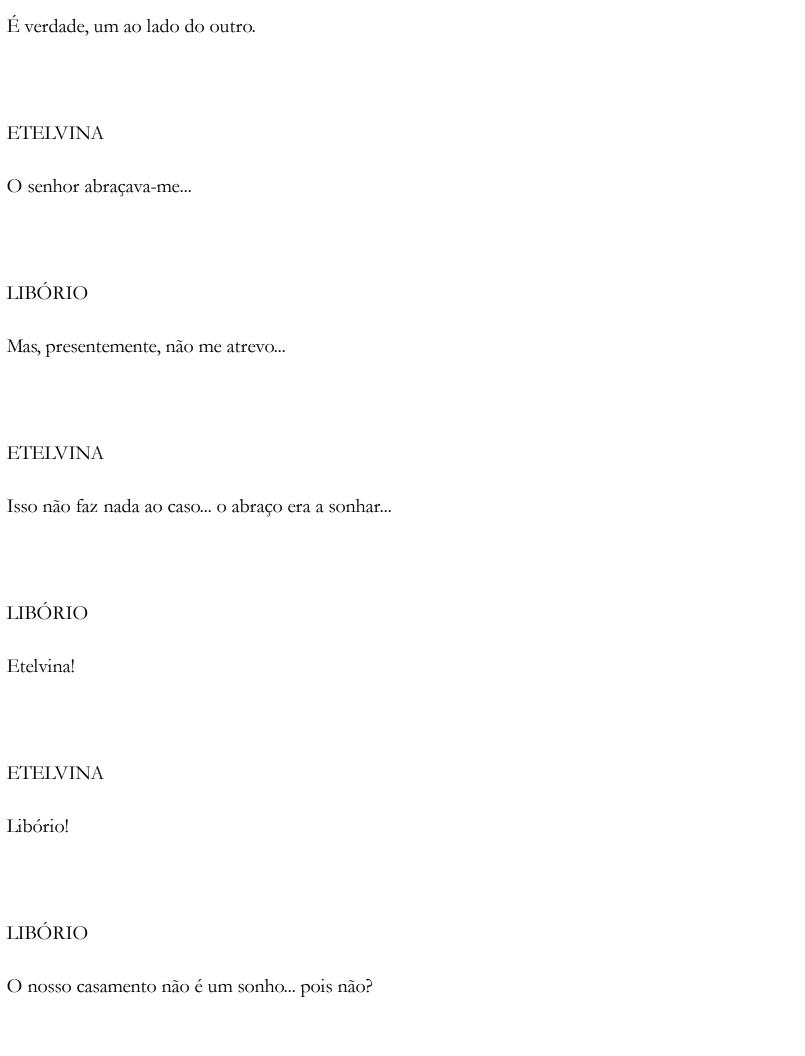
a apertar-te... (Cinge-a com os braços).

ETELVINA (gritando)

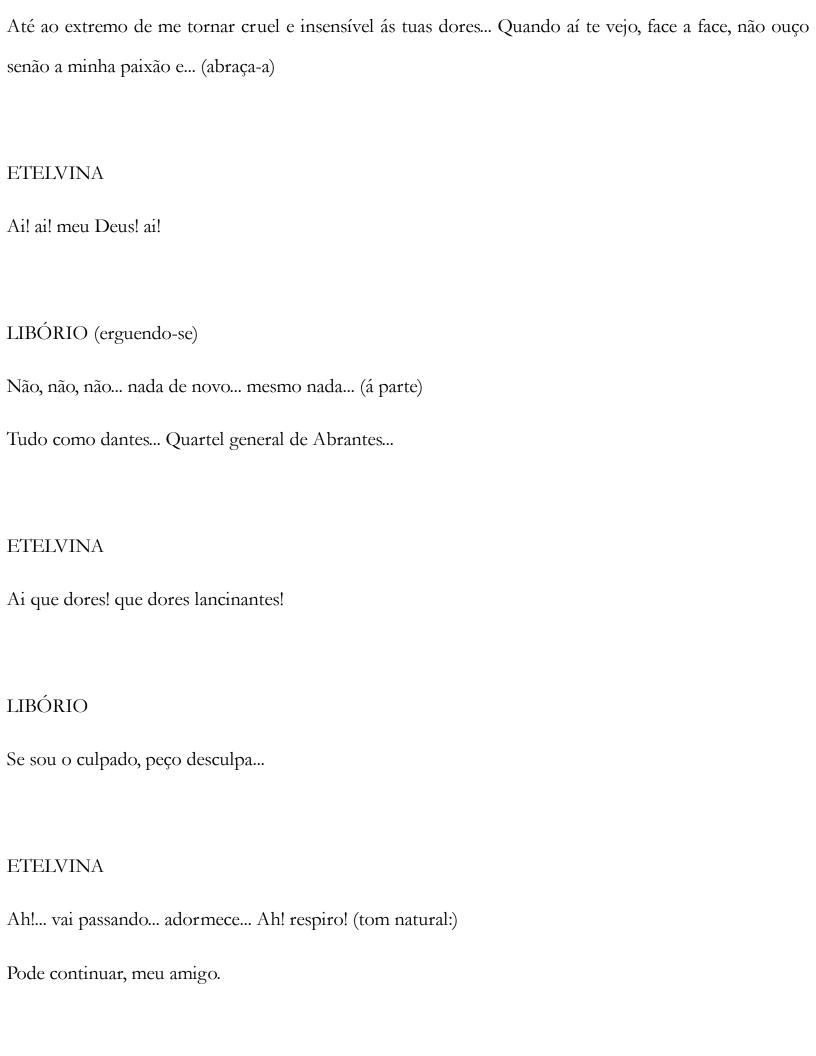
Ai! ai!

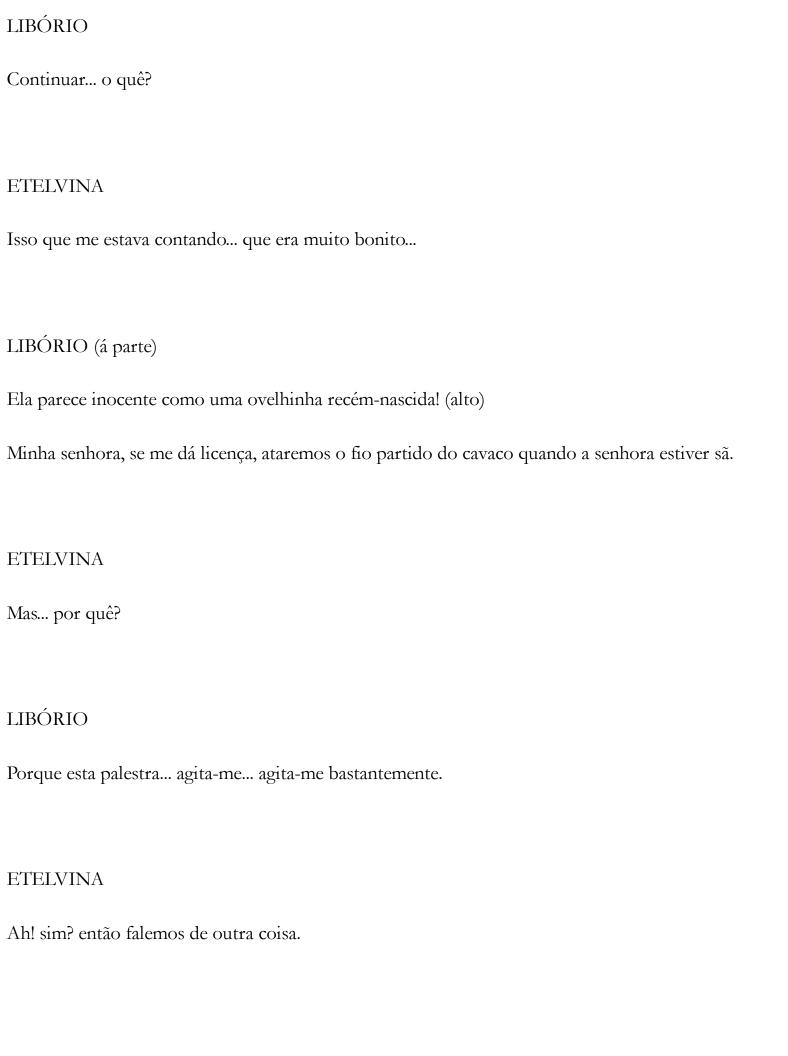
LIBÓRIO (recuando)

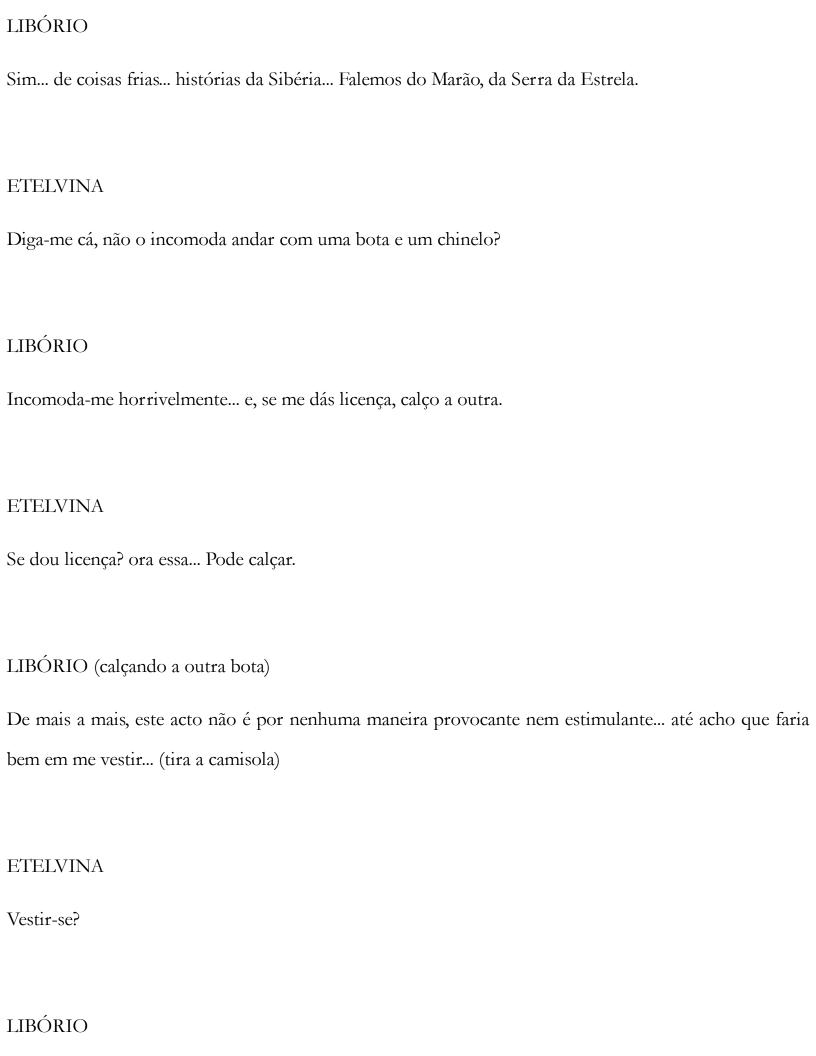


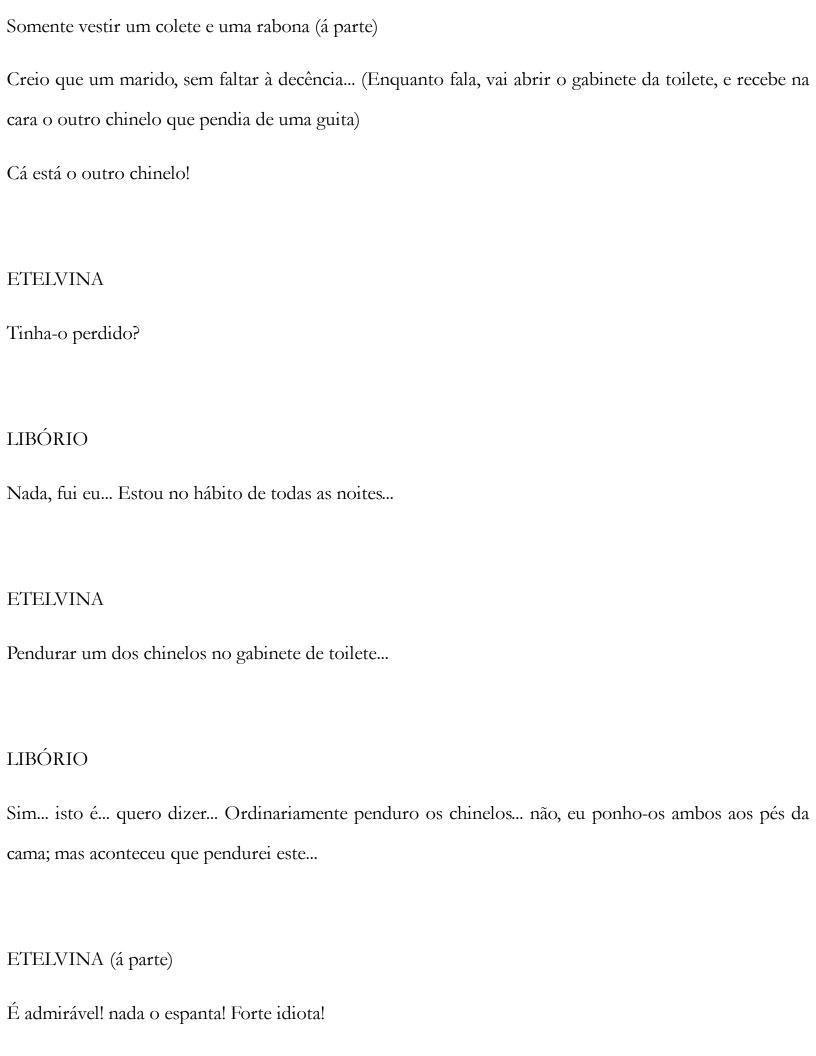


ETELVINA
Decerto não, meu amigo.
LIBÓRIO
E todavia
ETELVINA
E todavia
LIBÓRIO
Olha, Etelvina, eu queria que o pé torcido fosse meu; ainda que tivesse torcidos ambos os pés não
deixaria de me lançar nos teus braços Não há suplício comparável Ah! Tântalo no meio da água
debaixo de árvores carregadas de frutos que ele não podia trincar Eis a minha posição! a árvore és
tu! Tântalo, sou eu! Tenho fome, e não posso comer Horrível!
ETELVINA
Então o senhor padece muito, não é verdade?
LIBÓRIO

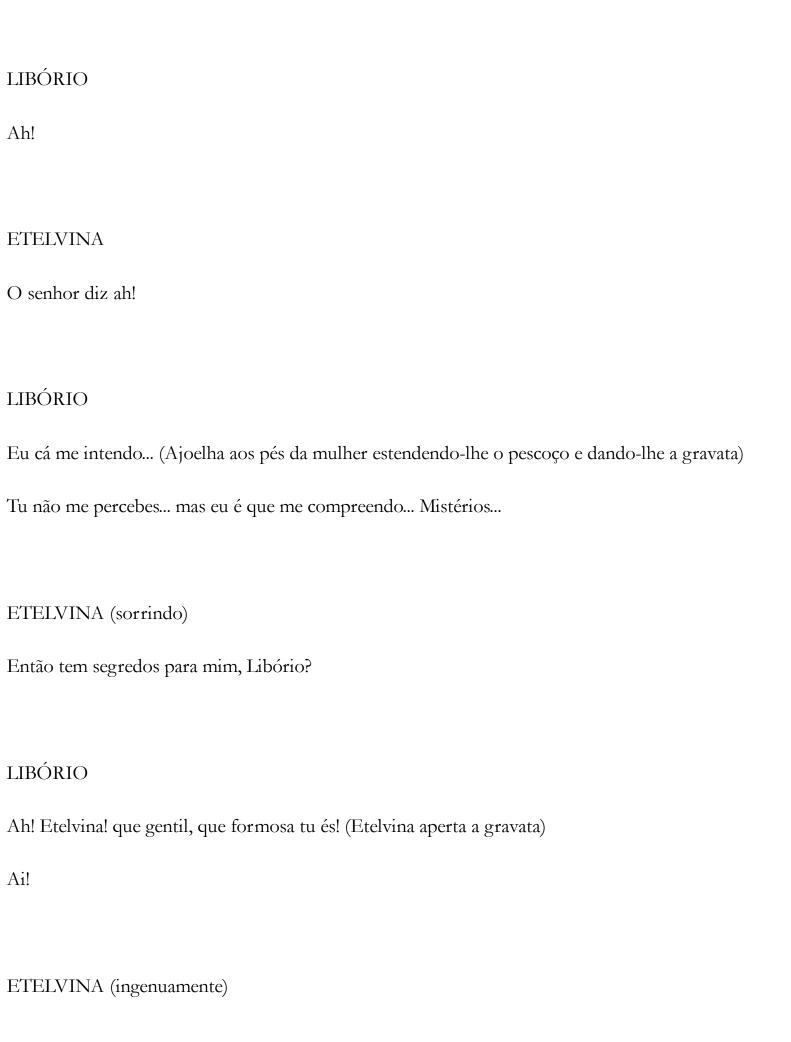


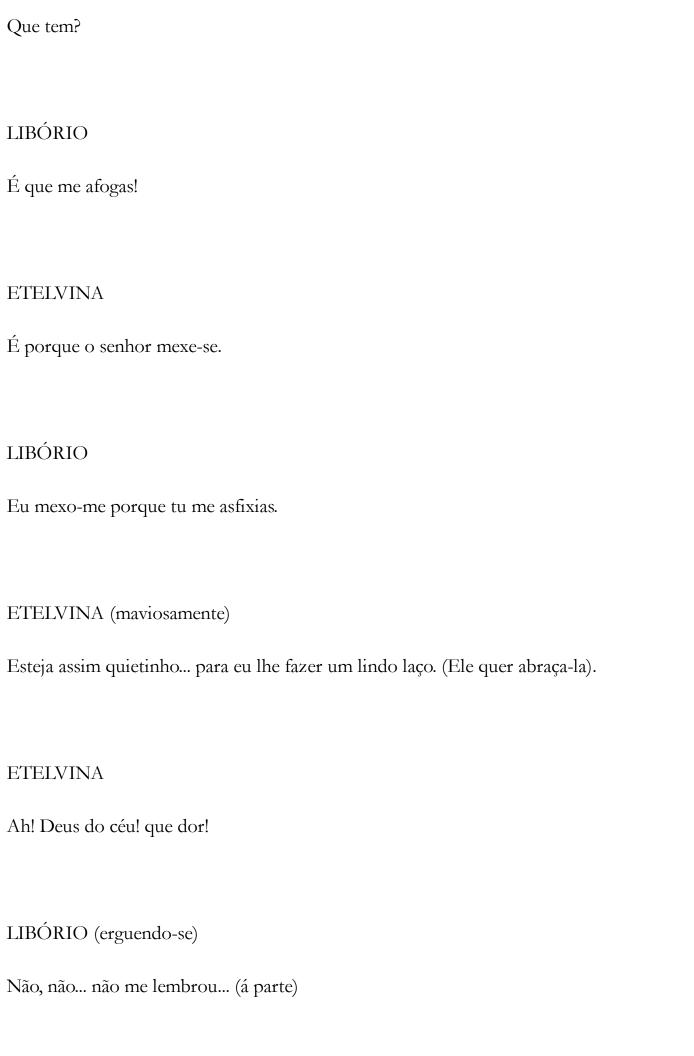






LIBÓRIO (á parte, tirando a gravata do gabinete)
É inevitável que eu seja sonâmbulo acabou-se sou sonâmbulo.
ETELVINA
É singular coisa! Tenho momentos em que não me doe nada o pé perfeitamente boa
LIBÓRIO
Esses momentos duram pouco (Procurando atar a gravata)
Não me ajeito! maldita gravata estou muito perturbado
ETELVINA
Quer que o ajude, meu amigo?
LIBÓRIO
Agradeço, mas receio
ETELVINA
Venha cá pois eu não sou sua mulher?





Apre! que situação! (Passa para a esquerda, e vai vestir o colete e a rabona que tira do gabinete).
ETELVINA
Que dores! que dores!

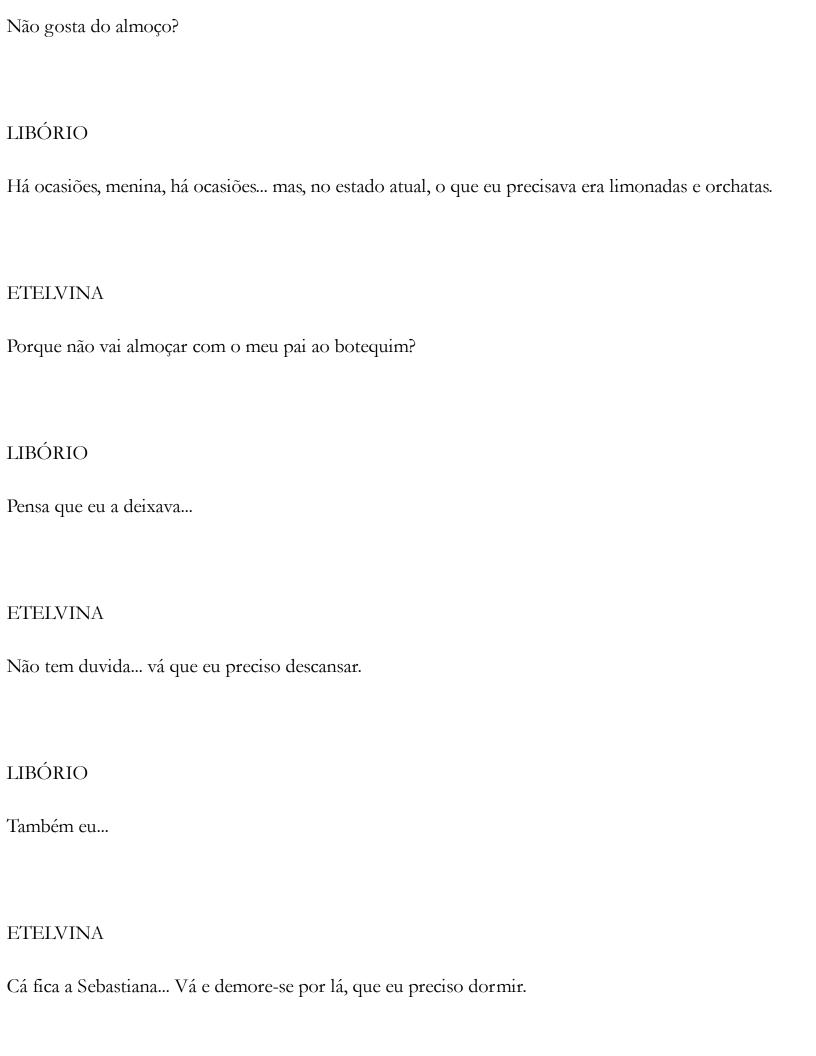
CENA VII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo)

ETELVINA

Está pronto o almoço, senhora. Onde quer a mesa?
ETELVINA
Não tenho apetite
LIBÓRIO
Nem eu tão pouco, a não ser que Que há que almoçar?
BARNABÉ
Ostras cruas, pastéis de camarão e salada de lagosta.
LIBÓRIO
Ui! querem-me incendiar!



LIBÓRIO (que passou para a direita)
Pois bem, seja assim; vá dormir, que eu vou tomar um pouco dar. (á parte)
Ah! Etelvina, Etelvina, porque polkaste tu com o tabelião! (Sai pelo fundo).
BARNABÉ (que passou para a esquerda)
Então, pelo que vejo, ninguém almoça
ETELVINA
Depois, Sebastiana, depois mas tu não esperes. Almoças quando tiveres vontade.
BARNABÉ
Eu não posso deixar a senhora sozinha
ETELVINA
Podes Vou dormir Vai, e fecha-me esta porta. (Sebastiana passa para a direita)
Olha, para eu não acordar estremunhada, espreita, e quando o senhor vier, vem prevenir-me.
BARNABÉ

Sim, minha senhora. (á parte)

Ela quer aqui dormir sozinha... porque será? (Sai pelo fundo).

CENA VIII

Etelvina

(só)

(está um instante quieta, mas, logo que a porta se fecha, desata precipitadamente as tiras que lhe ligam a perna, e entra a caminhar rapidamente). Ah! sim? tu comerás o almoço incendiário... hás de comê-lo por força! quando só encontrares no teu porte-monaie um tostão para pagar o leite e as limonadas, é natural que voltes ao teu posto... Essa felicidade espero eu tê-la. Seja como for, vou tratando de armar as engenhocas para a noite que vem. Comecemos pelas campainhas de que ele abusa... Onde acharei eu com que as corte? (Vai ao gabinete da toilete e encontra lá uma faca de mato)

Uma faca de mato! Ah! tu tens facas nos teus guarda-roupas?... tens!... está bom... esta servir-me... Vamos primeiro cortar... Cortar, não! (Atira com a faca para dentro do gabinete que fecha)

O que se deve quebrar é o arame... Ah!... com a cadeira sobre o leito, chego acima... (Pega da cadeira, que põe sobre a cama, e sobe acima cantarolando. Ergue-se, de costas para a parede, e pega no arame com as mãos ambas)

Oh! com os diachos! parece-me muito rijo!... Ah! é puxar... (ouve-se tilintar a campainha)

Ai que eu toquei! Se a Sebastiana me vê aqui...

CENA IX

Etelvina e Sebastiana

BARNABÉ
A senhora chamou?
ETELVINA
Ai!
BARNABÉ
Onde é que está? (Vendo-a)
Ah!
ETELVINA
Sio! cala-te!
BARNABÉ

Foi a senhora que...

ETELVINA
Cala-te, que te hei de dar uma prenda.
BARNABÉ
Então que quer que eu faça, senhora?
ETELVINA
Espera aí. (Puxando pelo fio)

Záz! Záz! Está quebrado! (Quebra o fio, e o mesmo tilintar da campainha continua).

CENA X

As mesmas e Libório

LIBÓRIO (entrando pelo fundo quando sôa a campainha)
Ela a chamar, a minha querida a chamar
BARNABÉ
Ui! O meu Deus!
ETELVINA
Oh! co a breca! Estou aviada!
LIBÓRIO (não encontrando a cadeira em que Etelvina ficou sentada e passa à esquerda)
Como é isto? Ela não está aqui? (Vendo-a)
Ólé!
ETELVINA (sempre sobre a cadeira; e com a maior naturalidade)
Então já por cá?

LIBÓRIO
Que fazes tu aí?
ETELVINA
Como estava melhor do pé, quis experimentar um passeio.
LIBÓRIO
Passear lá por cima? Ah! tudo se explica! O sonâmbulo não era eu eram vocês as duas que
BARNABÉ
Ó senhor! os diabos me leve se
LIBÓRIO
Retira-te.
BARNABÉ
Mas senhor Raios me parta, se
LIBÓRIO (avançando para ela)

Rua! rua!
BARNABÉ
Rua? mas
LIBÓRIO
Safa-te, ou eu (Sebastiana dá um grito e foge pelo fundo. Libório dá um pontapé no banquinho).

CENA XI

Libório e Etelvina (Durante estas e	ultimas falas, Etelvina des	ce serenamente da ca	deira, depois desce do
	leito, e aí fica fria e impa	assível).	

LIBÓRIO (fechando a porta do fundo, e aproximando-se de Etelvina)

Agora nós dois, senhora! (silencio de Etelvina). Quando eu entrava no botequim, a inquietação fez-me regressar... Vejo que fiz bem... (silencio)

Que geringonça é esta? queira responder.

ETELVINA

Geringonça, dizes tu? perguntas-me que geringonça é esta?

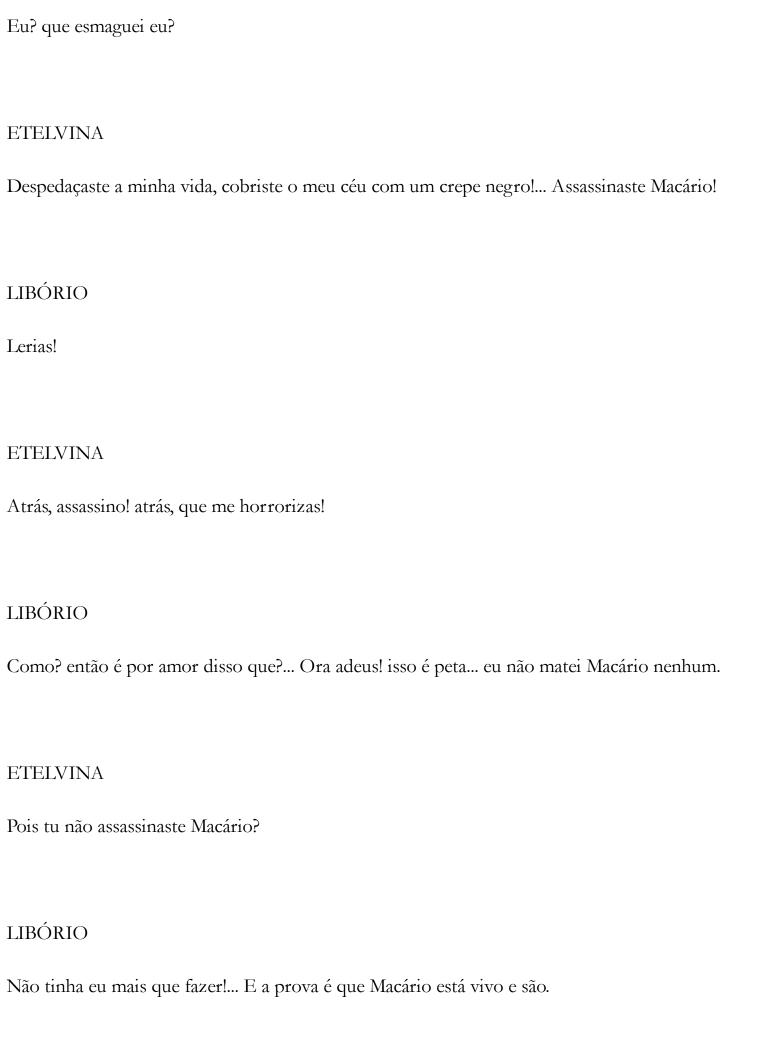
LIBÓRIO

Sim!... pergunto e quero saber.

ETELVINA (formalizada)

Libório, tu esmagaste o coração de uma mulher, o seu primeiro amor...

LIBÓRIO



ETELVINA
Macário vive?
LIBÓRIO (reconsiderando)
Eu cá de mim não o matei (á parte)
que ia eu a dizer? Ela ama-o! e, se sabe que ele vive, temos novo chinfrim
ETELVINA
Ah! tu negas? não tens a coragem do teu crime?
LIBÓRIO
Etelvina, palavra de honra! Quem te disse?
ETELVINA
Nada de questões Você está condenado!
LIBÓRIO

Condenado!

ETELVINA Unicamente para me vingar, e nunca pelos seus atrativos, percebe? LIBÓRIO Mas a senhora, casando comigo, também me deu a sua vida e... **ETELVINA** A minha estava despedaçada... O sacrifício que eu lhe fazia era de uns pedaços da minha existência. LIBÓRIO Mas a senhora sabe que eu sou uma espécie de balão que não obedece ao movimento de vontades alheias? **ETELVINA** Os balões obedecem ao capricho do vento, e os homens ao capricho das mulheres. LIBÓRIO Sim? estou com curiosidade de ver isso...

ETELVINA

Eis o meu programa: (Com energia)
Quero que cada um dos teus dias seja uma catástrofe! cada uma das tuas horas uma tortura! cada um dos
teus minutos um grito de dor!
LIBÓRIO (com ironia)
Diga lá o resto.
ETELVINA
Hei de fazer-te tragar todas as amarguras! cravejar-te com todos os punhais! passarás a vida sobre umas
grelhas como S. Lourenço, e eu de vez em quando a voltar-te nas grelhas e tu a arder, a rechinar oh!
LIBÓRIO
Que enorme telha!
ETELVINA
É o teu futuro!
LIBÓRIO
Mas é que eu fujo-te pudera!

ETELVINA

E eu vou atrás de ti. Sou tua mulher; a lei obriga-te a receber-me.

LIBÓRIO

Excelente separação de corpos a que já estou habituado!... Divorcio-me.

ETELVINA

E as provas? Pensas no divórcio? Pensas que eu não previ já esse caso muito natural de me quereres escapar? Eu já li o teu código civil. Ninguém se separa sem provas e testemunhas; e tu nunca arranjar testemunhas nem provas. Mulher mais terna do que eu, em público, não haver segunda, hei de acariciarte, ameigar-te, se for preciso, que isso me não custa nada...

LIBÓRIO (á parte)

Irra! estou a sentir uns calefrios na espinha...

ETELVINA

Em público, serás o meu amante, o meu herói, o meu Deus! Serás um mortal ditoso e invejado!... possuirás uma gentilíssima esposa, dedicadíssima... e, se, um dia, ousares queixar-te de mim, se promoveres o divórcio, passarás por um monstro extraordinário, por um ignóbil... malandro!

LIBÓRIO (á parte)

Isto é o José do Telhado disfarçado em mulher!
ETELVINA (indo para Libório que passa à esquerda)
Mas o anjo das salas será o demónio dos lares! quero que a tua vida se teça de espinhos dilacerantes. Não
entrarás na tua casa sem cair numa esparrela! Não poderás sair sem te palpitar uma desgraça imprevista
E este amor este amor que me pedias, hei de dá-lo a outro!
LIBÓRIO
Oh! Shocking!
ETELVINA
Sim! hei de cuspir na tua honra!
LIBÓRIO (furioso)
Senhora!
ETELVINA
Eis o teu futuro, Libório! eis o teu futuro! (sai pela direita).

CENA XII

Libório

(só, atordoado)

Safa! caramba! É bècarre! Estou a abafar! ardem-me os miolos! Anda-me tudo à roda! Parece-me que estou numa jaula tête-à-tête com uma pantera solta... Falta-me a coragem para a luta! (Cai prostrado perto do gueridon)

Que a pantera me devore! Resistir-lhe é-me impossível!... (Fecha os olhos e fica imóvel...)

CENA XIII

Libório e Barnabé

,				
$\mathbf{D} \mathbf{A} \mathbf{D} \mathbf{N} \mathbf{I} \mathbf{A} \mathbf{D} \mathbf{E} \mathbf{A}$	entrando alegremente	- -1 -	finda	١
DANNADE (entrando alegremente	neio	Tunao)
\		1	,	/

O meu negócio vai bem... otimamente.

LIBÓRIO

É ele!... (levanta-se e sobe um pouco).

BARNABÉ

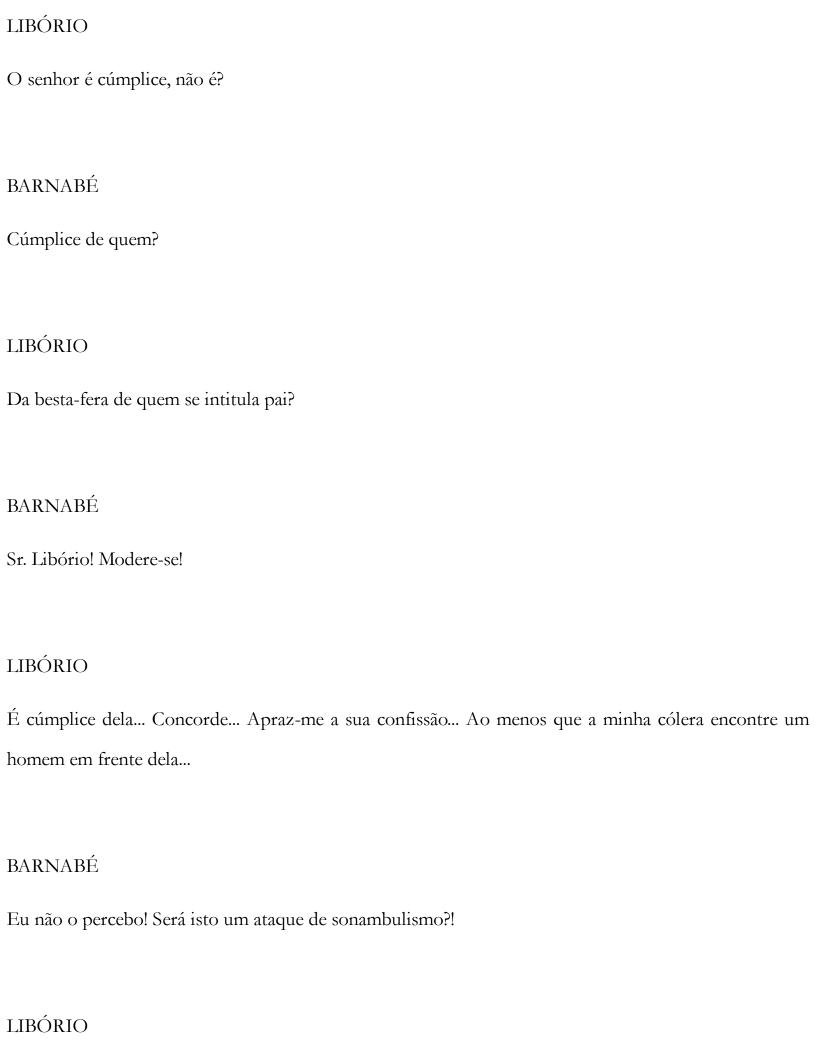
Ah! meu amigo Libório, obterei a casa. O Braga ainda hesita quanto ao preço, mas eu conheço-lhe o génio... ele é condescendente... e enfim, viverei em paz e sossego.

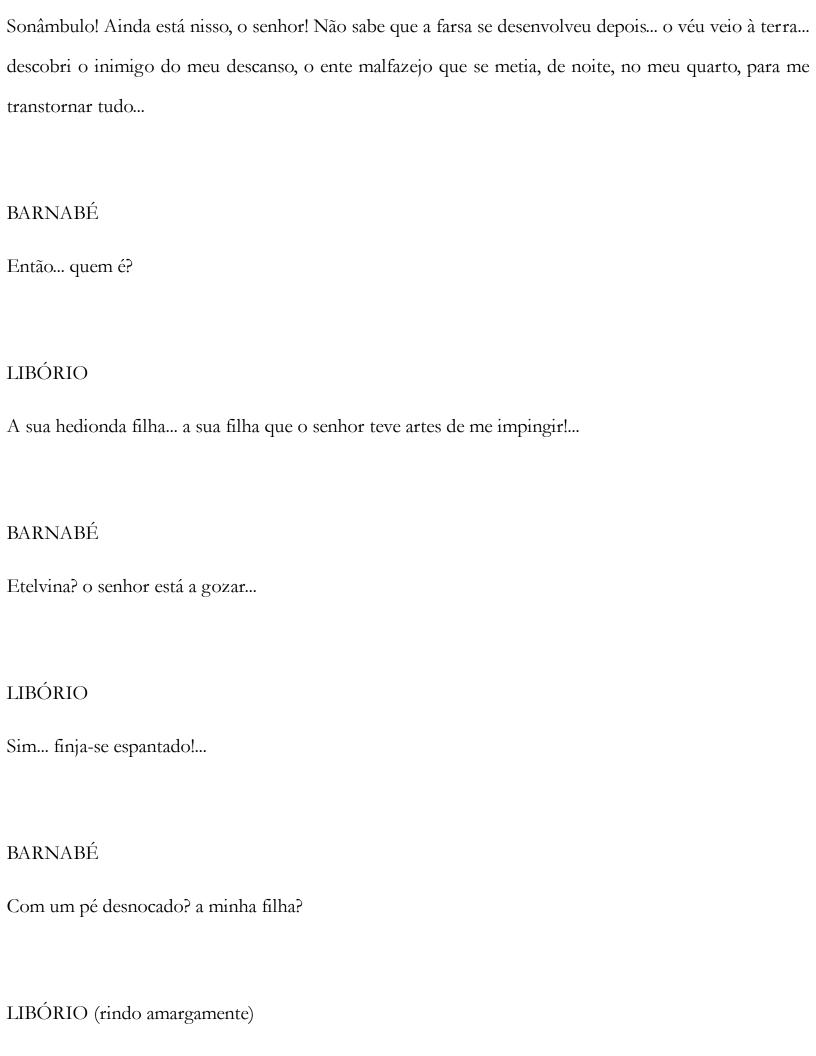
LIBÓRIO (dirigindo-se-lhe)

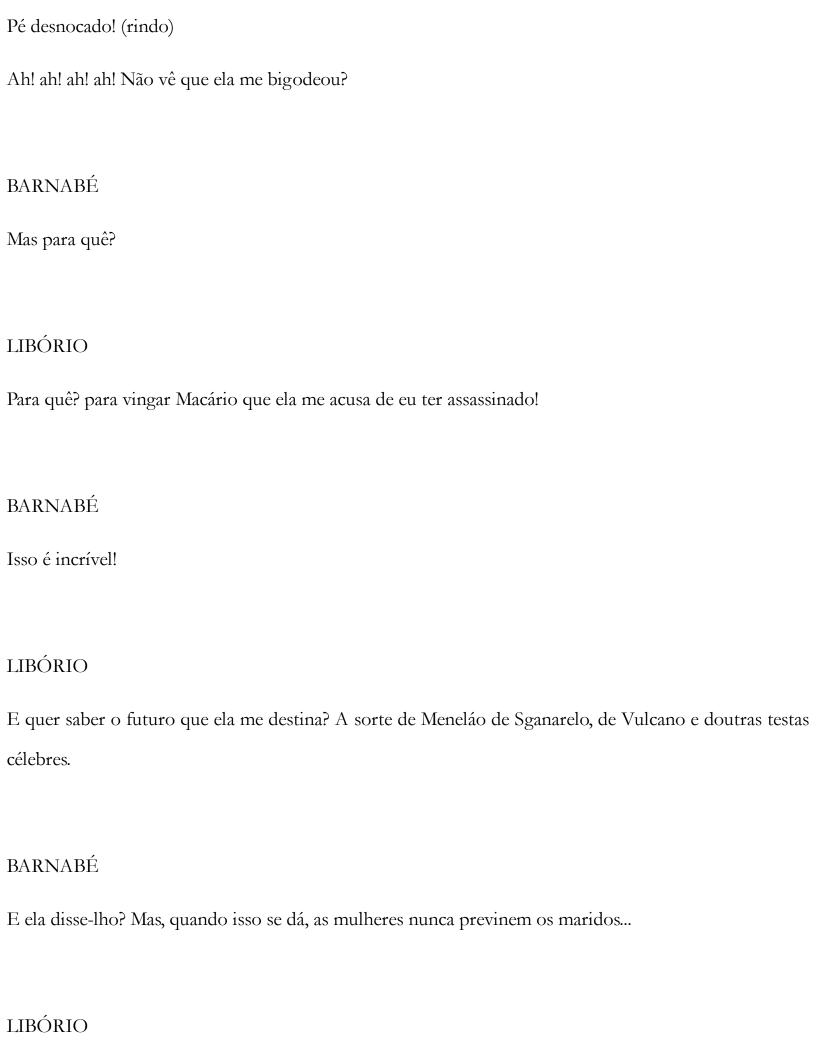
Em paz?... Sorri-lhe essa esperança? Pois não viveste...

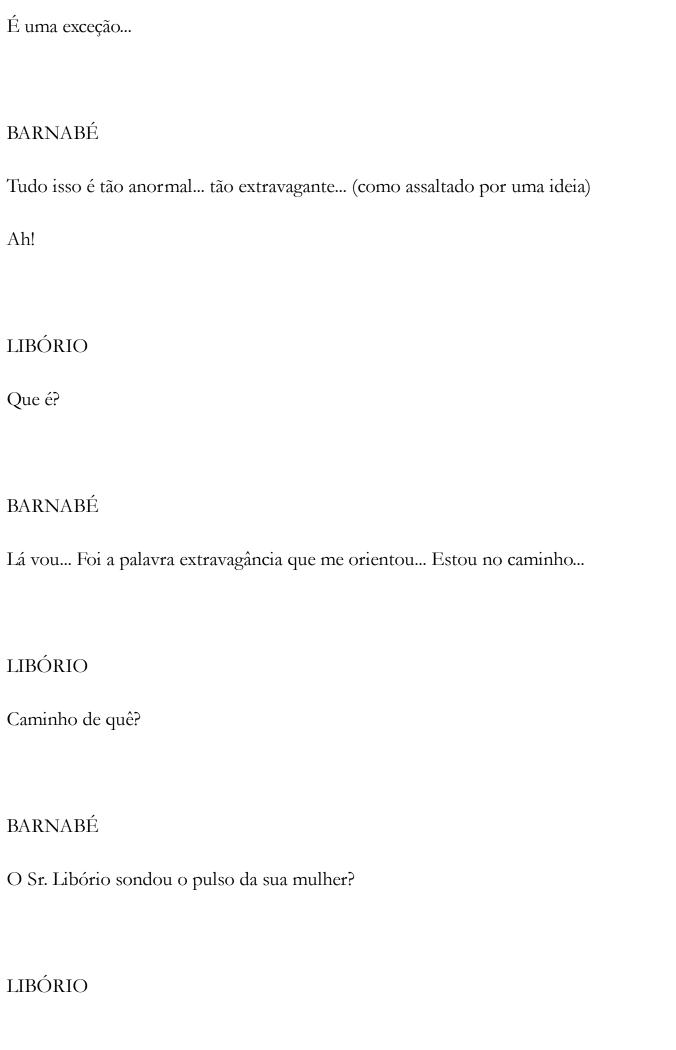
BARNABÉ

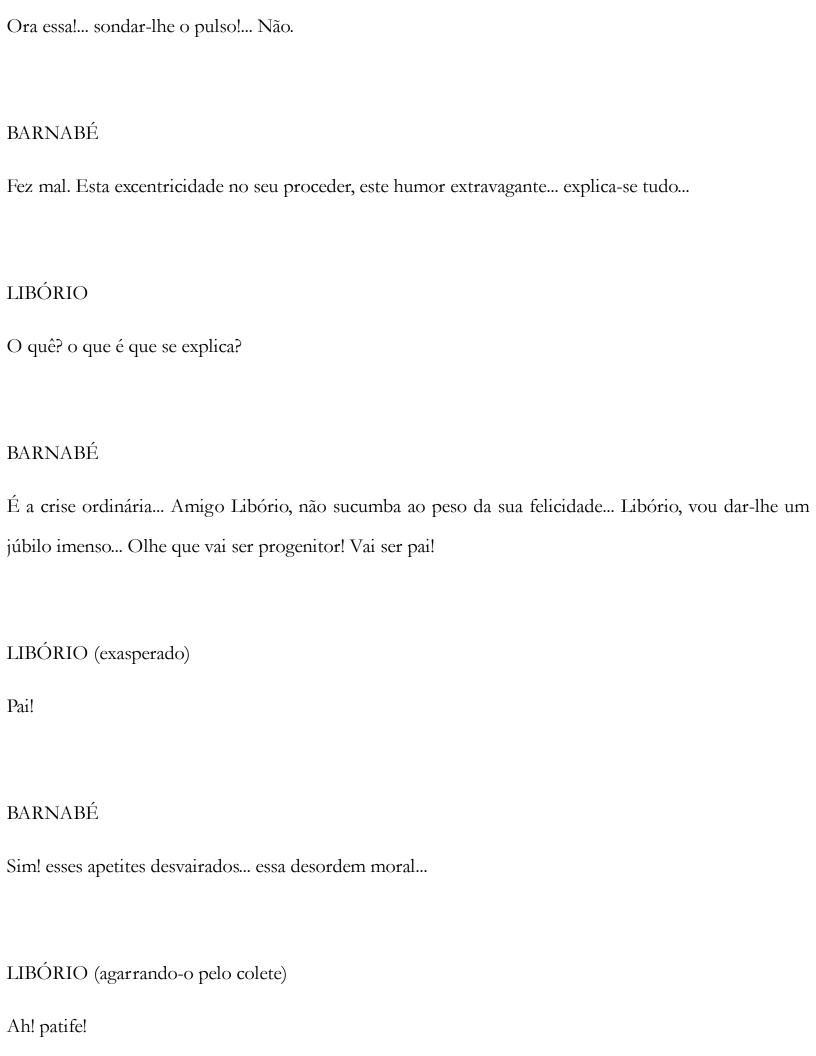
Sim... sorri-me esta esperança.











BARNABÉ
Hein? você chame-me patife? a mim?
LIBÓRIO
É a minha desonra que você apregoa!
BARNABÉ (desagarrando-se sem poder)
Que diz?
LIBÓRIO
Você sabia-o e não me gritou: acautele-se!
BARNABÉ
Você esgana-me!
LIBÓRIO
Mas agora estou convencido (sacode-o cada vez mais).

BARNABÉ Largue-me! socorro! ó da guarda!

CENA XIV

Os mesmos e Etelvina

(Etelvina entrando agitadamente pela direita; está em toilete de quem vai a passeio).

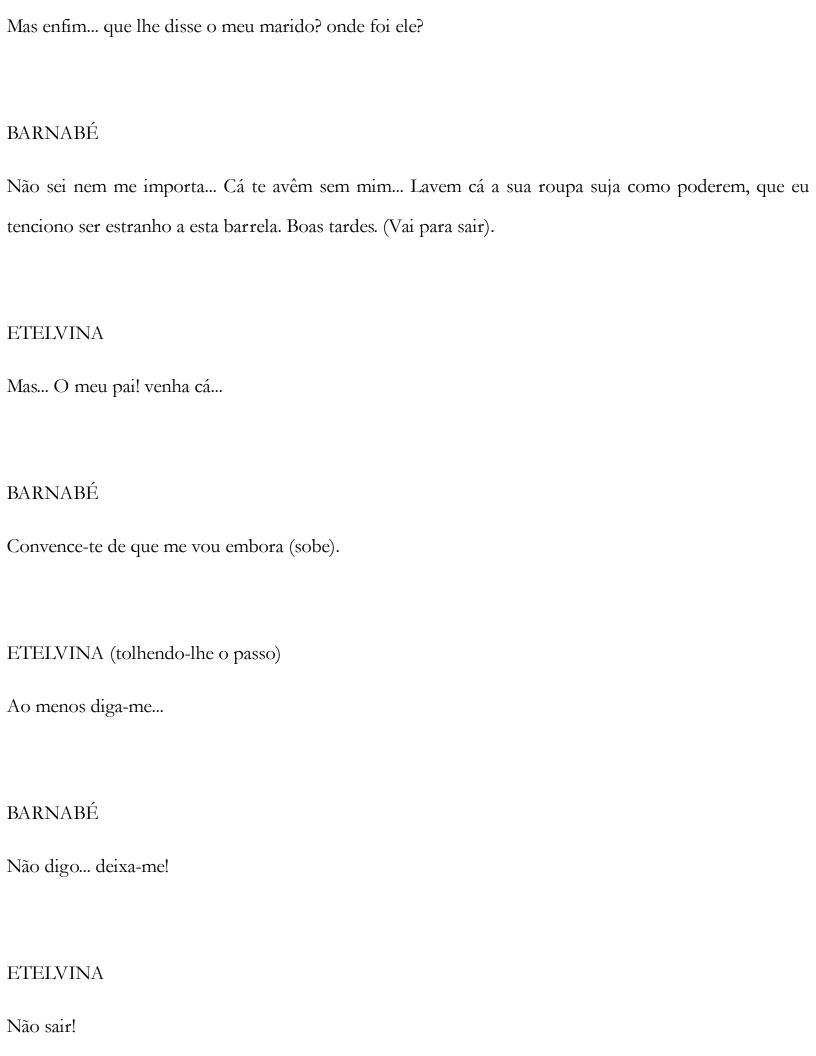
Que é isto? que aconteceu? (Libório larga Barnabé, que cai assentado ao pé da jardineira. Libório fica um momento imóvel entre o sogro e a mulher, olhando-os alternadamente; depois despede um suspiro abafado, e sai precipitadamente pelo fundo, fazendo um gesto de horror).

CENA XV

Barnabé e Etelvina

BARNABÉ (assentado)
Uf! (bufando)
ETELVINA
O pai que tem! parece que está sobressaltado!
BARNABÉ
Sim com certeza eu não me sinto bastante bem. (respira fortemente).
ETELVINA
Mas que aconteceu?
BARNABÉ (erguendo-se)
Aconteceu mas não, as explicações são inúteis Vou deixar esta caverna

ETELVINA



Impedir-me! (indo para ela)
Minha filha!
ETELVINA
Não sai antes de me dizer
BARNABÉ
Tudo o que eu tenho no coração? Vais ser satisfeita! Tu, ao meu pesar, envolves-me nas tuas
combinações ferozes! Pois bem Também eu vou torturar-te e desde já fica sabendo uma pequena
coisa que te vai dar grande prazer! Macário existe! Macário vive!
ETELVINA
Macário!
BARNABÉ
Nunca se bateu não era tão besta, como isso É um maltrapilho, mas é velhaco Ele logo conjeturou a
linda mulherzinha que tu serias e disse lá com os seus botões: «Não quero contas com a mexicana» e

pediu a este bajogo do Libório que viesse anunciar-te a sua morte, e este parvoeirão foi tão asno... que...

BARNABÉ

ETELVINA
O pai está blasfemando
BARNABÉ
Que é blasfemar?
ETELVINA
Macário vivo! Macário autor de tal perfidia! não, não, é impossível!
BARNABÉ
Com que então impossível! E, se eu te disser, que ele, bem contente por não entrar neste langará, se
consola num a mancebia
ETELVINA
Mancebia?
BARNABÉ
Sim com uma criaturinha, de pouco mais ou menos, rua de Miragaia n.º 1071, lado direito.

ETELVINA

Rua de Miragaia n.º 1071, lado direito...(Passa para a esquerda).

BARNABÉ

Mudou de freguesia; mas não de costumes... O fedor dos escândalos de Miragaia não passa da Cordoaria, e confunde-se com as flores do jardim e do peixe do barração...

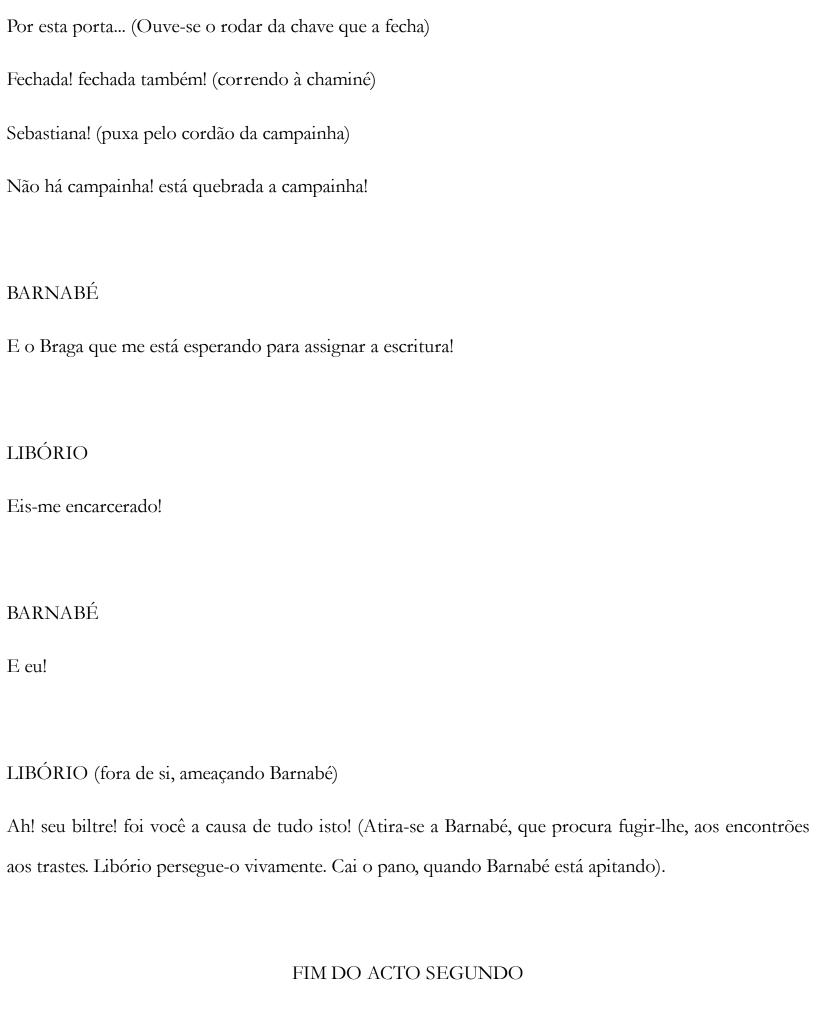
ETELVINA

Oh! isso seria horrível! (Libório entra pelo fundo).

CENA XVI

Os mesmos e Libório

LIBÓRIO (com o porte-monaie na mão)
Minha senhora, eu tinha aqui 12\$000 réis. Foi a senhora que lhe deitou o gatázio?
ETELVINA
Logo o saberá quando eu voltar (Sai).
LIBÓRIO
Onde vai você?
ETELVINA
Rua de Miragaia n.º 1071. (Sai precipitadamente pelo fundo).
LIBÓRIO
Que é? Rua de Miragaia n.º 1071! Quem lho diria? (A Barnabé)
Foi o senhor Rua de Miragaia, é lá efetivamente (Ouve-se fechar à chave a porta do fundo)
Ela fecha-nos! e vai a casa dele! a casa dele! (Indo à porta da direita)



ACTO TERCEIRO

A mesma	decoração.	- Grande o	desarranjo.	- Os móveis	tombados,	um col	lchão está	meio	caído	para	fora
do leito.											

CENA I

Libório e Barnabé

(ao levantar do pano, Barnabé está sentado no colchão, e Libório, à direita sobre uma cadeira de braços, caída. Depois de instantes de silencio, Libório levanta-se e vai à janela).

LIBÓRIO (examinando a rua)

Nada, não vejo vir ninguém. Que horas são, Sr. Barnabé?

BARNABÉ

Outra vez... Depois do nosso combate... singular, já me perguntou isso três vezes.

LIBÓRIO

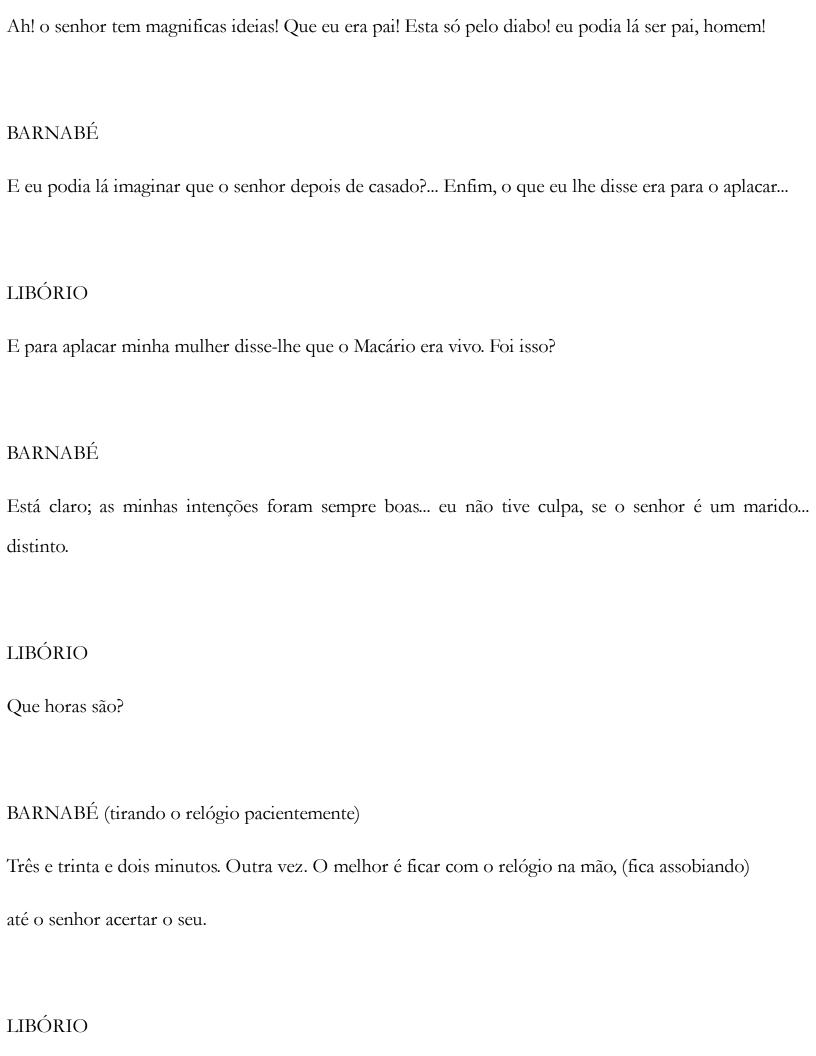
A quem hei de eu pergunta-lo? ao meu relógio? à minha pendula? Tudo aqui está desmanchado (á parte) como a cabeça da minha mulher (Levanta a cadeira).

BARNABÉ

Há cinco minutos que eu lhe disse que eram 3 e 25; agora, por consequência, são três e meia.

LIBÓRIO (passeando com grandes passos)

Ela saiu ás duas horas (dirige-se a Barnabé)
Como explica o senhor isto? Ausente à hora e meia! (Arruma os trastes).
BARNABÉ
Não que daqui de Malmerendas a Miragaia são dois quilómetros. Dê-lhe tempo
LIBÓRIO
Que lho dê? Ela toma o que quer! Fechar o pai e o marido para ir
BARNABÉ
Minha filha é incapaz de tal
LIBÓRIO
É capaz de tudo: é Mexicana, e basta.
BARNABÉ
Não o contrário, para você não pegar de novo comigo. (Levanta-se e põe o colchão sobre o leito).
LIBÓRIO



O senhor assobia?

BARNABÉ

Então o senhor quer que eu chore? Deixe-me assobiar, homem! Há paixões de alma que não desafogam se não pelo assobio... situações cruéis em que um homem sente a necessidade de estar sempre não só a assobiar, mas até a apitar.

LIBÓRIO

Tem razão. Quando se possui uma filha como a sua, e uma esposa como a minha, todas as manifestações do assobio e do apito são permitidas. (Barnabé continua a assobiar)

Tem razão. Assobie à sua vontade... use de todos os instrumentos de sopro... Desabafe, Sr. Barnabé, que eu faço o mesmo. (Assobia também. Ouve-se ruido de passos). Sio... escute...

BARNABÉ

Será?... (rumor na fechadura).

LIBÓRIO

É ela!

BARNABÉ

Prudência, Sr. Libório, prudência...

LIBÓRIO (sentando-se numa cadeira à esquerda, e pegando de um jornal de sobre o fogão)

É ela... (atira os pés para cima de uma cadeira).

BARNABÉ (á parte)

Eles vão-se agatanhar!... se eu pudesse tingar-me...

CENA II

Os mesmos e Etelvina

(Abre-se a porta do fundo precipitadamente. Etelvina entra muito agitada, fita o pai e o marido, tira o xaile e o chapéu que atira sobre a cama; depois, desce, volta a olhar o marido e o pai, e diz a Barnabé):

ETELVINA

Meu pai! deixe-nos sós. (Barnabé, sem responder, safa-se apressadamente pelo fundo).

CENA III

Libório e Etelvina

(Etelvina está momentos sem falar, olhando para o marido que a não encara; depois faz um gesto de impaciência e diz:)

ETELVINA

Vi Macário. Não estava só... Estava com uma criatura com um penteado de estardalhaço, muito estapafúrdio. Iam sentar-se à mesa... e eu puxei pela toalha e quebrei tudo... (Movimento de Libório, que logo se reprime, e retoma a sua aparente tranquilidade). Levantaram-se ambos e avançavam para mim; eu fiquei de braços cruzados, serena, imóvel, encarando-os assim! Depois afastei-me lentamente, sem dar palavra, e sai! (Silencio. Etelvina dá uns grandes passos)

Ah! o que são os homens! o que são os homens! (Torna para o marido)

Por que é que o senhor me anunciou a morte dele? (Silencio)

Eu sei-o, disse-mo meu pai... foi ele, esse miserável que assim o quis, não foi? O infame Macário escarneceu o meu amor, ludibriou a minha angústia! Ah! é incompreensível! é execrável! (Pega da cadeira em que o marido tem os pés e senta-se ao lado dele)

Como é que nós havemos de matar Macário?

LIBÓRIO (agitado, erguendo-se)

Que diz?

ETELVINA (fazendo-o sentar-se)

Ambos nós andamos mal, Libório. Eu pensei que tu o mataras... Não se fale mais no passado... acabouse... Agora, unamo-nos para a vingança... Como é que se assassinar Macário?

LIBÓRIO (erguendo-se)

A senhora terá o diabo no corpo?

ETELVINA

Se estivéssemos na minha pátria, eu não o consultava; mas aqui, os homens que fizeram as leis, reservam para si o monopólio da vingança, e a honra de uma mulher nada importa, se não implica com a honra do homem. Pois então, Sr. Libório, visto que me esposou, a minha honra é a sua. Um pulha, um sacripanta escarneceu sua mulher... cumpre-lhe evitar que ele o escarneça também a si... (com ternura)

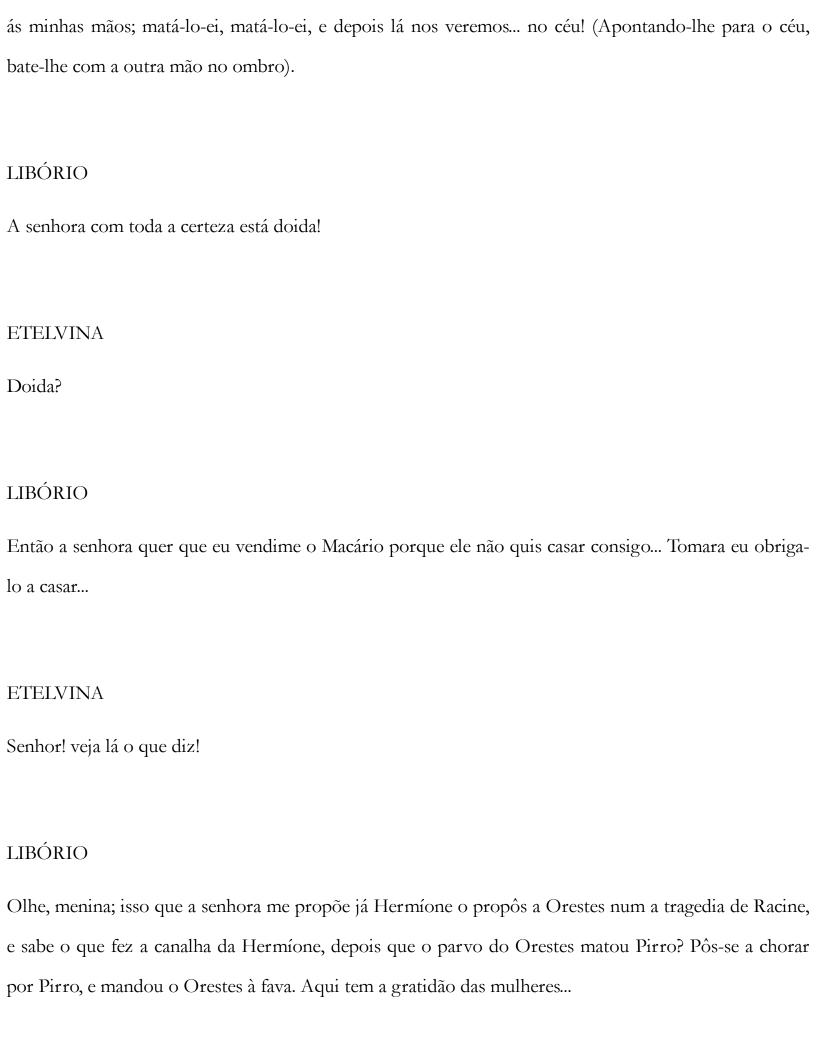
Mata-o! filho! mata-o!

LIBÓRIO (á parte)

Arreda! estou em brasa!

ETELVINA (formalizada)

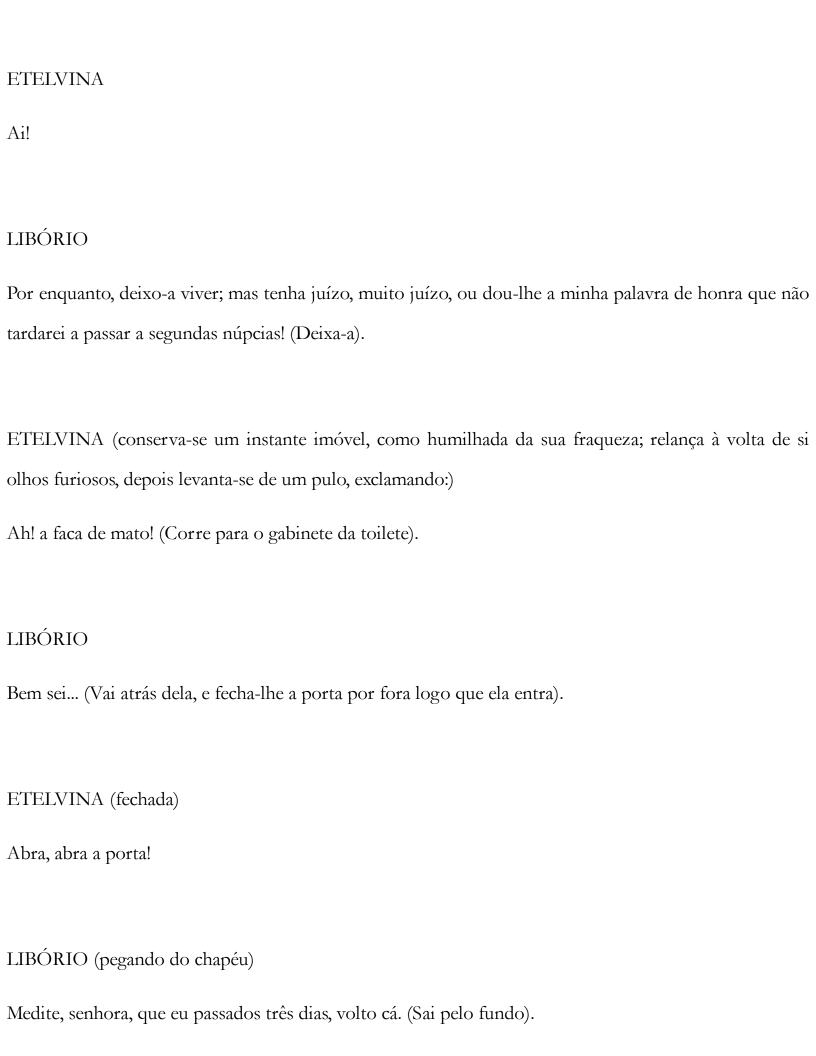
Dar-se-á caso que o senhor, escravo de vãos prejuízos, não queira atentar contra a vida dele sem expor a sua? Se é isso, esteja descansado. Se Macário o matar, eu não lhe sobreviverei, nem ele, porque morrerá



ETELVINA
Por tanto, recusa?
LIBÓRIO
Redondissimamente. (á parte)
Isto é que é o chic da patifaria!
ETELVINA
Bem! Eu pedia-lhe a cabeça de Macário para salvar a sua Você não quer? não quer? não se fala mais
nisso.
LIBÓRIO
Isso que quer dizer explique-se!
ETELVINA
Macário recuou diante dos laços indissolúveis; mas amava-me, estou certa disso, e eu ainda o amo.
LIBÓRIO (levantando os dois braços)
Que diabo!

ETELVINA
E visto que o senhor desculpa o proceder passado de Macário, terá de desculpar também o futuro
LIBÓRIO (agarrando-a pelos braços)
Mulher! Ah! tu pensavas que
ETELVINA
Largue-me!
LIBÓRIO
Amas Macário?
ETELVINA
Você magoa-me!
LIBÓRIO
Os indígenas do México que é o que fazem ás mulheres que se parecem contigo?

ETELVINA
O senhor está-me a quebrar os braços
LIBÓRIO
Pode ser; porque em Portugal, nós os homens, ao lado da lei, também temos a força.
ETELVINA
Isso é uma covardia!
LIBÓRIO
Não sei se é; mas eu, se houvesse de matar alguém, não mataria o Macário
ETELVINA
Ai! (Cai de joelhos).
LIBÓRIO
Olhe bem para mim, senhora! (Ela quer morder-lhe a mão)
e não morda! Se pensou que casava com um cordeirinho, mude de opinião ao meu respeito. Este homem
que se chama Libório, nascido no Porto, no Poço das Patas n.º 610, é de per si só mais feroz que todos
os leopardos do México Não morda, ouviu?



ETELVINA (batendo na porta)

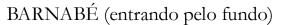
É infame, é abominável! Sr. Libório! Olhe que quebro a porta. (Pancadas cada vez mais fortes)

Abra-me a porta; peço-lhe que me abra a porta por quem é! Oh! que vil, que indigno procedimento!

CENA IV

Etelvin	a (fee	chada)

e Barnabé



Ora aqui está! Em quanto eu estive aqui fechado, o Braga vendeu a casa da Carriça... Tenho de procurar outra... (Etelvina bate à porta do gabinete. Barnabé que está perto, recua assustado)

Que diabo é isto?

ETELVINA

Abra-me a porta!

BARNABÉ

A minha filha fechada! (alto)

Tu que fazes aí?

ETELVINA

Abra, meu pai, abra!

BARNABÉ
Mas como foi isto? (Vai para abrir).
ETELVINA
Foi meu marido Abra que eu lhe contarei.
BARNABÉ (retirando-se)
Teu marido! diabo! isso é mais serio
ETELVINA
Então, abre?
BARNABÉ
Minha filha, um sogro não deve intervir entre marido e mulher.
ETELVINA
Então não abre?
BARNABÉ

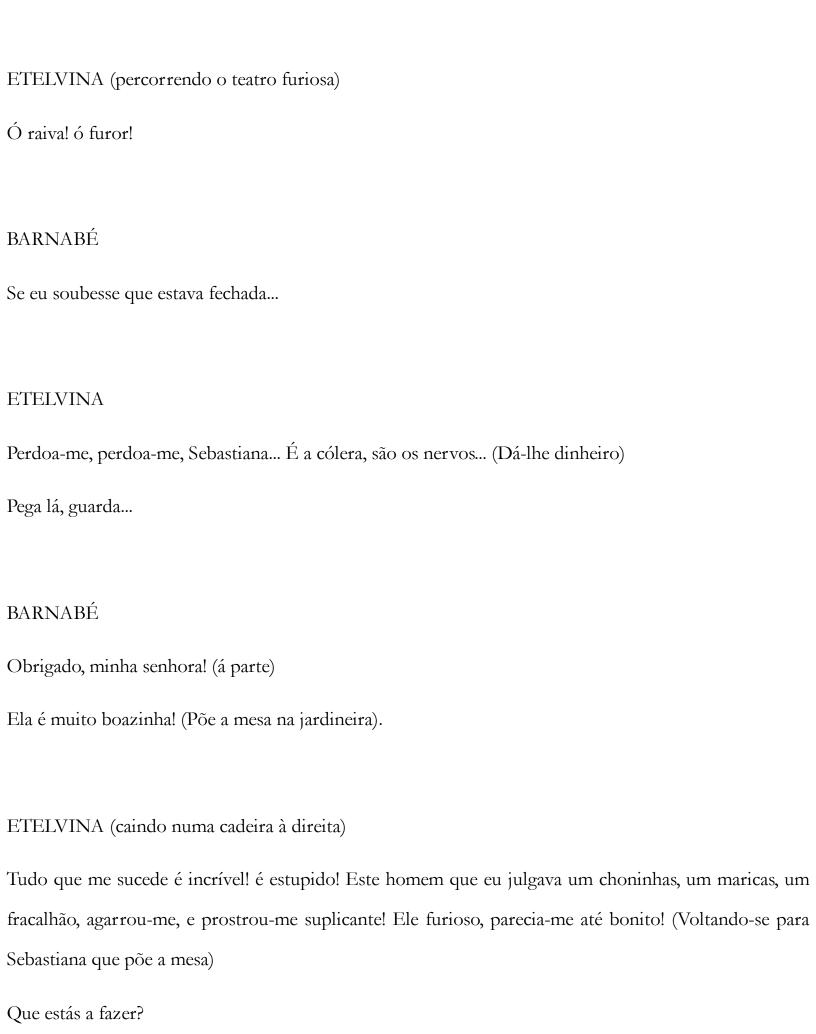
ETELVINA
Mas eu sufoco! (Grande tropel dentro).
BARNABÉ
Não sufocas, não Isso passa! (á parte)
Ela arromba o sobrado! (Sai).
ETELVINA (batendo sempre)
Meu pai! meu pai! Foi-se? Socorram-me! Acudam-me!

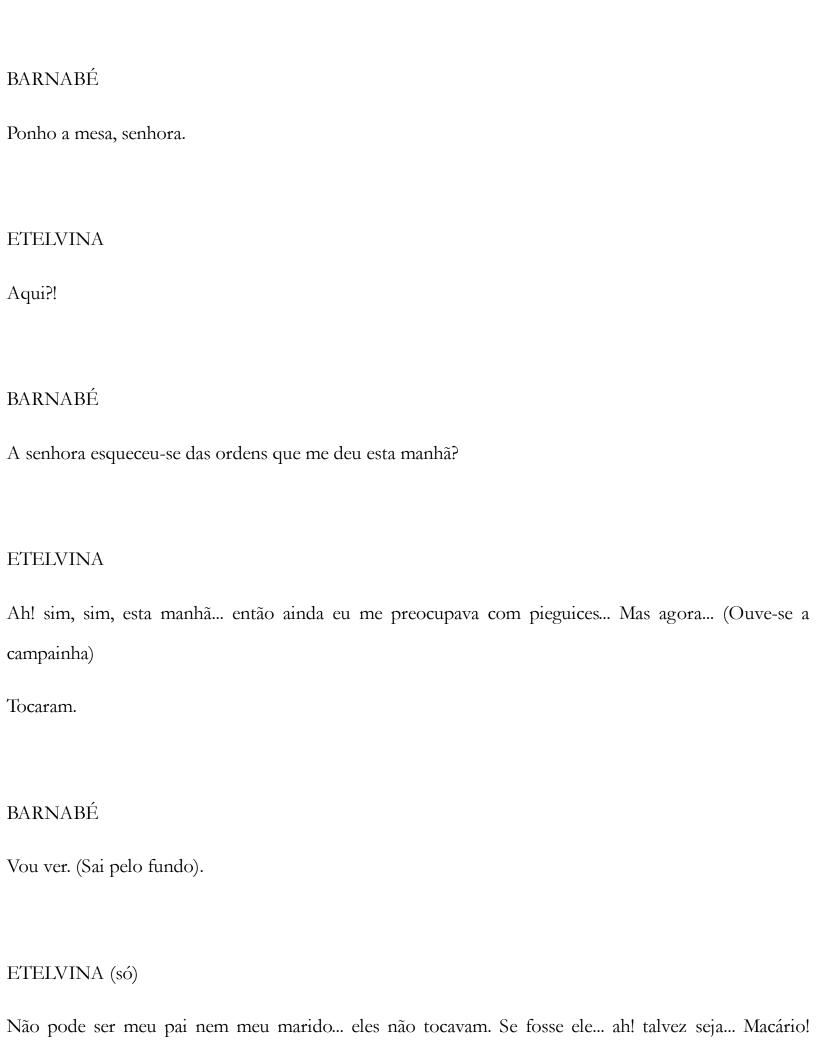
Procedo como fino político... Mantenho-me na neutralidade, na não intervenção.

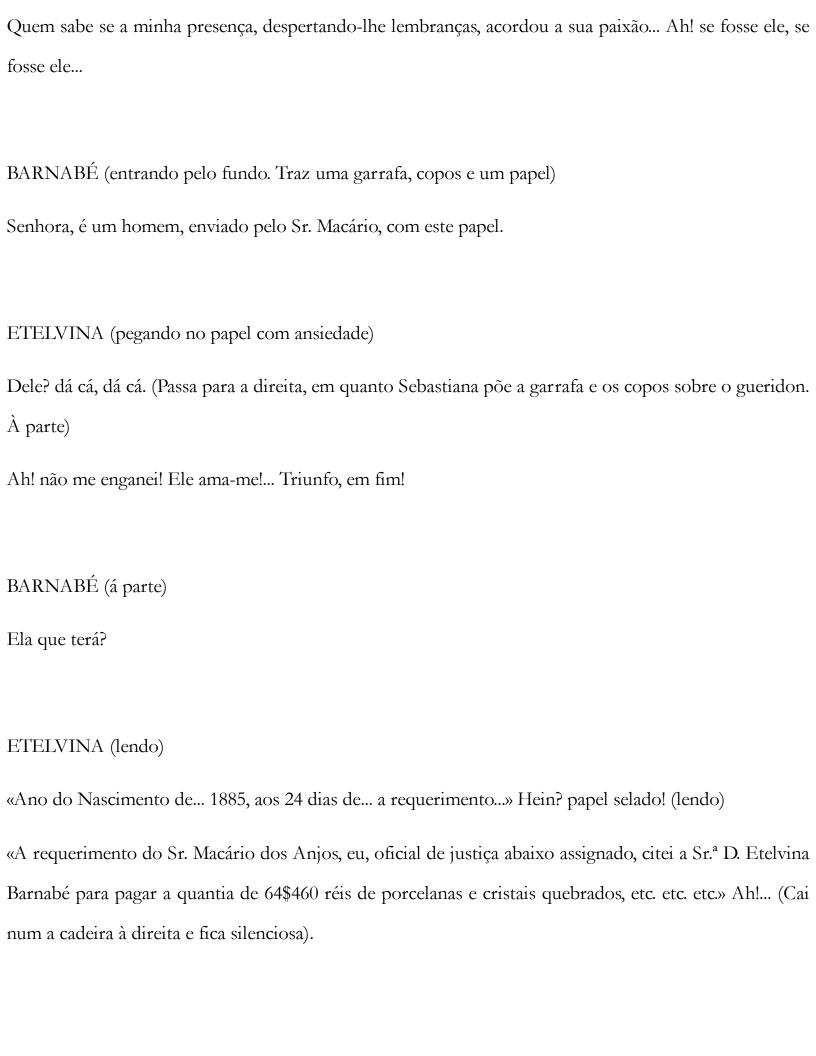
CENA V

Sebastiana e Etelvina
(Sebastiana entra pela direita, trazendo pratos, talheres, pães e guardanapos)
BARNABÉ
A voz da senhora no gabinete de vestir (Pousa o que traz sobre o mármore do fogão). É a senhora?
ETELVINA
Abre, Sebastiana, abre a porta.
BARNABÉ
Aí vou, aí vou. (Abrindo)
Que foi isto?
ETELVINA
Pega! (Dá uma bofetada em Sebastiana).
BARNABÉ

Ah! a senhora bate-me?







BARNABÉ (que tem continuado a pôr a mesa, corre para ela)

Ai! meu Deus! a senhora achou-se mal?

CENA VI

Os mesmos e Barnabé

BARNABÉ (entrando cautamente pelo fundo e vendo Sebastiana que encobre a senhora)
Sebastiana! A senhora ainda está no gabinete?
ETELVINA (indo para o pai)
Meu pai!
BARNABÉ (querendo safar-se)
Olha!
ETELVINA
Venha cá!
BARNABÉ
Eu volto logo.

ETELVINA



ETELVINA Fujo de Portugal, das suas leis, do seu código, dos seus costumes (ironicamente) e da sua justiça... BARNABÉ Mas, desgraçada, tu vais encontrar a mesma coisa no México. **ETELVINA** No México? BARNABÉ Portugal não tarda a lá chegar com a sua influência, com os seus jornais... **ETELVINA** Irei para a China. BARNABÉ

Não sabes que Portugal está em Macau! Basta lá estar o Camões na gruta.

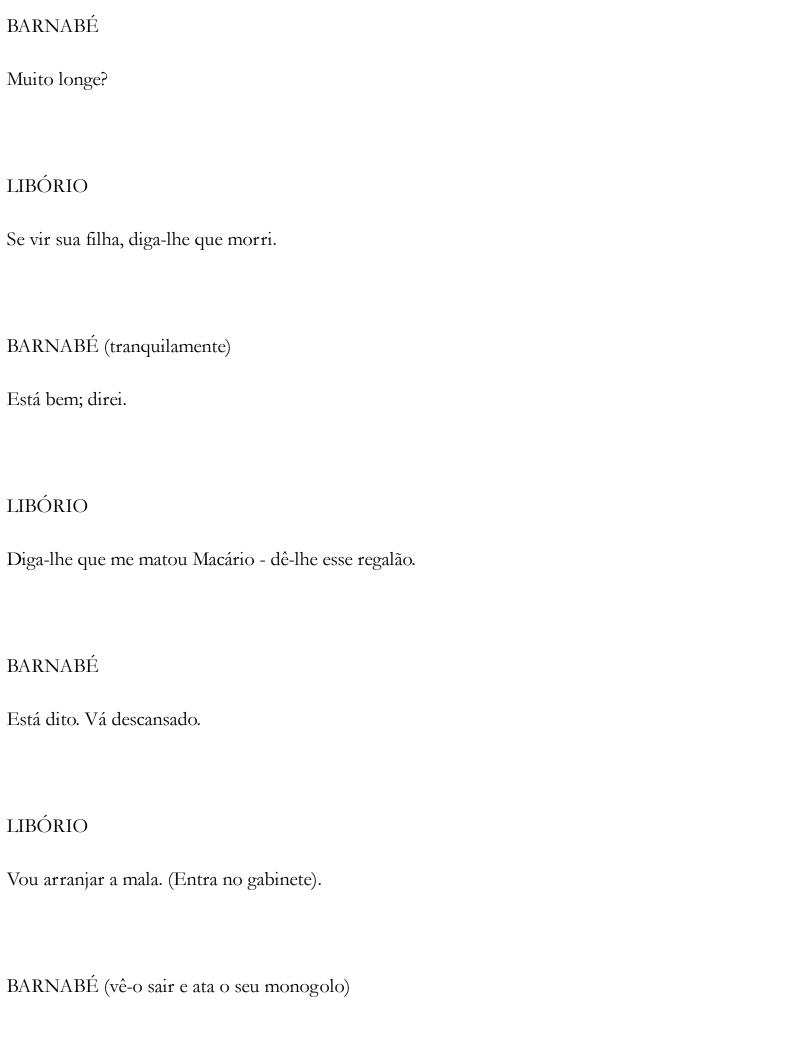
ETELVINA
Vou para o Japão.
BARNABÉ
Estão lá missionários portugueses os jesuítas que têm um olho muito fino
ETELVINA
Irei para uma ilha deserta. (Passa para a esquerda).
BARNABÉ
Ah! sim! se achares uma Ilhas desertas são hoje raríssimas Não se apanha meia
ETELVINA
O pai vai comigo?
BARNABÉ
Eu!

ETELVINA
É indispensável
BARNABÉ
Nunca! Pede-me o que quiseres; mas viver só contigo, isso, nunca!
ETELVINA
Não importa. Vou sozinha. (Repassa para a direita).
BARNABÉ
Filha! juizinho, filha.
ETELVINA
Eu já não tenho pai nem marido nem família. Parto! adeus! (sai pela porta da direita).
BARNABÉ (vendo-a sair, depois diz tranquilamente)
Falaram-me de uma casinha no Candal, e, se não for húmida, tem muitas comodidades. Fiquei de me encontrar com o agente ás cinco horas, e

CENA VII

Barnabé e Libório

LIBÓRIO (entrando pelo fundo, sem ver Barnabé, e olhando para a porta do gabinete que está aberta)
Ah! já a soltaram! Sim definitivamente é a melhor resolução (Vendo Barnabé)
Olá! o senhor!
BARNABÉ
Eu ia sair.
LIBÓRIO
Eu também parto.
BARNABÉ
E para onde vai?
LIBÓRIO
Isso é que eu não sei; sei que vou para muito longe. (Passa à esquerda).



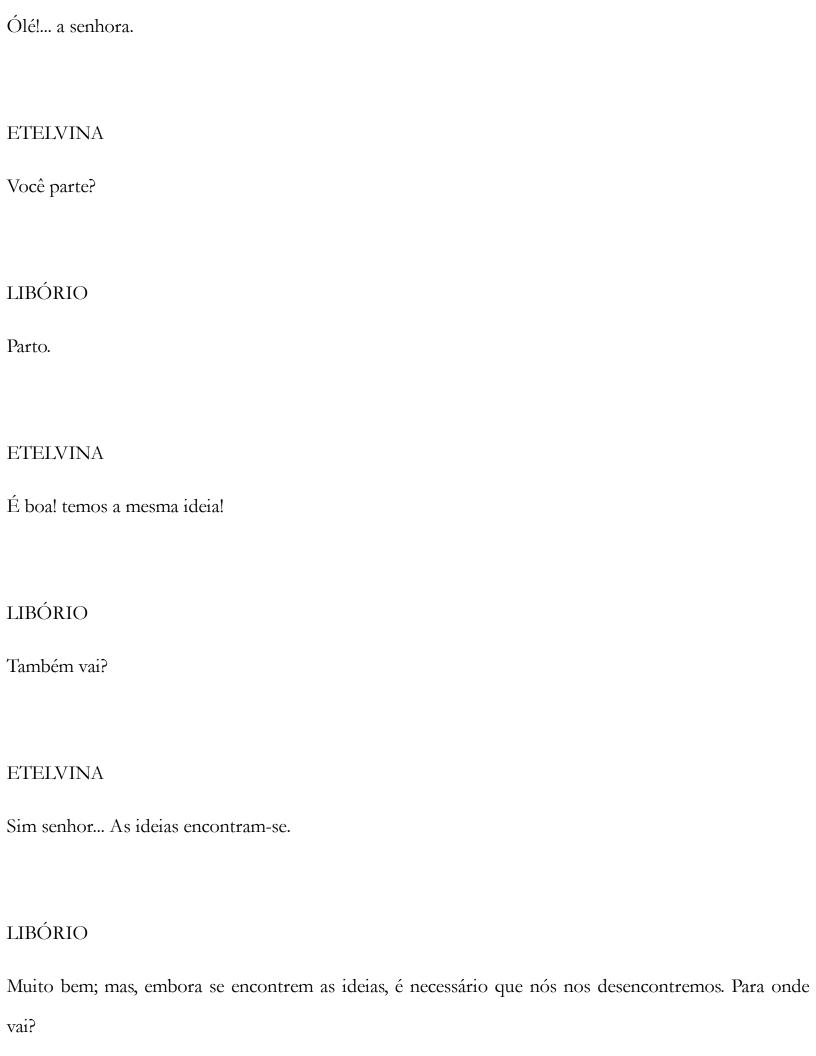
É no Candal, subúrbios de Vila Nova de Gaia; visitarei os armazéns. Gaia dizem que tem um castelo feito por um rei Mouro, e uma fonte célebre com uma água muito fina, que seria a melhor bebida do mundo, se não estivessem ali perto as garrafeiras de 1815. Logo ali ao pé está o convento da serra, um lugar histórico... É um belo arranjo... com repuxo. (Desaparece pelo fundo - A cena fica vazia).

CENA VIII

Libório e Etelvina

ETELVINA (entrando pela direita com uma maleta)
Creio que deixei aqui o meu xaile e o meu chapéu (Põe a maleta sobre a mesa)
LIBÓRIO (saindo do gabinete com a mala)
Onde diabo deixei eu a minha Guia de viajantes?
ETELVINA (achando o xaile e o chapéu sobre a cama)
Cá estão.
LIBÓRIO (achando a Guia)
Ela aqui está.
ETELVINA (parando junto dele)
Ah! o senhor

LIBÓRIO (surpreendido)



ETELVINA
Para onde o senhor não for.
LIBÓRIO
Temos o mesmo itinerário. (Assenta-se perto da jardineira, tendo a mala sobre os joelhos cujas correias
afivela, depois de lá ter metido pequenos objetos que tirou do mármore do fogão).
ETELVINA
Eu vou para o sul.
LIBÓRIO
Países quentes vai muito bem. Nesse caso, tomarei o caminho de ferro do norte.
ETELVINA
Ás mil maravilhas.
LIBÓRIO
Ora olhe (consulta o Guia)
Segue para Lisboa?

ETELVINA
Sigo no expresso.
LIBÓRIO
Ás 7 da tarde.
ETELVINA
Tão tarde!
LIBÓRIO
Vejamos a linha do norte. Quatro e quarenta e cinco que zanga!
ETELVINA
Daqui até lá, que se fazer?
LIBÓRIO
Uma ideia que o estomago me inspira. Estou em jejum. Jantarei antes de partir.

ETELVINA
Na estação de Campanhã? Pois vá! Eu faço o mesmo.
LIBÓRIO (a sair com a mala)

ETELVINA

Da mesma sorte. (Vão ambos a sair pela porta do fundo, e param, cedendo a passagem um ao outro cortesmente). Faz favor.

LIBÓRIO

Queira passar, minha senhora...

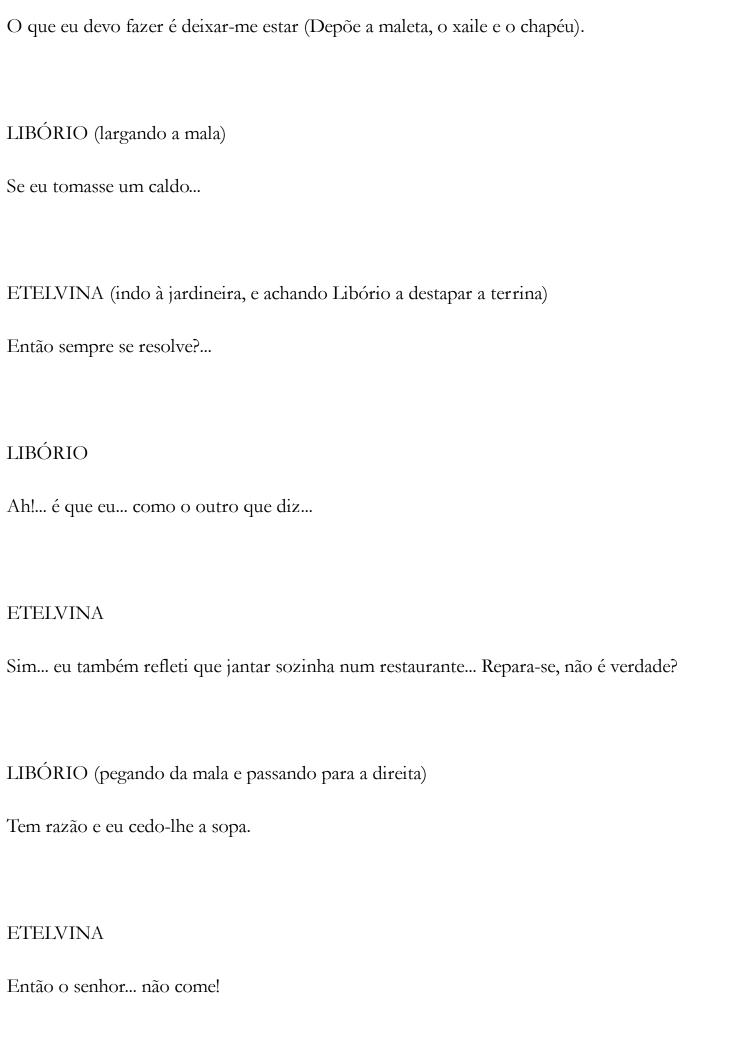
Adeusinho, e estimo que coma com bom apetite.

CENA IX

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ
Aqui está a sopa. (Passa por diante de Libório e coloca a terrina sobre o gueridon).
LIBÓRIO
A sopa! Como cheira bem!
BARNABÉ
Está uma delícia, meu senhor! (sai pelo fundo).
ETELVINA (á parte)
Uma senhora sozinha num restaurante
LIBÓRIO (aproximando-se da mesa)
Que aromática!

ETELVINA (á parte)



LIBÓRIO

Boa viagem. (sai pelo fundo).

CENA X

Etelvina e Libório

ETELVINA (só, parece muito agitada, e observa se Libório não volta)

O tempo deve estar entroviscado... Cá o sinto nos nervos! (Senta-se à esquerda da jardineira, e serve-se da sopa atabalhoadamente; come em silêncio)

Esta sopa é detestável! e depois não tenho apetite nenhum! (Arremessa a colher)

Que é o que eu vou fazer a Lisboa? É uma tolice. Viajar, para quê? Lisboa já eu conheço... Se eu fosse para o norte... (Erguendo-se raivosa contra si)

Oh! Etelvina! tu és incrível!... fazes coisas!... Eu fui muito injusta... porque ele amava-me... O meu pai foi o causador de tudo... Para que lhe disse ele... «Fez bem em matar Macário»? Oh! com certeza, teria ele feito uma boa ação, e a minha maior injustiça foi eu querer castiga-lo por isso... Papel selado!... que patife!...

LIBÓRIO (fora)

Vai aí à Batalha chamar o trem, depressa.

ETELVINA

É a voz dele!... voltou!...

CENA XI

Etelvina e Libório
LIBÓRIO (entrando pelo fundo)
Queira perdoar, minha senhora! Chove a cântaros; consentir que eu espere o trem que mandei buscar
ETELVINA
Pode esperar, e como está em jejum, e a sopa está excelente se quer
LIBÓRIO
A sopa cheira bem muito bem Isso é verdade.
ETELVINA
Se não receia que o envenene
LIBÓRIO
Oh! (reconsiderando)
Em fim (jovialmente)

visto que a senhora também come...

ETELVINA

Então sente-se.

LIBÓRIO

Pois sim... Nada, não quero... Tenho visto muitas comédias em que esposos zangados cometiam a imprudência de comer juntos, e à sobremesa tinham a desgraça de fazer as pazes... Eu não quero que a senhora se persuada...

ETELVINA

Sem cerimónia... Não quer?

LIBÓRIO

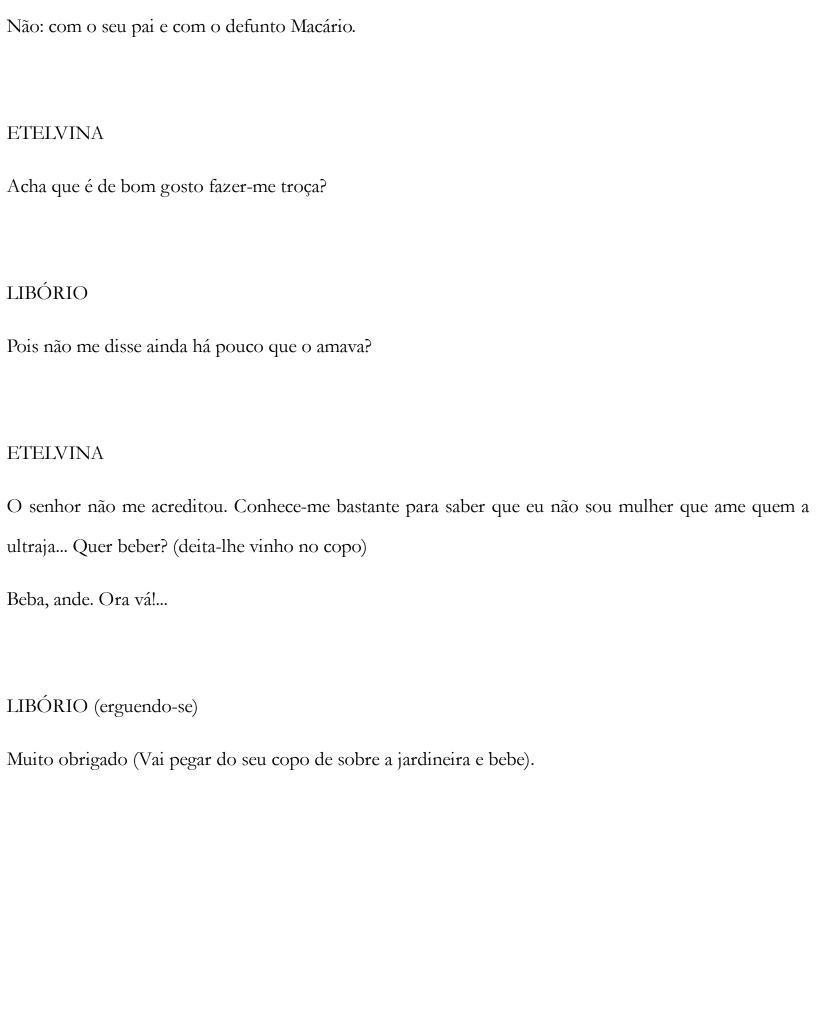
Não duvido... mas peço licença para comer a minha sopa, longe, acolá, sobre aquela mesa (Leva para a mesa da direita o seu talher e prato; à parte)

Antes quero isto.

ETELVINA

Á sua vontade... talvez estivesse mais seguro no pátio.

LIBÓRIO
Isso não, porque o vento me sacudiria a chuva sobre o prato. (come).
ETELVINA (comendo também)
Que triste tempo para viajar!
LIBÓRIO
Não tanto assim Em primeira classe vai-se agasalhado Mas pergunto eu: a senhora porque vai?
ETELVINA
Porque não quero estar no Porto.
LIBÓRIO
Mas, visto que eu me retiro, a senhora fique.
ETELVINA
Sozinha?
LIBÓRIO

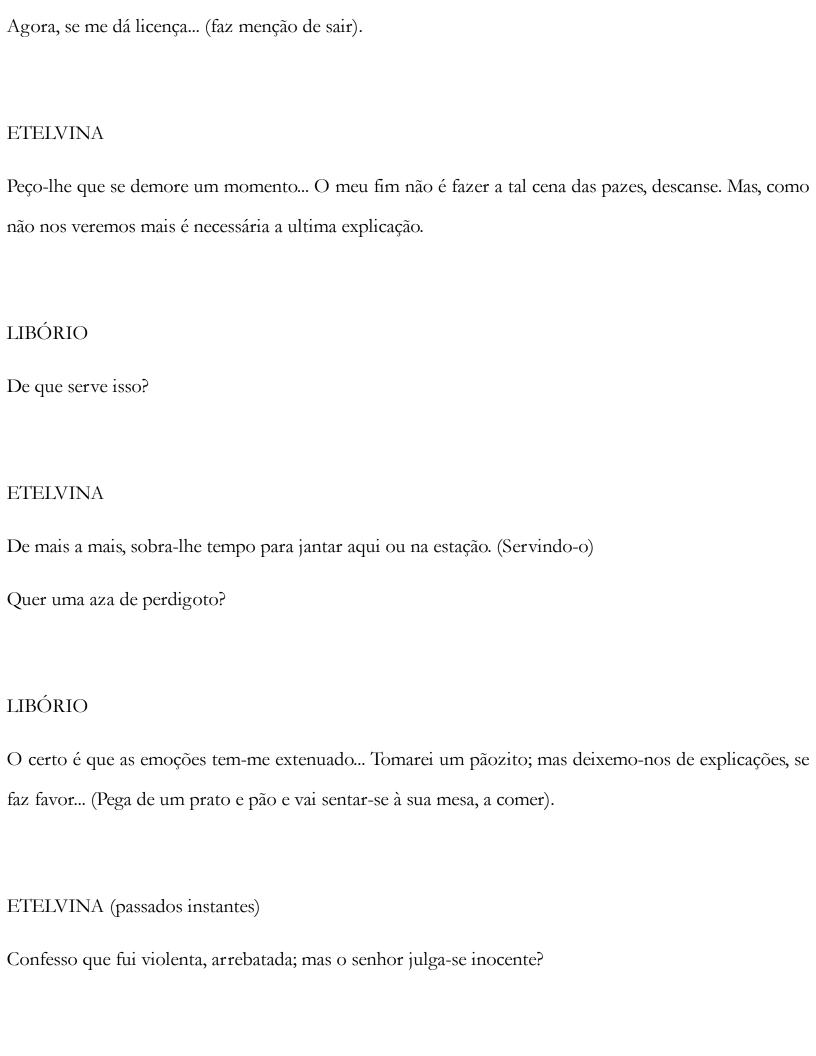


CENA XII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo com um prato)
Fi-la esperar, minha senhora: mas a causa foi o senhor que me mandou buscar um trem (a Libório:)
Já lá está.
LIBÓRIO (pousando o copo)
Ah! bem! (saudando)
Minha senhora!
ETELVINA (a meia voz)
Diante da criada, não. (alto)
Sai, Sebastiana.
BARNABÉ (pondo o prato sobre a jardineira)
Sim, minha senhora. (Sai pelo fundo levantando a terrina e os pratos servidos).

LIBÓRIO



LIBÓRIO

De modo nenhum. Eu pratiquei o enorme e condenável crime de me apresentar à senhora em forma de carta a participar um enterro. Confesso, contrito, a culpa. Se me levassem a uma polícia correcional e o juiz me perguntasse: «O Sr. Libório é réu?» Eu respondia: «Sou réu, Sr. juiz!»

ETELVINA

O senhor prestou-se a uma ridícula mistificação, uma fraude ultrajante, odiosa, só com o fim de dilacerar uma mulher.

LIBÓRIO

Não foi isso.

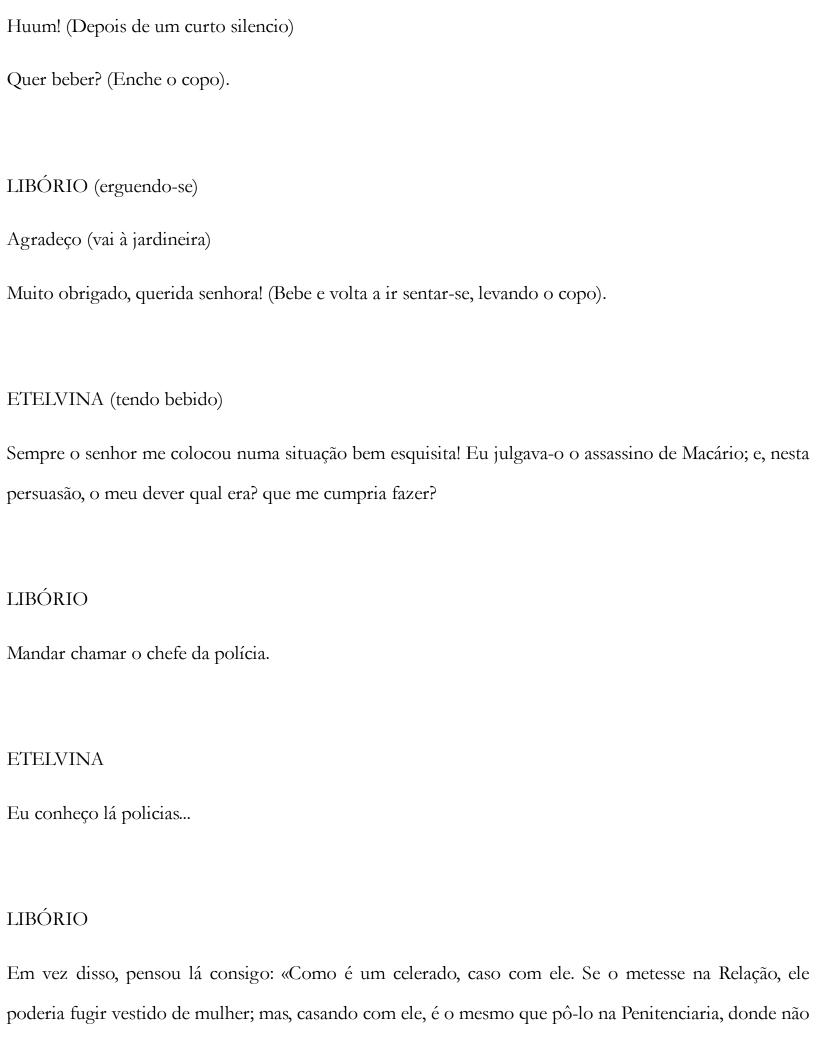
ETELVINA

Então que foi?

LIBÓRIO

O caso é este. Macário tinha-me dito o diabo a quatro da senhora. Ora eu tenho cá para mim que quanto mais mal se diz de uma mulher, mais se deseja ser amado dela. A alma do homem é assim formada de estupidez e capricho...

ETELVINA



se foge facilmente.

ETELVINA (erguendo-se e vindo ao meio)

E isso é tão verdade que o senhor goza a liberdade de retirar-se quando quiser.

LIBÓRIO

Mas pergunto eu: tenho liberdade para oferecer a outra o nome que lhe dei? Posso mentir, enganar... e mais nada. Com toda a certeza, hei de esquecê-la; mas levar tempo... Não me finjo mais forte do que sou... Esta manhã ainda eu a amava... Como os homens são, senhora!... As mulheres, ás vezes, agradam pelos seus defeitos... e a senhora estava na conta. A senhora chorava de raiva; e eu ao deixa-la, chorava imbecilmente de saudade... de amor! (Ergue se)

Estupida confissão, mas verdadeira!... (Passa à esquerda)

Ah! Como os homens são bestas! Graças vos sejam dadas, Senhor! Isto acabou-se! (Etelvina, sem lhe responder, corre à janela que abre).

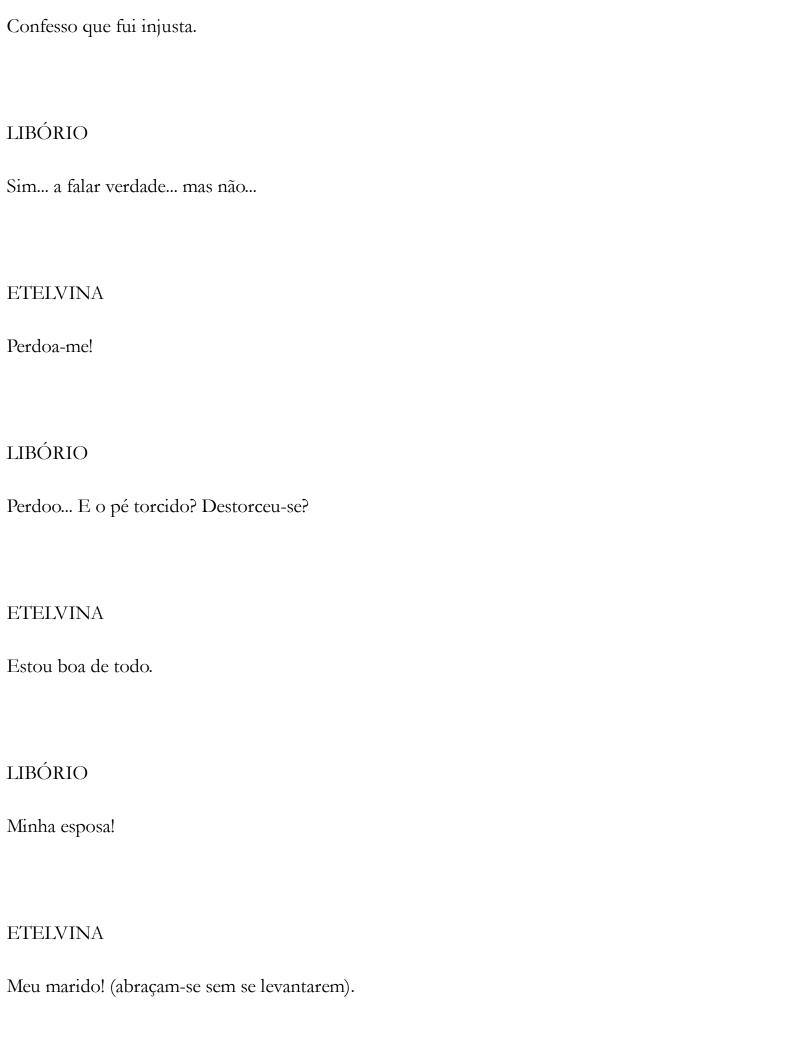
ETELVINA (atirando dinheiro à rua)

Cocheiro, aí tem 10 tostões; vá-se embora.

LIBÓRIO

Como é isso? ele é o meu cocheiro.

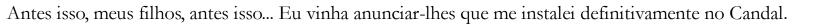
ETELVINA
Libório! eu amo-te!
LIBÓRIO
Como?
ETELVINA
Tu não te vais embora!
LIBÓRIO
Não vou?
ETELVINA
Peço-te perdão, peço-to de joelhos! (ajoelha).
LIBÓRIO (ajoelhando-se também)
Tu de joelhos!
ETELVINA



CENA XIII

Libório, Etelvina, Barnabé e Sebastiana	
BARNABÉ (entra pelo fundo e recua)	
Eles lá se estão a trincar um ao outro!	
LIBÓRIO (erguendo-se)	
Está enganado não nos trincamos.	
ETELVINA (o mesmo)	
Meu pai, eu adoro o meu marido!	
BARNABÉ	
Ora ainda bem!	
LIBÓRIO	
Aqui entre nós, eu creio que ela está de todo desmiuçada.	

BARNABÉ



BARNABÉ (a Libório)

Meu senhor, a sege foi-se embora. Quer que se chame outra?

LIBÓRIO

Só se for para meu sogro que se muda, acho eu...

BARNABÉ

Efetivamente mudo para sermos todos felizes de uma assentada. Gosto do Candal. Tenho lá para me entreter o castelo do rei mouro, os armazéns de Vila Nova. Nos armazéns... oh! isso lá é que há fontes sem ser moiras; fontes cristãs... cristãs talvez de mais, por serem muito batizadas... E depois a serra do Pilar, lugares históricos, etc. Vocês cá ficam muito felizes...

ETELVINA

Sim, meu pai, muito felizes... (abraça estremecidamente o marido).

LIBÓRIO (com ternura)

Então, esta noite, não me penduras a bota nem escondes o chinelo?

ETELVINA (com meiguice)
Não.
LIBÓRIO
Nem torces um pé?
ETELVINA
Também não
BARNABÉ
Bem! Regalem-se por cá. Lua de mel à portuguesa e nada de México
EIM
FIM